



Artes Visuais

Rosangela Gonçalves de Oliveira

Rozane Suzart Gesteira



**INSTITUTO FEDERAL
PARANÁ**
Educação à Distância

**Curitiba-PR
2011**

Presidência da República Federativa do Brasil

Ministério da Educação

Secretaria de Educação a Distância

© INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA - PARANÁ -
EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Este Caderno foi elaborado pelo Instituto Federal do Paraná para o Sistema Escola
Técnica Aberta do Brasil - e-Tec Brasil.

Prof. Irineu Mario Colombo
Reitor

Profª. Mara Chistina Vilas Boas
Chefe de Gabinete

Prof. Ezequiel Westphal
Pró-Reitoria de Ensino - PROENS

Prof. Gilmar José Ferreira dos Santos
Pró-Reitoria de Administração - PROAD

Prof. Paulo Tetuo Yamamoto
**Pró-Reitoria de Extensão, Pesquisa e Inovação -
PROEPI**

Neide Alves
**Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e Assuntos
Estudantis - PROGEPE**

Prof. Carlos Alberto de Ávila
**Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento
Institucional - PROPLADI**

Prof. José Carlos Ciccarino
Diretor Geral de Educação a Distância

Prof. Ricardo Herrera
**Diretor de Planejamento e Administração
EaD - IFPR**

Profª Mércia Freire Rocha Cordeiro Machado
**Diretora de Ensino, Pesquisa e Extensão
EaD - IFPR**

Profª Cristina Maria Ayroza
**Coordenadora Pedagógica de Educação a
Distância**

Prof. Otávio Bezerra Sampaio
Profª. Marisela García Hernández
Profª. Adnilra Selma Moreira da Silva Sandeski
Prof. Helton Pacheco
Coordenadores do Curso

Izabel Regina Bastos
Patrícia Machado
Assistência Pedagógica

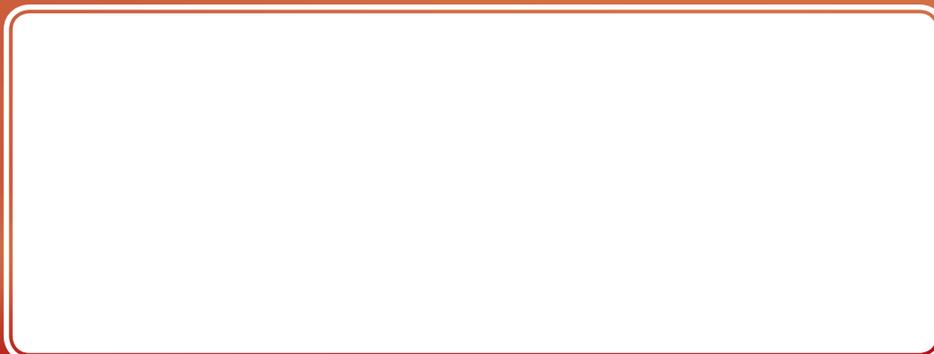
Profª Ester dos Santos Oliveira
Jaime Machado Valente dos Santos
Profª Telma Lobo Dias
Revisão Editorial

Profª. Rosângela de Oliveira
Análise Didática Metodológica - PROEJA

Flávia Terezinha Vianna da Silva
Diagramação

e-Tec/MEC
Projeto Gráfico

**Catálogo na fonte pela Biblioteca do Instituto Federal de Educação,
Ciência e Tecnologia - Paraná**



Apresentação e-Tec Brasil

Prezado estudante,

Bem-vindo ao e-Tec Brasil!

Você faz parte de uma rede nacional pública de ensino, a Escola Técnica Aberta do Brasil, instituída pelo Decreto nº 6.301, de 12 de dezembro 2007, com o objetivo de democratizar o acesso ao ensino técnico público, na modalidade a distância. O programa é resultado de uma parceria entre o Ministério da Educação, por meio das Secretarias de Educação a Distância (SEED) e de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), as universidades e escolas técnicas estaduais e federais.

A educação a distância no nosso país, de dimensões continentais e grande diversidade regional e cultural, longe de distanciar, aproxima as pessoas ao garantir acesso à educação de qualidade, e promover o fortalecimento da formação de jovens moradores de regiões distantes, geograficamente ou economicamente, dos grandes centros.

O e-Tec Brasil leva os cursos técnicos a locais distantes das instituições de ensino e para a periferia das grandes cidades, incentivando os jovens a concluir o ensino médio. Os cursos são ofertados pelas instituições públicas de ensino e o atendimento ao estudante é realizado em escolas-polo integrantes das redes públicas municipais e estaduais.

O Ministério da Educação, as instituições públicas de ensino técnico, seus servidores técnicos e professores acreditam que uma educação profissional qualificada – integradora do ensino médio e educação técnica, – é capaz de promover o cidadão com capacidades para produzir, mas também com autonomia diante das diferentes dimensões da realidade: cultural, social, familiar, esportiva, política e ética.

Nós acreditamos em você!

Desejamos sucesso na sua formação profissional!

Ministério da Educação
Janeiro de 2010

Nosso contato
etecbrasil@mec.gov.br

Indicação de ícones

Os ícones são elementos gráficos utilizados para ampliar as formas de linguagem e facilitar a organização e a leitura hipertextual.



Atenção: indica pontos de maior relevância no texto.



Saiba mais: oferece novas informações que enriquecem o assunto ou “curiosidades” e notícias recentes relacionadas ao tema estudado.



Glossário: indica a definição de um termo, palavra ou expressão utilizada no texto.



Mídias integradas: sempre que se desejar que os estudantes desenvolvam atividades empregando diferentes mídias: vídeos, filmes, jornais, ambiente AVEA e outras.



Atividades de aprendizagem: apresenta atividades em diferentes níveis de aprendizagem para que o estudante possa realizá-las e conferir o seu domínio do tema estudado.

Sumário

Palavra dos professores-autores	9
Aula 1 – Vamos nos comunicar com arte!	11
1.1 “Tá de arte menina”?!.....	11
Aula 2 – Eu gosto e daí?	17
Aula 3 – A vida não imita a arte. Imita um programa ruim de televisão. Paulo Leminski	23
3.1 O ponto.....	23
3.2 A linha.....	25
3.3 A forma.....	28
Aula 4 – A arte é a autoexpressão lutando para ser absoluta. Fernando Pessoa	31
4.1 A Cor na arte e na comunicação visual.....	31
4.2 Cores quentes e cores frias.....	33
Aula 5 – Ai, eu entrei na roda; Ai, eu não sei como se dança; Ai, eu entrei na “rodadança”; Ai, eu não sei dançar	37
5.1 O círculo na cultura.....	37
5.2 A circularidade nas manifestações populares.....	38
5.3 O círculo e a composição: sempre uma opção?.....	39
Aula 6 – Sentir é pensar sem ideias, e por isso sentir é compreender, visto que o universo não tem ideia. Fernando Pessoa	43
6.1 A composição na linguagem visual.....	43
6.2 Sensações e composição.....	44
Aula 7 – Roda cutia de noite e de dia...	49
Aula 8 – A juventude é uma banda numa propaganda de refrigerante (Música: Terra de Gigantes; Engenheiros do Hawaii)	55
Aula 9 – Se o filme for bom, o som pode sumir que o público ainda teria uma ideia perfeitamente clara do que está acontecendo. Alfred Hitchcock	61
9.1 Arte Mídia.....	61
Aula 10 – Que ninguém se engane só se consegue a simplicidade através de muito trabalho. Clarice Lispector	65
10.1 Arte numérica.....	65
Aula 11 – O tempo é a imagem móvel da eternidade imóvel. Platão	67
11.1 Animação quadro a quadro.....	67
11.2 Dar vida a imagem – um desejo antigo.....	68

11.3 Fazendo uma animação quadro-a-quadro com massinhas de modelar.....	69
Aula 12 – Nós somos jovens, jovens, jovens somos do exército do surf (Composição: Pataccini e Mogol).....	73
Aula 13 – Quando o apito da fábrica de tecidos; Vem ferir os meus ouvidos; Eu me lembro de você (Música: Noel Rosa).....	79
Aula 14 – Uma ideia é um ponto de partida e nada mais. Logo que se começa a elaborá-la, é transformada pelo pensamento. Pablo Picasso.....	83
14.1 Tridimensional e Bidimensional.....	83
14.2 Obras tridimensionais.....	84
Aula 15 – Pensaram que eu era surrealista, mas nunca fui. Nunca pintei sonhos, só pintei a minha própria realidade. Frida Kahlo.....	89
15.1 Arte figurativa.....	89
15.2 Arte abstrata.....	89
Aula 16 – ... ai quem me dera se essa rua fosse minha só andava descalço pra nela sempre tocar ... (A Rua É Nós; Projota).....	93
Aula 17 – Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo, e com 5 ou 6 retas é fácil fazer um castelo. Toquinho.....	99
17.1 A imagem como suporte do texto.....	99
17.2 Ilustração e criatividade.....	101
Aula 18 – Navegar é preciso, viver não é preciso. (Fernando Pessoa).....	105
18.1 Pensando no equilíbrio.....	106
18.2 Os pintores saem dos ateliês.....	107
Aula 19 – Até o último suspiro a vida é um processo. Lya Luft.....	111
19.1 A importância das colagens nas artes visuais.....	111
19.2 A sensação tátil.....	112
19.3 Fotomontagens.....	113
Aula 20 – Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo, perdeste o senso! E eu vos direi, no entanto Que, para ouvi-las, muitas vezes desperto E abro as janelas, pálido de espanto...(Olavo Bilac).....	117
Referências.....	123
Referências das figuras.....	127
Atividades autoinstrutivas.....	143
Currículos dos professores-autores.....	163

Palavra dos professores-autores

Olá educanda ou educando do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação Jovens e Adultos (PROEJA). UFA!!

É com muita alegria que escrevemos para vocês esse material de Arte. Você verá essa disciplina duas vezes e essa é a primeira parte da disciplina.



Somos duas professoras, Rosângela e a Rozane; vamos acompanhar você no seu percurso de leitura, para isso temos avatares que nada mais são do que nossa representação como personagem. A função deles é de te acompanhar por todo o livro.



Agora vamos fazer uma breve descrição do que veremos nesse material e nas aulas de arte para que você já saiba sobre o que trataremos.

Abordaremos nessa disciplina, e no material, as linguagens artísticas que compõem as Artes Visuais, as Artes Cênicas e a Dança. A Música terá um material próprio para o trabalho com um tempo próprio também, mas não vamos nos privar de sua presença no material, nem nas aulas depois, vamos ouvir música sempre que ela estiver acompanhando as manifestações estudadas. Serão vinte aulas ao todo.

No final do livro você encontrará as imagens usadas, a maioria delas com uma descrição detalhada dos autores; fizemos isso pois acreditamos que possa ajudar na ampliação de seu conhecimento.

As perguntas auto instrutivas estão, na sua maioria ligadas às atividades de cada aula sendo assim é importante que você as realize; encontrarão também algumas perguntas de arte das provas do ENEM. Importante: elas não estão na ordem das aulas, mas os conteúdos estão, portanto você precisará ler e estudar todo o livro.

Bem, nessas vinte aulas, que dividimos por capítulos, estudaremos um pouco sobre o sentido da arte para a humanidade, também analisaremos quais são os elementos que constituem a essência das linguagens artísticas e como elas podem se complementar em muitas manifestações artísticas.

Então vamos lá mãos à obra, que será de arrasar.

*Rosângela Gonçalves de Oliveira
Rozane Suzart Gesteira*

Aula 1 – Vamos nos comunicar com arte!

Nesta aula você conhecerá a presença da arte na nossa vida e como ela pode ser estudada como linguagem. Você também aprenderá o que é linguagem e as diversas maneiras de expressar-se na arte.

1.1 “Tá de arte menina”?!

Bem já me apresentei pra você, mas só pra gravar sou a Professora Rho. Esse desenho aí do lado é minha personagem, ela me representará.

Para começarmos é bom dizer que existem muitas maneiras de estudar arte. Podemos estudar pesquisando a história dos artistas, suas técnicas e produções.

Poderíamos escolher uma maneira de produzir arte e percorrer esse caminho, estudando suas possibilidades de criação, ou ainda interagir nas obras que os artistas produziram colocando nossas impressões.

No entanto, entendemos que arte também é um meio de comunicação.

É uma **linguagem**.

O que você acha que é linguagem?

Bem, se você pensa que é tudo que usamos para nos comunicar, acertou. Mas, não são apenas palavras que usamos na comunicação, podemos usar gestos, desenhos, cores, letras, cheiros e outras tantas possibilidades. Temos categorias que determinam os signos visuais, são elas: os **indícios**, os **ícones** e os **símbolos**. Uns planejados para determinado fim comunicacional, outros serão escolhidos para representar e comunicar, pois não foram criados, ou são naturais, ou causais. Muitos são universais, outros muito particulares ou mudam de acordo com o grupo social em que se encontram, mas todos compõem a linguagem, pois constituem-se elementos dela.

Linguagem para Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa significa:

Qualquer sistema de signos (não só vocais ou escritos, como também visuais, fisionômicos, sonoros, de gestos, etc.) capaz de servir à comunicação entre os indivíduos. A linguagem articulada é apenas um desses sistemas. (RABAÇA & BARBOSA ,1987, p. 367)



A-Z

Indícios

São signos visuais que têm origem em formas ou situações naturais ou casuais. Através da acumulação de experiências, devido à ocorrência de situações idênticas, indicam algo e adquirem significado. Exemplo: nuvens negras indicam tempestade; marcas dos pneus de um carro indicam travagem brusca.

Ícones

São signos que representam um modelo imitativo de um objeto, de uma forma, de um espaço ou uma situação. São característicos das artes plásticas e dos meios de comunicação de massa. Exemplos: uma fotografia, um mapa, um diagrama, etc.

Símbolos

São signos visuais que designam o objeto de uma maneira totalmente livre, independentemente de semelhanças ou de uma ligação direta com ele. O significado é estabelecido através de normas e convenções. Para serem entendidos necessitam de uma prévia explicação.

Exemplos: leão - símbolo da força e do Sporting.

Fonte: <http://www.prof2000.pt/users/secjeste/svisuais/Pg000500.htm>

A-Z

Expressão

1. Ato ou efeito de exprimir;
2. Maneira de exprimir; frase, palavra; 3. Manifestação de um sentimento; 4. Caráter, sentimentos íntimos, manifestados pelos gestos ou pelo jogo da fisionomia.

Guache

Preparação feita com substâncias corantes, diluídas em água, a que se adicionou goma-arábica e mel para torná-las pastosas.

Afresco

Gênero de pintura feita sobre parede, com base de gesso ou argamassa antes de secar.



Dois sítios para visitar:

1º – Faça uma visita virtual ao Museu Nacional de Antropologia – México
<http://www.inah.gob.mx/paseos/mna>

2º – Um sítio inglês Mexicolore onde você encontra mais peças e informações sobre a cultura Azteca.
<http://www.mexicolore.co.uk>

E na arte? Bem na arte você encontra várias formas de **expressão**.

Nas artes visuais podemos nos expressar na pintura, na gravura, na escultura, na modelagem, na fotografia, no desenho, na arquitetura, no cinema, em uma instalação, na moda, na decoração, no paisagismo. Cada um destes se desdobra em muitas outras possibilidades. Por exemplo, na pintura podemos encontrar a pintura em tela, ou em outra superfície usando para pintar uma variedade de tinta. As mais usadas são a tinta óleo, ou o **guache**, ou a tinta acrílica. Podemos também colocar na categoria de pintura um mural, ou **afresco**. Veja, a seguir, dois exemplos desta técnica que são muito antigas e foram feitas por civilizações de culturas diferentes, uma no México e a outra na Itália, porém elas têm algo em comum: ambas fazem alusão à crença de seus povos.



Figura 1.1: A pintura mural Tepantitla em Teotihuacan mostra cenas de Tlalocan

Fonte: Foto de Raul Lisboa – 05/10/2010



Figura 1.2: Vênus Anadyomenes, Casa de Vênus

Fonte: <http://www.fffch.usp.br>

Bem, quando olhamos a arte como linguagem, podemos constatar o quanto ela é importante para nós enquanto sujeitos pensantes, com necessidade de expressarmos nossas ideias e sentimentos. Seja uma manifestação que possui como tema nossas crenças, ou uma que diz respeito a nosso amor fraternal.

Também manifestamos pela arte sentimentos como, por exemplo, ódio, ciúme, vergonha, horror e muitas outras emoções que podem estar representadas sozinhas ou em composição. Usamos a arte também como marca de nossas identidades individuais ou coletivas.

Você pode estar se perguntando: se a arte pode ser vista como linguagem, como reconheço essa linguagem ou como compreendo o que o outro está dizendo, ou ainda, como posso usar dessa linguagem para também me manifestar?



Esta é a chave para nosso trabalho, vamos, no tempo que temos, conhecer e experimentar essas formas.

Já vimos antes que para cada categoria (pintura, escultura, etc) temos uma variedade de possibilidades. Porém, essas são técnicas, ou melhor, formas de desenvolver o trabalho criador. Mas o que exatamente estamos falando?

Para melhor visualizarmos essa explicação vamos fazer uma comparação com a escrita. Para escrever precisamos de símbolos que traduzam nossas intenções de comunicação. No nosso caso usamos as letras do alfabeto. Sem letras não temos textos escritos, com suas frases e parágrafos. Nas artes também. Cada manifestação possui elementos que fazem o seu fundamento e sem eles não existe aquela manifestação artística.

Trata-se da estrutura que o fazer artístico requer para promover a **experiência estética** dos trabalhos de Arte. Ou seja, o conhecer, o apreciar e o fazer. É aquilo que está por trás do que se compartilha com o público.

A-Z

Experiência estética de maneira bem simples é a experiência única e individual do belo.

Não fica apenas na técnica, temos um contexto que necessita ser conhecido e considerado. Pois entender tudo que envolveu aquele trabalho ou manifestação é indispensável. São componentes básicos da Arte: a linguagem, os elementos essenciais, os subtextos da Arte.

Cada linguagem artística possui componentes básicos por meio dos quais ela se manifesta, ou seja:

- artes visuais (forma e luz);
- música (som);
- teatro (dramatização);
- dança (movimento).

São esses elementos que estarão presentes no nosso material. A principal razão disso é de ensinar o básico da arte para que possam ver, sentir e ouvir com outras referências a constituição dessas obras, tanto as do mercado de arte, identificadas e qualificadas como tal, quanto produções feitas por você, seus vizinhos, amigos, comunidade.

Mais um exemplo para concluirmos essa primeira aula. No passado os padres católicos rezavam suas missas em latim e os fiéis mais estudados entendiam e liam a bíblia. Porém esses fiéis eram em número muito reduzido. A esmagadora maioria não entendia o latim e muito menos lia.

Como garantir que todos entendessem os preceitos da religião e seguissem as orientações da igreja?

A principal aliada dos párocos na conversão dos seus seguidores era a pintura que, realizada por artistas da época, intensificava as doutrinas. Uma das mais valiosas e famosas é a Capela Sistina na Itália, construída no final do século XV. As pinturas do teto que tem ao centro A Criação de Adão e levou em torno de quatro anos para finalizar e a da parede do altar onde está a obra O Juízo Final são de Michelangelo. As representações dos textos bíblicos em imagens.



Figura 1.3: Esse é o teto da Capela, mas toda ela tem as pinturas do Michelangelo

Fonte: www.shutterstock.com



Outra representação, esta mais recente, por volta do século XI ou XII, é a Via Crucis que mostra toda a trajetória de Jesus carregando a cruz até sua crucificação. São muitas dessas obras reconhecidas como obras de arte.

Mas podemos vê-las com outras referências. Na imagem do teto da Capela Sistina podemos destacar, por exemplo, a profundidade das pinturas, as cores usadas, a textura usada para representar as vestes. Dentre outros tantos detalhes fantásticos que não diminuem a obra maravilhosa de Michelangelo, muito pelo contrário, orientam nosso olhar para vermos mais e melhor aprofundando nossa experiência estética. São referências que podemos e devemos trazer também para nosso dia a dia, nos nossos afazeres e nas criações que nos rodeiam, sendo ou não reconhecidas como obras de arte.

Resumo

Nessa aula você estudou que podemos: entender, ver e sentir a arte como linguagem.

Vimos que linguagem são as representações que usamos para nos comunicar.

Conhecemos os elementos essenciais que compõe as manifestações artísticas. São eles: forma e luz para as artes visuais; o som para a música; a dramatização para o teatro; e o movimento para a dança.

Vimos também que para cada elemento destes têm muitos outros que o compõe. E que podemos nos expressar com arte de múltiplas formas.

Atividades de aprendizagem

O artista plástico francês René Magritte é o autor desta imagem. A tradução da frase escrita no quadro é "Isso não é um cachimbo". Como representantes do surrealismo ele trabalha com os limites entre o real e o imaginário. O cachimbo de Magritte é real e irreal, ao mesmo tempo. Como o sonho, tema central dos surrealistas.



- Olhe a imagem a seguir e responda a questão.



Figura 1.4: Magritte 1929 – A traição das imagens

Fonte: <http://3.bp.blogspot.com>

Descreva com suas palavras, com base no que vimos na aula, o que a sugestão de Magritte se relaciona com nossa aula? Que tipo de reflexão entre imagem e texto você pode fazer?

Aula 2 – Eu gosto e daí?

Nessa aula você vai estudar o belo, a estética e como ela é parte importante das nossas relações sociais. Veremos também o que é uma experiência estética e como é possível reconhecer quando isso acontecer com você.

Você nunca se perguntou por que algumas obras de arte são tão valiosas? Minha vizinha faz um artesanato tão lindo e não tem o mesmo valor. Ou ainda, as roupas de maracatu são obras de arte pra mim, porque não vão para um museu?



Ou, porque isso é considerado bonito? Mas então o que é arte?

E na escola, você nunca se perguntou: Porque tenho que aprender esse conhecimento?

Bem, vejamos então se conseguimos desvendar alguns destes mistérios. Penso que podemos resolver todos. Você já deve ter escutado alguém falar que gosto não se discute. Vamos começar discordando desta frase porque normalmente não gostamos do que não conhecemos. Quando aprendemos mais sobre algo que, a princípio, não gostamos aprendemos a apreciá-lo.

Se isso é um processo de reconhecimento, estudar as diferentes obras de arte que foram construídas ao longo dos anos é um primeiro passo para reconhecer nelas sua beleza. Mas os padrões de beleza nem sempre foram os mesmos para todos no mundo em todas as épocas e ainda são diferentes. Porém houve um tempo, por exemplo, na história antiga, em que a beleza tinha como padrão homens altos, musculatura bem definida, jovens, estilo atletas com todas as medidas **proporcionais**. Esse modelo de beleza veio da **Grécia antiga** e está presente ainda nos dias de hoje. Vejam, são 2000 anos antes de Jesus Cristo ter nascido, é muito tempo, né? Mas ainda temos nos nossos entendimentos de belo essa referência. Pensem nos corpos jovens masculinos que estão na televisão, revistas e boa parte dos filmes produzidos em Hollywood, nos Estados Unidos da América. Hoje eles são mais magros, mas continuam muito musculosos e atléticos.

A-Z

Proporcionais

1. Fazer com que duas coisas conservem entre si uma determinada proporção;
2. Fig. Harmônico, simétrico, bem proporcionado.



Grécia antiga – civilização que se desenvolveu entre 2000 a.C. e 500 a.C. de onde herdamos muito de sua cultura. Os gregos contribuíram nas formas de pensar e agir, de pensar e fazer a ciência, as artes, principalmente as artes visuais e teatro e que são base das ciências humanas, exatas e biológicas da atualidade.



Veja o que o PAREDES, C.V nos diz sobre tatuagem no passado: Os bretões, povo bárbaro que habitava a região da atual Grã-Bretanha, pintavam o rosto com várias cores para intimidar invasores. No Império Romano, os escravos eram tatuados. Na França do século XVIII, criminosos ganhavam uma pintura na pele muitas vezes uma marca com ferro quente. Prostitutas, piratas e marinheiros também se tatuam há séculos, como sinal de valentia e também para demarcar seus grupos sociais. Comum era as prostitutas levarem uma marca de seus cafetões, onde tinha como significado um atestado de propriedade. (2003, p10)



Há mais de mil anos, a hena é tatuada no corpo das mulheres orientais para trazer sorte e saúde. Ela também aparece nos rituais femininos de beleza para colorir, dar brilho e vigor aos cabelos.

Os indianos têm uma explicação romântica para a origem da hena, pigmento vermelho extraído da Lawsonia inermis, planta surgida no Oriente e no norte da África. Segundo eles, o deus Shiva não olhava mais para as mulheres depois de ter ficado viúvo. No entanto, Parvati apaixonou-se por ele e fez de tudo para chamar sua atenção. Um dos artifícios usados foi aplicar tatuagens de hena nas mãos, que se tornaram muito sensuais. Seu esforço para conquistar o coração do poderoso deus valeu a pena, e ela não demorou a se casar com ele. "A hena representa a força da mulher e está associada à feminilidade", explica Sundari Shakti, coordenadora do Instituto Yaad de Cultura Indiana, em São Paulo.

Também conhecida como mehendi, em sânscrito, a hena é presença obrigatória em celebrações religiosas da Índia. Um exemplo é o casamento. Um dia antes da cerimônia, a noiva é tatuada com desenhos que simbolizam energias positivas, purificação, saúde e riqueza. "É uma espécie de ritual de preparação para deixar a casa de seus pais e começar uma nova vida ao lado do marido", continua ela. A tatuagem também está relacionada à perda da virgindade e é tida como um poderoso elemento de sedução. Os grafismos ainda aparecem como adorno corporal em outros momentos importantes da vida da comunidade, como enterros e batizados, e são aplicados sempre nos pés, nas mãos ou na ponta dos dedos.

Em muitas ocasiões, o pó de hena cobre essas partes do corpo como proteção contra os maus espíritos.

Fonte: http://luestilo.blogspot.com/2011_09_11_archive.html



Você deve estar perguntando por que eu não estou falando das mulheres. Eu estaria fazendo essa pergunta se estivesse lendo esse material. Mas a resposta não é tão simples como a do padrão de beleza masculino. Para definir a beleza feminina ao longo dos séculos pelas diferentes civilizações e culturas precisamos de mais tempo. É que as mulheres são, em muitas civilizações, consideradas como seres inferiores e que existem somente para satisfazer as necessidades de seus senhores outras culturas cobrem totalmente suas mulheres. Vejam... não vamos falar das questões feministas aqui, mas temos que lembrar que ainda hoje temos diferentes formas de ver e definir a beleza feminina. Por exemplo, alguns grupos gostam que suas meninas usem piercings e tatuagens. Porém, essa prática de ornar seu corpo com desenhos e enfeites não é igual para todos e nem passou pelos séculos com o mesmo conceito de beleza. Para algumas comunidades essa era uma marca muito negativa.



Figura 2.1: Body Piercing
Fonte: www.shutterstock.com



Figura 2.2: Tatuagem feminina ocidental e tatuagem em henna, característica da cultura indiana.
Fonte: www.shutterstock.com

Vejam, é só uma minúscula ilustração de como as formas de embelezamento feminino mudam no tempo, no espaço geográfico, nos grupos, nas classes sociais, e em muitas outras variáveis. Temos outras inúmeras formas de definir o belo nas pessoas.

Essas formas de definir o belo também influenciam as artes e para estudar o belo temos uma parte da filosofia que é a estética.

Isso significa, segundo Hegel, que a estética é uma ciência filosófica que estuda as diferentes percepções do que se considera bonito, a sua natureza de beleza e que produz emoção, diferentes técnicas artísticas, a ideia de criação e de obra de arte, mas ela também estuda os opostos do belo, preocupa-se em entender o significado do feio, do insignificante, do diferente ao padrão de beleza.



E quem diz o que é bonito e o que é feio?

Quem designa o que está bom e perfeito e o que não está, é diferente e bizarro? Julgando o que podemos reconhecer como uma obra de arte com valor de mercado?

Nesse quesito podemos chamar os especialistas para que determinem o que é arte e quanto vale determinada obra. Alguns elementos que interferem nesse julgamento são: o uso das técnicas; o ineditismo da forma e/ou da intenção da obra; a composição.

A filósofa brasileira Marile Chaui descreve de maneira **sintética** o que busca uma obra de arte. Veja: “[...] as arte pretendem exprimir por meios artísticos a própria realidade. Exprimir significa interpretar, ou seja, encontrar ou revelar os sentidos das coisas e o mundo.” (2003, p.277).

Pensando nesse sentido vamos procurar explicar o que é uma experiência estética. Para início de conversa ela é única individual e carregada de sentimentos. Vamos aos exemplos, trouxe muitos para tentar explicar algo tão **abstrato**.

Vamos primeiro fazer uma **analogia**.

Provavelmente você já ficou admirando a natureza. Eu, particularmente, gosto de olhar as matas, o verde me recarrega as energias, uma sensação maravilhosa que parece integrar-me a toda aquela paisagem que vejo. Você já teve uma experiência desta? Tem gente que se sente assim ao ver o mar, uma folha sendo levada ao vento, ou uma queda d’água. Não importa. O que quero destacar é uma impressionante avalanche de sentimentos que

A-Z

Sintética

1. Relativo à síntese. 2. Que se limita ao essencial e despreza o que é acessório. = resumido ≠ prolixo

Abstrato

O que se considera existente no domínio das ideias e sem base material.

Analogia

Relação de semelhança entre objetos diferentes.

aquela experiência nos provoca. Porém uma experiência estética não tem necessariamente que provocar sentimentos positivos. Ela pode provocar indignação, tristeza, comoção, revolta, ira e muitos outros diferentes sentimentos que podem vir misturados com uma sensação de beleza mesmo que estejamos contemplando uma imagem triste.

Ilustrarei algumas destas afirmações.

A dança pode ser uma experiência de leveza mesmo que estejamos assistindo a uma peça trágica.

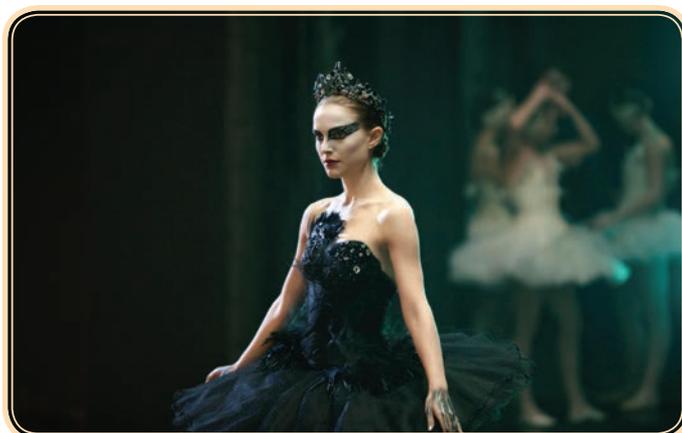


Figura 2.3: A fotografia é do filme Cisne Negro 2011 uma versão que apresenta o clássico ballet Lago dos Cisnes, com outros focos.

Fonte: <http://nucindnocinema.files.wordpress.com>

Ou uma dança de rua que pode nos encher de entusiasmo e energia.



Figura 2.4: Dança de rua

Fonte: www.shutterstock.com

Nosso conhecimento a respeito daquilo que estamos experimentando esteticamente altera nosso envolvimento com as obras vivenciadas. Podendo intensificar os sentimentos que já experimentamos, ou trazer outros que não estavam presentes como reflexões sobre nós, os outros, o mundo, o passado, o futuro, o diferente, enfim o raciocínio, ou seja, nos faz pensar sobre algo ou alguma coisa.

Para sintetizar esse conhecimento tão complexo e abstrato trazemos a palavras de Charles Feitosa; diz ele sobre a experiência estética:

Sem a interpretação daquele que vê ou ouve, sem a construção de sentido por aquele que percebe, não há beleza nem obra de arte. A experiência do belo na arte envolve uma mistura entre o senso (tudo o que está relacionado ao pensamento, à racionalidade e à significação) e o sensível (tudo que se refere aos sentimentos). (2004,p.112)

Resumo

Nessa aula vimos como o belo pode ser diferente dependendo do lugar, tempo e cultura em que se encontra. E como determinamos o feio quando simples destacamos o que é belo, todo o restante que não se enquadra naquela determinação é seu oposto.

Descobrimos também que a experiência estética é uma ação pessoal e complexa, pois envolve todos os sentidos e a razão.

Atividades de aprendizagem

1. Você já reparou como encontramos arte no nosso entorno? O que você destacaria de arte onde você mora? Tem alguma obra reconhecida e valorizada como tal ai perto de você? Descreva, para que possamos conhecer e relate o que ela lhe transmite quando a vê?



Assista ao filme **"O sorriso de Monaliza"** (Mona Lisa Smile - EUA, 2003 - 125 min., Drama Direção Mike Newell Roteiro de Lawrence Konner e Mark Rosenthal).
Perceba no filme como a professora de História da Arte, contracenada pela atriz Julia Roberts usa da produção artística e da experiência estética para provocar, em suas estudantes, reflexões sobre o modo que levam suas vidas, pois essas jovens vivem em uma pequena cidade do interior dos Estados Unidos de maneira conservadora e com valores estéticos rígidos.



Aula 3 – A vida não imita a arte. Imita um programa ruim de televisão. Paulo Leminski

Nas aulas passadas pudemos perceber que mesmo nas diferenças culturais, o ser humano ao longo dos tempos, possui formas similares de lidar com os elementos formais, como a cor por exemplo. Nesta aula, pensaremos sobre convenções, em torno de outros componentes visuais como o ponto, a linha e o plano com o objetivo de compreender melhor os elementos que constituem a linguagem visual.

Estudaremos separadamente alguns elementos formais que poderão responder algumas perguntas! Por exemplo, como podemos ter sensações em obras que são totalmente abstratas? Que elementos nos fazem ter ou não uma reação diante de uma obra não figurativa?

3.1 O ponto

A representação gráfica do ponto é a unidade mínima na comunicação visual. Ou seja, ele é o menor elemento, porém não menos importante. Vejamos que diversas composições visuais fazem uso do ponto para direcionar o público, seguir caminhos ou até mesmo, confundi-lo. O ponto é de extrema importância, pois, como veremos a seguir, ele gera outros elementos formais como a linha e o plano.

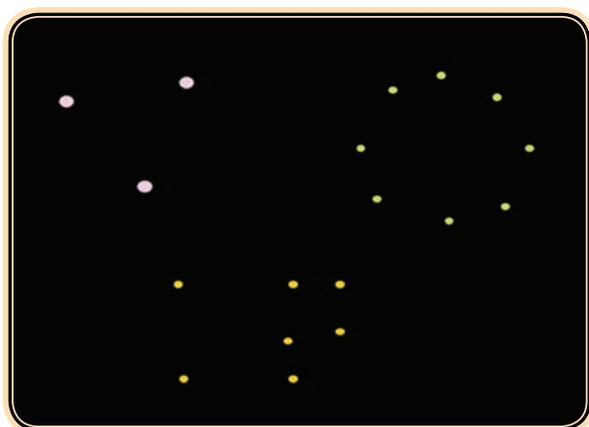


Figura 3.1: Ponto
Fonte: Elaborado pelo autor

Segundo o autor Donis, A. Dondis, que estuda o alfabetismo visual, “Qualquer ponto tem grande poder de atração visual sobre o olho.” Será?

A-Z

Pontilhismo (também designado por divisionismo)

É uma técnica de pintura, saída do movimento impressionista, em que pequenas manchas ou pontos de cor provocam, pela justaposição, uma mistura ótica nos olhos do observador (imagem).

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pontilhismo>

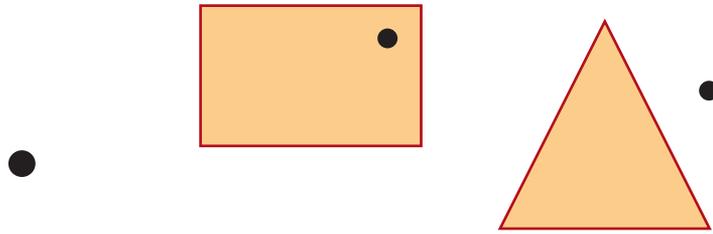


Figura 3.2: Ponto no plano

Fonte: Elaborado pelo autor

É possível comprovar essa afirmação, também observando obras de arte em que o artista, usa a técnica do **pontilhismo**. Pontos unidos têm o poder de direcionar caminhos, dar volume, forma.



Figura 3.3: Tarde de Domingo na Ilha de Grande Jatte, Georges Seurat 1884 – 1886

Fonte: <http://carlosmuller.com.br>

Tratando-se de imagens digitais, encontraremos como seu menor elemento o *pixel*, que igualmente ao ponto, quando estão juntos dão origem a uma imagem. O pixel é o menor elemento para exibição de uma imagem em meio eletrônico ou digital. É possível visualizar os pixels facilmente. É só ir a um programa de edição de imagem como *gimp*, *photoshop* entre outros e ampliar a imagem de forma que fique distorcida e seja possível ver pequenos quadradinhos. Geralmente, quando vemos os pixels de uma imagem sem que precisemos ampliá-la, é dito que ela está em baixa resolução, ou qualidade inferior. Visualize na sequência da **figuras 3.4 a 3.7** os pixels da imagem que foi ampliada.



Figura 3.4: Fotografia panorâmica Largo da Ordem, Curitiba/PR - 2011

Fonte: Acervo do autor



Figura 3.5: Recorte da fotografia

Fonte: Acervo do autor



Figura 3.6: Mesma imagem com zoom

Fonte: Acervo do autor



Figura 3.7: Mesma imagem com mais zoom

Fonte: Acervo do autor

3.2 A linha

Outro elemento visual que constitui a linguagem artística é a linha, que se origina do agrupamento de diversos pontos dando uma sensação de direção. Outra definição para a linha, é que ela é um ponto em movimento. Mas o que importa para nós no momento, é entender que a linha constitui-se de diversos pontos que unidos, transformam-se em outro elemento.



Figura 3.8: Linhas

Fonte: Elaborado pelo autor

Quanto mais próximos os pontos, mais se torna possível direcionarmos o olhar. Veja na **figura 3.9**.

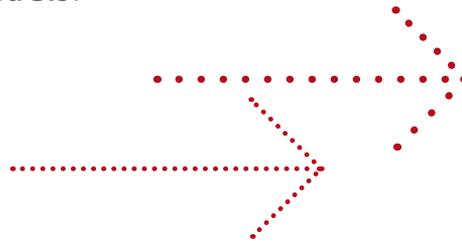


Figura 3.9: Linhas pontilhadas

Fonte: Elaborado pelo autor

A linha assume diversos papéis nas composições de arte e comunicação visual. Por exemplo, quando finas e delicadas expressam suavidade e também espontaneidade, ao contrário de obras que possuem linhas firmes ou grossas que automaticamente nos remetem a sensações mais racionais e lógicas, ou lúdicas como as ilustrações das histórias em quadrinhos.

A maneira como a linha se apresenta diante do contexto visual pode gerar diversas interpretações e sentimentos. Ela é muito utilizada também na linguagem publicitária pelo seu poder incisivo de definir o olhar do público.

A linha pode indicar movimento, equilíbrio, caos ou estabilidade numa obra. Tudo vai depender da intenção do artista nas combinações feitas com os elementos formais.

Observe as **figuras 10.10** e **10.11** e note a forma singular em que as linhas são tratadas em cada uma das obras.

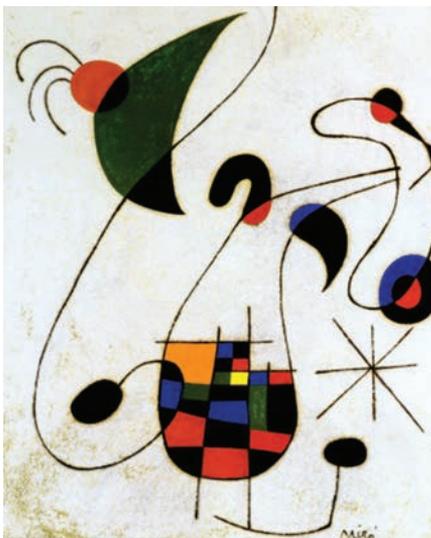


Figura 3.10: Cantante-Melancólico, obra de Joan Miró.

Fonte: <http://aprendizarteatelle.blogspot.com>



Figura 3.11: Fun Passio, obra de Romero Brito

Fonte: <http://www.romerobritto.com.br>

Note que na **figura 3.10**, obra de Miró, é possível sentir movimento, por conta das curvas das linhas e pela falta de simetria.

Já nesta obra de Romero Brito, da **figura 3.11**, podemos notar que a linha ganha um caráter lúdico e ao mesmo tempo pop, apesar de ser uma linha firme e concisa combinada com diferentes texturas e cores, possibilita outra interpretação.



Figura 3.12: Obra sem título, de José Costa Leite – Xilografia

Fonte: <http://www.olholatino.com.br>

Na **figura 3.12** você pode ver uma ilustração de literatura de cordel, as linhas são tão grossas, que podem também não ser identificadas como linhas, mas, como planos ou formas.

3.3 A forma

Os pontos em conjunto geram linhas e as linhas geram formas. As mais conhecidas por nós são o triângulo, círculo e o quadrado.

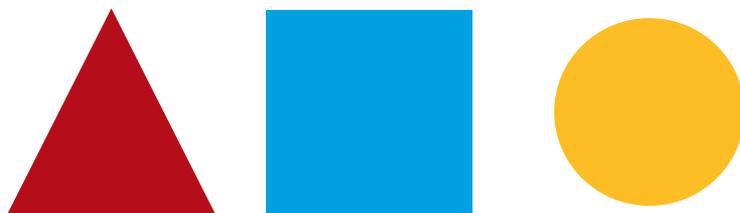


Figura 3.13: Formas geométricas, o triângulo, o quadrado e o círculo

Fonte: Elaborado pelo autor

As formas, bem como as cores, as linhas e os pontos têm seus significados também na comunicação visual. Por exemplo:

- Ao quadrado é remetida a sensação de honestidade, retidão, esmero;
- Ao círculo se remete à infinitude, flexibilidade, proteção, movimento;
- Já o triângulo dá a ideia de conflito, tensão e ação.

Essas sensações são originadas pelas direções das linhas que dão origem a forma. Veja no quadro abaixo, **figura 3.14**, essas relações:

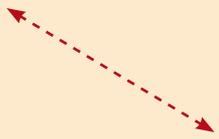
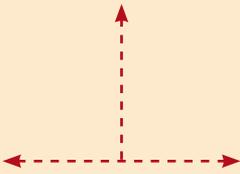
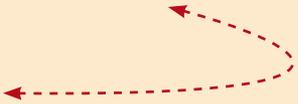
A direção diagonal é oposta a instabilidade, tem efeito ameaçador, perturbador e é provocadora de formulações visuais	
A referência horizontal – vertical (juntas) causam equilíbrio. Constitui a referência primária do homem, em termos de bem estar e maneabilidade.	
As forças direcionais curvas têm significados associados à abrangência, à repetição e a calidez.	

Figura 3.14: Síntese de direção

Fonte: DONDIS, Donis A. **A sintaxe da linguagem visual**. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p.59.

Resumo

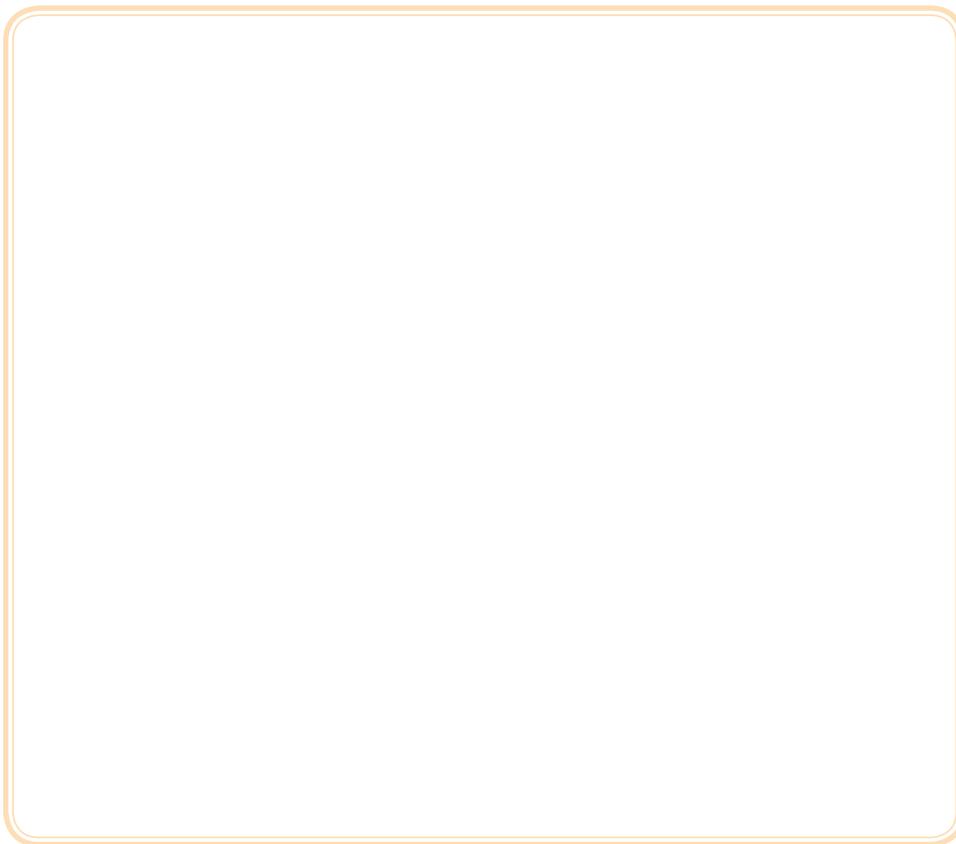
Nesta aula, conhecemos os elementos formais: ponto, linha e forma, essenciais para o fazer artístico visual, principalmente o plástico e sobre os significados atribuídos a eles ao longo dos tempos.

Foi possível perceber também que, numa composição, é a organização desses elementos que geram os seus significados. E o que a identificação das estratégias no âmbito visual pode ser muito útil para a apreciação artística, para o fazer artístico e especialmente para a intervenção e experimentação de novos significados.

Atividade de aprendizagem



- Agora vamos exercitar um pouco o que aprendemos sobre ponto, linhas e formas. Pesquise na internet ou em revistas anúncios publicitários que contenham o conteúdo estudado nessa aula. Escolha um recorte e cole no seu livro junto com uma análise sua sobre qual sensação essa imagem te provoca.



Aula 4 – A arte é a autoexpressão lutando para ser absoluta.

Fernando Pessoa

Nesta aula refletiremos um pouco sobre as cores na comunicação e nas artes com o objetivo de entender sobre a sua utilização para a elaboração de mensagens subliminares em obras de arte e comunicação visual.

Você já reparou como somos rodeados de cartazes, propagandas, desenhos, imagens, pinturas, todos cheios de cores, no nosso dia a dia?

Já parou pra pensar, qual a necessidade de em tudo que fazemos usarmos uma determinada cor? Por que escolhemos essas cores? O que nos leva optar por uma e não por outra? Mas as cores exercem nas pessoas reações que perpassam primeiro pelo biológico e provocando assim reações e sensações vejamos o que nos diz Lideli Crepaldi:

A primeira sensação de cor, antes de sua interpretação intelectual, acontece no sistema límbico, estritamente relacionado com a vida vegetativa e emocional. A energia eletromagnética da cor interage com as glândulas pituitária, pineal e hipotálamo. Estes órgãos regulam o sistema endócrino e as funções dos sistemas nervosos simpático e parassimpático, como a fome, a sede e o sexo. As respostas emocionais de ódio, amor, dor e desprazer têm origem no grupo dos núcleos que formam o sistema límbico. Por este motivo, a interferência fisiológica e psicológica das cores é uma realidade.

CREPALDI, L. XXIII. Congresso Brasileiro da Ciência da Comunicação: Manaus, 2000.

Ao fim da aula esperamos que você observe mais o mundo, refletindo sobre possíveis mensagens que estejam inseridas no nosso cotidiano e não nos damos conta.

4.1 A Cor na arte e na comunicação visual

Sabemos que as cores da bandeira do nosso País são: verde, amarelo, azul e branco. Se por um acaso, alguém pintar a nossa bandeira com as cores, rosa, cinza, vermelha e violeta, você ainda se identificaria como brasileiro? Por quê?

Apesar de a nossa bandeira ter uma série de significados nas formas, nas disposições dos elementos da sua simetria e composição como um todo, fica evidente que a cor é um fator importantíssimo para a construção da nossa identidade visual, enquanto brasileiros.



Figura 4.1: Bandeira do Brasil

Fonte: <http://www.sxc.hu>

O contrário, também soaria estranho, se, ao invés de um losango, usássemos um círculo, e no lugar do círculo um quadrado e ao invés das estrelas, usássemos gotas, se pintássemos tudo de verde, amarelo, azul e branco ainda assim, não teríamos a nossa identidade visual oficial, mas uma outra forma de nos identificar.

Importante

Isso nos faz concluir que, **identidade visual** é o conjunto de elementos formais que representa um grupo, instituição ou pessoa. A identidade visual na propaganda pode ser uma marca e/ou um logotipo – uma forma de escrever que prima pela estética e transforma a letra em desenho ou imagem – que expressam visualmente a filosofia e direcionamento de algum grupo, instituição ou pessoa.

É fácil percebermos isso, pois quase tudo que conhecemos no mercado de produtos: projetos, escolas, padarias, mercados, mercearias, possuem a sua identidade visual. Umas com desenhos mais simples, outras mais elaboradas e complexas, porém com o mesmo objetivo: comunicar ao público sobre a sua singularidade e especificidade no comércio, pois todas se propõem a convencê-lo de que são a melhor escolha. Mas não vamos falar sobre produtos e *marketing*. O importante desta aula é notarmos que a cor é determinante na construção da identidade.

Para Modesto Farina, professor especialista no estudo das cores na comunicação, “nas artes visuais, a cor não é apenas um elemento decorativo ou estético. Está ligada à expressão de valores sensuais, culturais e espirituais.” (1990, p.05)

Ou seja, o uso da cor depende de fatores diversos, entre eles, as questões climáticas, geográficas, modos de vida e religiosidade – fatores estes, que definem a cultura de cada local.

4.2 Cores quentes e cores frias

Observe o círculo cromático e note a divisão entre as cores quentes e as frias.

Para refletirmos sobre isso, podemos também lembrar-nos das estações do ano, da temperatura e da sensação térmica. Quais as cores que lembram inverno e quais nos remetem ao verão?



4.2.1 As cores na publicidade

Agora, observe as marcas ou identidades visuais das **figuras 4.4 a 4.7**, e note quais cores se repetem em todas.



Figura 4.4: Marca Habib's

Fonte: Divulgação



Figura 4.5: Marca Josias Hot Dog

Fonte: Divulgação



Figura 4.6: Marca Giraffas

Fonte: Divulgação



Figura 4.7: Marca Burger King

Fonte: Divulgação



O pintor holandês Vicent Van Gogh (1853-1890), usou e abusou das cores nas suas obras, trabalhando diretamente com as tintas, dando forma, despreocupando-se com a rigidez do contorno, e com a representação fiel da realidade. O trabalho de Van Gogh, e de outros pintores desse período, estava preocupado em expressar sentimentos e emoções, e a cor faz isso muito bem!

Para evidenciar a função da cor, os artistas davam ênfase à luz, e se houvesse a necessidade da representação da sombra, esta se apresentaria sempre com cor alaranjada, pois a cor preta e outras escuras, não eram muito utilizadas.

Então quais são?

O amarelo e o vermelho.

Segundo especialistas da área, o amarelo e o vermelho juntos, formam uma boa combinação para comporem uma identidade visual para negócios ligados a restaurantes, lanchonetes *fast food* etc., pois tal combinação, desperta no ser humano o desejo por comida.

Parafraseando Farina (1990, p. 97), as cores provocam, invariavelmente, sensações polarizadas, ou seja, elas podem ora ser positivas, ora negativas. E para o mesmo autor, as cores apresentam um significado cultural e outro psicológico, óbvio tendo relações entre os significados.

Cada um percebe as cores de uma forma particular, individual. Mesmo por que somos seres únicos e vemos e sentimos o mundo de forma única.

Farina fala de sensações acromáticas e cromáticas. Ou seja, sensações que temos em relação às chamadas “não cores” (preto, branco e cinza) e as cores, divide-se em associação material e afetiva. Por exemplo, o branco nos remete ao casamento, as nuvens, ao bem e a neve; afetivamente ela nos remete à ordem, simplicidade, limpeza, alma, harmonia e divindade, entre outras. O mesmo ocorre com as outras cores e não cores.

Veja alguns exemplos:

COR	Associação material	Associação afetiva
Cinza	Pó, chuva, ratos, neblina, máquinas, mar sob tempestade, cimento, edificações.	Tédio, tristeza, decadência, velhice, desânimo, seriedade, sabedoria, passado, finura, pena, aborrecimento, pena, carência vital.
Vermelho	Rubi, cereja, guerra, lugar, sinal de parada, perigo, vida, sol, fogo, chama, sangue, combate, lábios, mulher, feridas, rochas vermelhas, conquista, masculinidade.	Dinamismo, foga, baixeza, energia, revolta, movimento, barbarismo, coragem, furor, esplendor, intensidade, paixão, vulgaridade, poderio, vigor, glória, calor, violência, dureza, excitação, ira, interdição, emoção, ação, agressividade, alegria comunicativa, extroversão, sensualidade.
Amarelo	Flores grandes, terra argilosa, palha, luz, topázio, verão, limão, chinês, calor, luz solar.	Iluminação, conforto, alerta, gozo, ciúme, orgulho, esperança, idealismo, egoísmo, inveja, ódio, adolescência, espontaneidade, variabilidade, euforia, originalidade, expectativa.
Verde	Umidade, frescor, diáfaneidade, primavera, bosque, águas claras, folhagem, tapete de jogos, mar, verão, planície, natureza.	Adolescência, bem estar, paz, saúde, ideal, abundância, tranquilidade, segurança, natureza, equilíbrio, esperança, serenidade, juventude, suavidade, crença, firmeza, coragem, desejo, descanso, liberalidade, tolerância, ciúme.

Fonte: (FARINA & PEREZ & BASTO , Psicodinâmica das cores em comunicação, 2006, p.100)

E então? Você concorda com as associações materiais e afetivas, descritas nos quadros acima?

Tons pastéis

São cores suaves, claras, em que há a predominância da cor branca. Para conseguir que na sua paleta de cores, os tons fiquem pastéis é só adicionar uma grande porcentagem de branco. Qualquer cor pode ficar em tom pastel.

Por exemplo, se você fosse criar a identidade visual para uma loja de artigos para recém nascidos, quais cores você usaria? Você usaria tonalidades fortes ou **tons pastéis**? Qual a sensação que você gostaria que seus clientes (mães e pais) sentissem ao entrar em sua loja?

Se você fosse fazer uma embalagem de produto *light* ou *diet*, você usaria o azul, ou a cor laranja pra diferenciar dos produtos não *diets* ou *lights*? Observe quando você for fazer compras.

Quais cores seriam convenientes usar para representar riqueza, dinheiro, fartura?

Que cor, representa com louvor a natureza, o meio ambiente?

Pois então, podemos concluir que, apesar do processo individual de perceber uma cor, somos estimulados pelas cores e seus significados implícitos. E que tais significados convencionados são utilizados subliminarmente para vender, convencer, para provocar sensações, desejos e vontades. Está aí a necessidade de entendermos sobre esses mecanismos da comunicação visual: apropriarmos-nos desse conhecimento a nosso favor, buscando soluções criativas e críticas, ou como forma de alerta e prevenção, ou para uso em nossos espaços de convivência.

Resumo

Nesta aula aprendemos sobre a importância da identidade visual e de compreender processos subliminares para criação artística ou comunicacional.

Aprendemos também que nosso cérebro é estimulado pelas cores e que mesmo sendo uma experiência muito individual, pois respondemos por estímulos de ondas, o significado dado às cores nas culturas influenciam significativamente nas sensações; além de questões fisiológicas e climáticas é possível traçar significados para as cores.

Atividade de aprendizagem

- Identifique na sua comunidade a identidade visual do comércio local e verifique qual cor predomina. É muito colorido? Usam mais de três cores? Usam contorno nos desenhos? Registre a sua análise com fotografias tiradas por você ou encontradas em panfletos, publicidade no jornal, revistas etc. Escreva um breve relatório com análise de até 05 pontos comerciais.



Aula 5 – Ai, eu entrei na roda; Ai, eu não sei como se dança; Ai, eu entrei na “rodadança”; Ai, eu não sei dançar

Um elemento importantíssimo na arte é a composição. Sem esse elemento não posso fazer arte, pois ela é componente derivado das Artes Visuais: forma. Por essa razão é um elemento base e vamos começar a desvendá-lo nessa aula. Veremos como é e o que é uma composição nas artes visuais e usaremos como elo de integração entre as diferentes formas de artes visuais o círculo e a ciranda - componentes específicos da forma: linhas, pontos, cores, texturas, espaço.

Vamos começar a destacar que o trabalho artístico tem uma intencionalidade, uma forma (expresso em suportes, com dimensão, espaço, materiais diferentes), imprimindo texturas (que podem ser representadas tátil e graficamente), sugerindo movimento e dinâmica (dentro de um ritmo, com determinada força, direção, fluência, equilíbrio).



O conceito antropológico de círculo Pequeno Dicionário de Etimologia e Simbologia Círculo – símbolo de um ponto dilatado, da totalidade indivisa, sem começo nem fim, do transcendente, da imutabilidade, da unidade perfeita, da harmonia, da inteligência, da proteção, da eternidade, do número zero, do Eu, de Deus. Fonte: [http:// culturaracional.wordpress.com/](http://culturaracional.wordpress.com/)

5.1 O círculo na cultura

O círculo está nas sociedades há muitos anos, podemos inclusive dizer séculos. Todas as sociedades, das quais temos notícia a partir dos estudos arqueológicos, históricos e antropológicos, ou nas pesquisas da sociologia, tinham alguma relação simbólica com o círculo.



Para ilustrar esse percurso do círculo pela humanidade, trazemos alguns exemplos da cultura da humanidade. Vejamos na **figura 5.1** o primeiro - Stonehenge



Figura 5.1: Uma projeção do Stonehenge digital

Fonte: <http://pt.fantasia.wikia.com>

Fonte: www.shutterstock.com

Trata-se de uma construção de pedras na forma circular localizada no sul da Inglaterra mais precisamente na planície de Salisbury. Algumas pedras chegam a medir até cinco metros de altura e pesam quase cinquenta toneladas formando um ininterrupto anel de pedra. Pairam ainda duvidadas sobre a finalidade e a autoria desta monumental estrutura construída há cerca de 100 mil anos.

O próximo exemplo são as alianças segundo alguns historiadores possuem sua origem na Índia e foram apropriadas pelos romanos e gregos para representar a união e o compromisso entre casais. Temos um par delas na **figura 5.2**.



Figura 5.2: Alianças de compromisso

Fonte: Acervo do autor

A palavra aliança vem do hebraico *bérith* e tem como sentido o compromisso. Há relatos do uso de alianças pelos faraós egípcios para simbolizar a união perfeita, sem começo nem fim, como símbolo de eternidade. As primeiras alianças foram feitas em ferro. Só na época medieval é que metais nobres e pedras preciosas começaram a ser usados. No dicionário de Símbolos encontramos como definição “[...] possui o sentido de compromisso ou de pacto, relativo a uma pessoa ou coletividade. Esses dois sentidos encontram-se igualmente nas duas palavras gregas: *diathéke* e *synthéke*; e nas latinas: *foedus* e *testamentum*.” (Chevalier/Gheerbrant, 1982, p. 31).

5.2 A circularidade nas manifestações populares

Nas manifestações populares podemos encontrar o círculo com bastante frequência nas danças de festejos e nas rodas de brincadeiras infantis.

Alguns exemplos destas manifestações são as “Quadrilhas” das Festas Juninas; Congadas; o Carimbó; e muitas danças de nações indígenas Tupy e Guarani no Brasil. As cirandas de Lia em Pernambuco. Na **figura 5.3** o Carimbó dita o ritmo da dança.



Figura 5.3: Dança do Carimbó

<http://files.guararas.webnode.com>

Os círculos e a circularidade estão presentes no nosso cotidiano como elemento de composição de diferentes motivos e motivações sem que nos percebamos disso. Você já tinha parado para pensar nisso? Ou observado como nos expressamos usando a circularidade?

5.3 O círculo e a composição: sempre uma opção?

Bem, sempre existe uma intenção para um trabalho de arte, veja estamos falando de trabalho de criação que precisa de muita transpiração. O artista produz suas obras motivado por algo ou por alguma coisa. Como quando queremos escrever um texto só nosso, ou uma poesia. Temos nossos contextos e expressamos nossos pensamentos. Podemos usar a circularidade ou outra forma.

Para que uma composição seja feita posso usar componentes específicos das artes visuais como: linhas, pontos, cores, texturas e arranjá-las em um espaço.

Esse espaço pode ser uma superfície plana como uma tela, ou em um bloco de mármore, ou pedra sabão, esculpido dando-lhe forma (expresso em suportes, com dimensão, espaço, materiais diferentes); imprimindo texturas (que podem ser representadas tátil e graficamente); sugerindo movimento e dinâmica (dentro de um ritmo, com determinada força, direção, fluência, equilíbrio).

Nosso exemplo vai trazer primeiro uma composição onde a cor é a grande regente, tendo como principal protagonista os pigmentos e percepção da cor (tons, contrastes, intensidades) e, em segundo, a textura gráfica.

Matisse, por exemplo, tem como elemento principal da composição, nessa tela que denominou “A dança” (**Figura 5.4**), as cores. O pintor usa cores quentes nos corpos de seus personagens contrastando com a frieza do fundo verde e azul. Essa ação proporciona ao observador da imagem uma sensação rítmica através da sucessão de nus dançantes sob fundo azul e verde. Um dos sentimentos evocados é a libertação emocional.

Observadores podem apreciar a excelente composição mesmo que não compreenda a história. Matisse presenteou a humanidade com uma de suas pinturas **figura 5.4** intitulada *La danse*, cuja sua tradução é A dança da década de 1909.

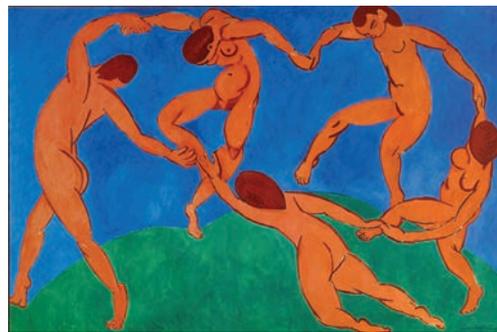


Figura 5.4: *La Danse*, obra de Henri Matisse, 1909-1910.

Fonte: <http://www.thewaylatina.com>



Veja um apresentação de ciranda do Grupo Folclórico Por do Sol – Paraná, Brasil

Acesse - <http://www.youtube.com/watch?v=UvNru-FXDxA&feature=related>

Outro vídeo do Festival de Inverno da UFPR em Antonina mostra a apresentação do grupo Mundaréu com Lia de Itamaracá. (Mundaréu e Voa-Voa na Abertura do show de Lia de Itamaracá no Festival de Inverno de Antonina. Dia 10/07/2010.

Fonte: www.mundareu.com.br.

Acesse - <http://www.youtube.com/watch?v=vggx--euk7Q>.



Podemos trabalhar a composição com todos esses elementos ou com apenas um e a inovação de algum destes elementos na sua época é um fator que conta para destacar a obra com valor artístico.

A-Z

Litogravura

A imagem é uma Litografia um tipo de gravura. Essa técnica de gravura envolve a criação de marcas, ou desenhos sobre uma matriz de pedra calcária com um lápis gorduroso. A base dessa técnica é o princípio da repulsão entre água e óleo.

Vejam agora uma **litogravura** da artista paranaense Denise Roman, onde ela usa bastante em suas criações como motivos as brincadeiras e como ela mesma define: “Isso começou com o universo de Gabriel García Márquez e a obra Cem Anos de Solidão, com aquele mundo fantástico. Depois, vai para O Senhor dos Anéis, de Tolkien, que abriu personagens de infinitas possibilidades”.

Fonte: <http://rettamoza.multiply.com>. Acesso em 03 abril 2007.



Figura 5.5: Manhãs de inverno, gravura de Denise Roman.

Fonte: <http://rettamoza.multiply.com/journal>

Em suas gravuras, a circularidade tem uma presença marcante, os personagens ganham vida, veja a litogravura da **figura 5.5**. Denise usa da textura gráfica para proporcionar ao observador de seu trabalho volume e movimento. As sequências de luz e ausência de luz com pontos, listas e linhas, triângulos, losangos, círculos, quadrados e toda a sorte de elementos gráficos que combinados provocam a sensação de profundidade, movimento, volume harmoniosamente distribuídos em uma folha.

Também encontramos uma composição em uma instalação, mas vamos falar mais de dessa forma de expressão para você nas próximas aulas.

Quero destacar que muitos são os motivos usados nas obras de arte. Existem correntes artísticas que utilizam as situações do cotidiano para suas produções.

Esses elementos vêm com força para a arte visual em muitos sentidos.

Aula 6 – Sentir é pensar sem ideias, e por isso sentir é compreender, visto que o universo não tem ideia.

Fernando Pessoa

Como vimos em aulas anteriores, as composições artísticas visuais possuem elementos essenciais entre elas cores, linhas, formas, pontos e que cada combinação realizada, tem intuito de expressão a intenção que o autor da obra imprime.

Agora veremos algumas combinações de elementos tais como contrastes, formas, direção, equilíbrio etc. que tornam a comunicação visual mais interessante e apesar de possuir signos conhecidos pode dizer várias coisas através de uma única composição ao mesmo tempo em que várias **composições** diferentes podem dizer a mesma coisa.

Esperamos que ao fim desta aula, a sua curiosidade esteja aguçada em torno da linguagem visual e que compreenda criticamente alguns mecanismos utilizados também pela mídia, no que diz respeito à criação, difusão de informação e recepção.

6.1 A composição na linguagem visual

Como já problematizamos nas aulas anteriores, uma obra pode ser ou não arte, a depender do contexto no qual está inserido. Mas algo importante a se refletir sobre a linguagem visual é que, ao contrário da linguagem escrita, os códigos utilizados são variáveis, ou seja, uma linha inclinada, só terá determinado significado quando combinado com determinada cor, e com tais formas, usando uma determinada técnica etc. Assim, apesar das convenções que já estudamos nos capítulos anteriores em relação aos elementos formais, vai depender da composição da obra, exprimir ou não uma sensação.

A-Z

Composição

Estamos mais acostumados a ouvir essa expressão na área de música, mas a composição em artes visuais tem a mesma conotação. Quando fazemos uma composição em artes visuais, significa que estamos organizando, selecionando os elementos formais, para compor uma obra. Quais elementos são esses? Cor, forma, plano, textura, linha etc.

6.2 Sensações e composição

Observe a **figura 6.1**:



Figura 6.1: Deformica, escultura de Eliane Prolik

Fonte: Acervo do autor. Exposição Poética da Percepção – Museu Oscar Niemeyer, 2011.

Essa obra foi composta numa parede de mais ou menos 3 metros de largura por pouco menos de três de comprimento. Foi feita com pedaços de madeira, com tamanhos diferentes e cores diversificadas. A intenção do artista poderia ser a de passar determinada sensação ligando todas as linhas, fechando numa forma, criando uma ilusão. Assim, o artista compôs a obra dessa maneira.



Visite o sítio da artista Fernanda Magalhães e descubra um pouco mais sobre seus projetos, sua vida e suas ideias.

<http://fermagalha.tumblr.com/post> ou <http://www.fernandamagalhaes.com.br>.

Já na próxima obra, **figura 6.2**, da mesma exposição da primeira, também usando a parede como suporte, o artista passa uma sensação de movimento com as linhas diagonais que pintou no canto. Temos a impressão de que foi jogado um balde de tinta na parede e respingou. Ou algo nesse sentido. Ele usa formas aleatórias com a tinta e usa apenas o preto, o cinza e o branco da parede, mas, note que as linhas são rigorosamente retas. Elas não são curvas. E, estão todas inclinadas partindo do mesmo ponto de fuga.



Figura 6.2: Adesivos sobre parede, instalação de Cleverson Oliveira

Fonte: Acervo do autor. Exposição Poética da Percepção – Museu Oscar Niemeyer, 2011.

Se o artista usasse linhas na vertical ou apenas na horizontal, ele daria esse efeito?

Repare agora, na **obra 6.3**, seu colorido observe-a!

Você consegue notar que no meio dessa aparente desorganização, há figuras conhecidas que nos remete a formas figurativas. Faça o seguinte exercício observe a obra distante de você, agora aproxime observe, distancie novamente; nossa percepção da obra muda?

Se o artista dessa obra usasse formas geométricas e pintasse dentro de tais formas, ele daria o mesmo sentido à obra? Qual sensação você tem diante de tantas cores dispostas desse jeito?



Figura 6.3: Casa, obra de Annette Skarbek, 1984. Óleo sobre tela.

Fonte: Acervo do autor. Exposição Poética da Percepção – Museu Oscar Niemeyer, 2011.



A arte do grafite é ao mesmo tempo uma forma de manifestação artística e uma técnica de trabalho no desenho com lápis principalmente.

Na **figura 6.4** a seguir, pode-se dizer que acontece justamente o contrário. O artista usou apenas uma técnica de desenho o grafite.

Isso mesmo... Isso não é uma fotografia, é um desenho a lápis.

Nessa composição é possível arriscar que a sensação que nos passa é de tranquilidade. Afinal o artista traz um recorte do mar e com muitas linhas horizontais que aumentam a sensação essa percepção.



Figura 6.4: Grafite de Francisco Faria

Fonte: Acervo do autor. Exposição Poética da Percepção – Museu Oscar Niemeyer, 2011.

Agora, se o artista representasse a linha do horizonte inclinada, será que ele passaria essa sensação de equilíbrio? Ou nos deixaria tensos?

Agora observe as quatro fotografias a seguir. Foram tiradas na mesma hora, só mudou o ângulo da foto. Qual das imagens lhe passa a ideia de serenidade. Qual de onipotência? Se conseguíssemos tirar uma fotografia do Cristo Redentor visto do alto, ou apenas vê-lo de cima, qual sensação teríamos? Ainda teríamos a sensação de onipresença? Qual das imagens causa uma certa instabilidade? Percebe que, em alguns ângulos, notamos uma certa distância, mesmo a fotografia ter sido tirada de perto e vice versa? Que sensação nos passa?



Figura 6.5: Ângulos de foco e inclinação

Fonte: Acervo do autor



Figura 6.6: Ângulos de foco e inclinação

Fonte: Acervo do autor



Figura 6.7: Ângulos de foco e inclinação

Fonte: Acervo do autor



Figura 6.8: Ângulos de foco e inclinação

Fonte: Acervo do autor

Resumo

Aprendemos nessa aula que compor uma obra de artes visuais, procede dos mesmos mecanismos usados para a composição musical. O artista seleciona formas, cores, suportes técnicos que melhor se aplicarão à sua obra. A composição é a organização desses elementos. A posição no espaço dos elementos é que define qual sensação podemos ter.



Atividade de aprendizagem

- Agora, vamos experimentar fazer a nossa composição. O desafio é fazer quatro composições em que cada uma objetive a passar uma das sensações de instabilidade; leveza; equilíbrio; caos; tristeza; serenidade; autoridade; entre outras.

A large, empty rounded rectangular box with a double orange border, intended for taking notes.A large, empty rounded rectangular box with a double orange border, intended for taking notes.A large, empty rounded rectangular box with a double orange border, intended for taking notes.A large, empty rounded rectangular box with a double orange border, intended for taking notes.

Aula 7 – Roda cutia de noite e de dia...

Nessa aula vamos explorar um pouco de volume. Vamos descobrir algumas maneiras de uso do trabalho artístico que possui volume real. E também como posso sugerir volume sem que tenha essa medida fisicamente.

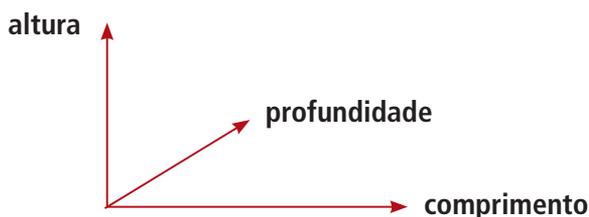
Nem tudo que vemos em arte é pintura, ou desenho, ou derivados destes. Temos outras formas de Artes Visuais manifestando-se. Temos as esculturas, as modelagens, arquitetura. E temos a instalação que é uma intervenção de um artista no espaço, usando as três dimensões: altura, largura e profundidade.



Vamos lembrar o que são dimensões e o que é volume. Esse conhecimento nos ajudará bastante. Não apenas para a produção de suas próprias obras ou no seu processo de criação, mas também para olhar os outros trabalhos e ver além do que está enxergando.

Parece filosófico? Pois bem, é filosófico e não é a toa que temos estudos da arte na filosofia desde os tempos de Platão (Atenas, 348/347 a.C).

Vamos começar falando do que realmente tem volume. Volume é tudo que tem comprimento. Bem, comprimento é aquilo que podemos medir no sentido horizontal, por exemplo, com o metro que temos em casa medimos o comprimento da mesa, ou uma régua quando as medidas são pequenas como a de uma folha. Mas volume também tem altura. Altura nós também medimos com metro, porém, mudando o sentido. Para medirmos a altura usamos a verticalidade: sendo mais exata, o sentido perpendicular ao comprimento, formando um ângulo reto. E a profundidade? Bem essa é também chamada de largura e é a medida que dá volume às coisas, que expande o que é plano. Pensem nos objetos de seu trabalho, provavelmente todos possuem volume, são tridimensionais.



Nas manifestações populares temos várias representações ou obras que são expressas com volume: as esculturas com seus altos e baixos relevos, as modelagens, as construções arquitetônicas e as instalações.

Vamos iniciar pela arquitetura e como exemplo, vamos contemplar uma das obras de Oscar Niemeyer, arquiteto que revolucionou usando a sinuosidade no lugar das formas retas e angulares. Niemeyer é responsável por muitos prédios públicos e, muitos destes, localizados em Brasília.

E como estamos falando em circularidade vamos apreciar a forma incomum circular da base da Catedral de Brasília.



Figura 7.1: Catedral de Brasília, Oscar Niemeyer

Fonte: <http://v17.lscache7.c.bigcache.googleapis.com>

"Não é o ângulo reto que me atrai, nem a linha reta, dura, inflexível, criada pelo homem. O que me atrai é a curva livre e sensual, a curva que encontro nas montanhas do meu país, no curso sinuoso dos seus rios, nas ondas do mar, no corpo da mulher preferida. De curvas é feito todo o universo, o universo curvo de Einstein."

Oscar Niemeyer

A ousadia do projetista de desenhar e construir prédios onde em sua essência a curva é a protagonista como ele mesmo disse *"De curvas é feito todo o universo"* tornou seu trabalho reconhecido no mundo inteiro fazendo não apenas que se tornasse famoso, mas muito respeitado. Em dezembro de 2011 ele completou 104 anos de vida plena e produtiva. Comunista, foi exilado na época da ditadura militar e sempre se mostrou firme em suas convicções sociais de igualdade para as classes trabalhadoras. Uma de suas ações é trazer todos os trabalhadores envolvidos nas suas obras para celebrarem o término das mesmas.

No caso deste brilhante arquiteto todas as suas construções têm curvas.

Pensando nos nosso cotidiano o que podemos usar como exemplo? As embarcações, que também precisam ser planejadas e projetadas e tem as três dimensões – comprimento, altura e largura.

E quando queremos representar essa profundidade sem que tenhamos esse espaço? Sabe do que estou falando? De um desenho que dê ao observador a impressão de que tem volume.

Nossa, parece algo bem difícil, não? Você colocar em uma superfície plana, ou seja, que tenha apenas largura e altura, a profundidade. Olhamos para desenhos que não usam essa técnica e percebemos que tudo parece estar no mesmo plano. As pinturas egípcias. Observe a **pintura 7.2**, ela representa a deusa Hator, sua imagem parece colada no papel como se não tivesse profundidade.



Figura 7.2: Hator
Fonte: <http://clipartist.net>

A-Z

Projectivo

1. Relativo a projecção. Propriedades projetivas: diz-se das propriedades que as figuras conservam quando são projectadas! Projectadas num plano. Grafia alterada pelo Acordo Ortográfico de 1990: projetar.

Para representar a profundidade no plano usam-se várias estratégias, diferentes tamanhos, cores, texturas ou como Da Vinci, pintor da A Última Ceia e da Mona Lisa, que recorreu a conceitos de geometria **projetiva** (centro de projeção, linhas paralelas representadas como linhas convergentes, ponto de fuga) para criar os seus quadros com um aspecto tridimensional.

E para ilustrar a possibilidade de representação de volume usando textura gráfica traremos o artista gráfico holandês Maurits Cornelis Escher conhecido pelas suas xilogravuras, litografias e meios-tons e suas temáticas como a metamorfose das formas.

Observe como a representação tem movimento dando a impressão de sair do papel. Para que Escher tivesse êxito nessa sensação o artista usou e abusou do preto e do branco e seus meio tons cinza e a circularidade na forma **elíptica** na base das figuras e as mesmas não tem início nem fim movendo-se em círculo e encontrarem-se no plano de frente e apertam as mãos.

Para proporcionar a ilusão de que estamos presentes a pegar as imagens, podemos usar cores e texturas gráficas que são aliadas poderosas. Veja

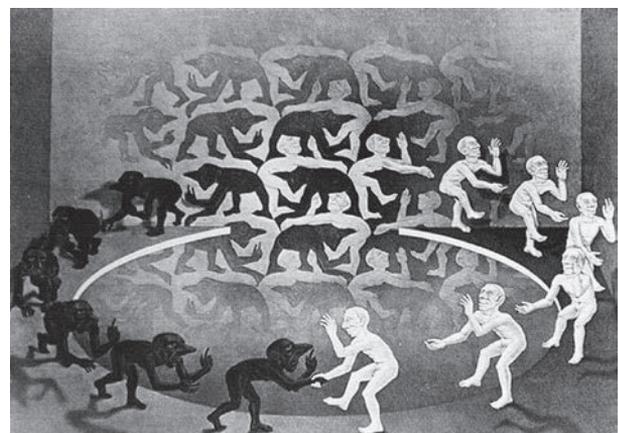


Figura 7.3: Encontro, litografia de Escher, 1944.

Fonte: <http://novasinapse.com/wp-content>

A-Z

Elipse

1. Geom. Linha curva fechada produzida pela secção que um plano oblíquo ao eixo fez num cone reto!

Xilogravura

É a técnica de gravura na qual se utiliza madeira como matriz e possibilita a reprodução da imagem gravada sobre papel ou outro suporte adequado.

É um processo muito parecido com um carimbo.

Fonte <http://pt.wikipedia.org/wiki/Xilogravura>

mais uma **xilogravura** do Escher. Ele usou textura cores quente, texturas de linhas retas de diferentes espessuras para preencher as formas curvas, tons claros a escuros.



Figura 7.4: Espirais esféricas, xilogravura de Escher, 1953.

Fonte: <http://www.expresso.pt>

A ciência já descobriu maneira de sugerir-nos volume onde não tem. O cinema apresenta filmes em 3D (três dimensões) onde o espectador tem a sensação de que a imagem projetada na tela sai ganhando profundidade e volume. Nos primeiros filmes, os espectadores usavam óculos com cores diferentes. Nesses filmes as imagens incluem duas camadas de cor numa única tira do filme reproduzida por um projetor. Uma das camadas é predominantemente vermelha e a outra azul ou verde. Para assistir ao filme, é preciso usar um óculos 3D com uma lente vermelha e a outra azul ou verde. Com os filmes digitais a tecnologia é outra em vez de usar cores para filtrar as imagens em cada olho, a maioria dos sistemas utiliza a polarização. Lentes polarizadas filtram apenas ondas de luz que são alinhadas na mesma direção. Num par de óculos 3D, cada lente é polarizada de forma diferente. Proporcionando um estímulo a mais. A indústria já produz a televisão 3D.

No entanto, para nossa aula, o importante é compreender como é que os volumes se apresentam tanto nas artes planas quanto nas artes tridimensionais.

Resumo

Nessa aula pudemos explorar mais o volume e descobrimos um pouco sobre que o **movimento** e **dinâmica** são forças necessárias para sugerir volume, quando o objeto está representado nas artes visuais.

Aula 8 – A juventude é uma banda numa propaganda de refrigerante

(Música: Terra de Gigantes; Engenheiros do Hawaii)

Nessa aula veremos a importância das linhas em uma composição. Como elas podem sugerir direção e força a uma obra e como isso sugere ao observador movimento, mesmo que a imagem seja estática. Veremos as linhas nas Artes Visuais, mais especificadamente na História em Quadrinhos (HQ), e nas pinturas.

Oi!

Vamos começar nossa prosa de hoje pensando em um espaço muito usado para contar histórias e que muitas vezes não olhamos com um olhar mais atento.



Você já leu histórias em quadrinhos?

Bem supondo que você já tenha lido algum, vou continuar a prosa.

Eu gosto muito de histórias em quadrinhos. A ideia de contar histórias usando imagem e texto e publicá-las em papel distribuindo para muitas pessoas é da época da invenção da imprensa criada em 1455 pelo alemão Johannes Gutenberg. Mas, contar histórias de forma seriada e usando desenhos e texto é muito mais antiga. Essa forma da comunicação está presente nas diferentes culturas em todos os tempos da humanidade. Para alguns críticos não é uma arte, para outros é. Mas não podemos negar que é uma linguagem, produto do trabalho criador e que associa, muitas vezes, duas formas de expressão: o desenho e a palavra escrita.

Porém, como a proposta de tema para essa aula é juventude, vamos olhar a história em quadrinhos; que no início do século XX assume a ideia de juventude e de novo. Vamos olhar algumas histórias produzidas pós-guerra.

As duas guerras mundiais mudaram muita coisa no comportamento das sociedades, nas descobertas da ciência, nas formas de pensar a política, a economia, e é claro nas artes. Pensar um “novo” que não tem relação com o passado que era considerado “o velho” foi um dos marcos. Expressar a dor, o amor, a revolta e rebeldia, a tristeza, o afeto, enfim mudando o jeito de ver e sentir o mundo. A arte nesse período poderia provocar a reflexão, ou ser apenas um canal de experiências do novo, ou expressivo estético.



A palavra adolescência pode ser definida cronológica, sociológica e psicologicamente.

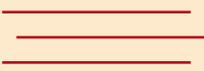
É necessário, também, considerar que, da mesma forma com que o conceito de criança como indivíduo em desenvolvimento e com necessidades específicas surge em torno do século XVIII (Ariés, 1975), o conceito de adolescência como período evolutivo se organiza no século XX, entre as duas grandes guerras mundiais (1914-18 e 1939-45). Assim, adolescência é um fenômeno bastante recente e que requer, ainda, muitas teorizações. (OUTEIRAL, José. Adolescência: modernidade e pós-modernidade. Rev. psicopedag. [online]. 2005, vol.22, n.68, pp. 119-147. ISSN 0103-8486.)

No caso das HQ, não poderia ser diferente. Os heróis iam para a guerra enfrentavam o inimigo expostos a toda sorte que perigos. Os super-heróis estadunidenses participaram desde as guerras com Hitler e depois como espões na guerra fria, ou mais tarde convocados para a guerra do Vietnã. Temos também as charges, desenhos em um único quadro, onde são feitas críticas, em tom cômico ou jocoso, a episódios do dia a dia.

Bem, e o movimento que é o nosso conteúdo? Onde está? Está na ideia de moderno, de novo, de jovem. O movimento na imagem era um elemento muito explorado, pois se referia ao novo, ao que não está parado, ao que muda e transforma. O movimento da imagem, da fotografia, no cinema e na música. Enfim a modernidade.

Vamos ver, então, como as linhas ajudam na percepção visual desse movimento. Na tabela uma síntese das principais propriedades da linha que são definidas pela sua grossura, sua longitude, sua orientação (direção) com respeito à página, sua localização (posição), sua forma (reta ou curva) e sua cor.

Adaptado do texto de Luciano Moreno fonte: <http://www.criarweb.com/artigos/814.php> acessado em 15/08/2010.

Retas		
Horizontal	Expressa equilíbrio, calma, estabilidade a partir de uma reta horizontal como referência, já que nos movemos em um plano horizontal.	
Vertical	Sugere elevação, movimento ascendente, atividade. Também expressa equilíbrio, porém instável, como se estivesse a ponto de cair. Isto pode se corrigir trabalhando as linhas verticais com outras horizontais de apoio, que lhes darão a estabilidade de que carecem.	
Inclinada	Pelo contrário, expressa tensão, instabilidade, desequilíbrio. Parecem que estão a ponto de cair. Dentro das linhas inclinadas, a que forma 45° com a horizontal é a mais estável e reconhecível.	

Na **figura 8.1** podemos ver o super-herói “FLASH” como parece sair do seu “desenho” e criar vida dentro do desenho. As linhas têm força expulsando o personagem para fora da imagem. São linhas retas inclinadas propondo movimento em oposição às do fundo da figura.



Figura 8.1: Personagem do Flash

Fonte: <http://stoa.usp.br>

Nestas outras figuras do Flash (**Figuras 8.2 e 8.3**) o movimento indica corrida, e as linhas nos sugerem isso. O melhor é que nos HQ é possível incluir as **onomatopeias** que ajudam a representar o movimento.



Figura 8.2: Personagem do Flash
Fonte: <http://stoa.usp.br>



Figura 8.3: Personagem do Flash
Fonte: <http://stoa.usp.br>

Veja que não são apenas as linhas retas que promovem a impressão de movimento. No desenho do Surfista Prateado o personagem voa e as linhas inclinadas provocam uma sensação de velocidade. É claro que devemos considerar que todos os desenhos estão em perspectiva.



Figura 8.4: Personagem do Surfista Prateado – Heróis Marvel, Stan Lee e Jack Kirby.
Fonte: <http://finalsecreto.files.wordpress.com>

A-Z

Onomatopeias

1. Processo de formação de uma palavra cujo som imita aproximadamente o som do que significa.
2. Palavra com essa formação (ex.: rataplã).



O cinema produziu muitos filmes baseados nos super-heróis dos HQ. Alguns filmes tentaram aproximar as linguagens. Assista ao filme do Homem Aranha, repare no primoroso cuidado de roteiro, direção e edição do filme. No filme está presente a proposta de remeter os espectadores aos quadrinhos. Outro filme oriundo dos quadrinhos é o do quarteto fantástico e o surfista prateado. Assista e compare as linguagens, suas sutilezas, diferenças e possibilidades. Ambas linguagens são maravilhosas e uma nunca substituirá a outra. Nos endereços eletrônicos saiba mais sobre esses dois filmes.

Acesse:

www.portaldecinema.com.br/Filmes/quarteto_fantastico_e_o_surfista_prateado.htm

www.portaldecinema.com.br/Filmes/homem-aranha.php



'Jubiabá', romance de Jorge Amado escrito entre 1934 e 1935, tem como protagonista Antônio Balduino, menino pobre nascido no morro do Capa-Negro, em Salvador. Ao longo do romance, acompanhamos as diferentes fases de sua vida - quando vivia nas ruas, ainda criança, cometendo pequenos delitos, agregado na casa de um comendador, malandro, boxeador, trabalhador nas plantações de fumo, artista de circo e estivador.

A profundidade do desenho obtido pela perspectiva e o rompimento dos limites do próprio quadro que tradicionalmente compõe as HQ proporcionam ao leitor a sensação de movimento. No quadrinho **figura 8.5** é um pedacinho da famosa obra de Jorge Amado intitulada Jubiabá. Bem esse escritor baiano também escreveu outras obras conhecidas, algumas viraram filmes e novelas como a famosa Gabriela Cravo e Canela.

Vale muito a pena conhecer a obra deste escritor que apresenta nos seus personagens as pessoas, suas crenças, seus amores, suas vidas simples e comuns na Bahia. O cartunista que recebeu como incumbência transcrever o livro para os quadrinhos é João Spacca de Oliveira, cartunista e ilustrador que nos últimos anos tem se dedicado a produzir HQs sobre personagens históricos, como Santos Dumont (*Santô e os pais da aviação*). Segundo o cartunista no posfácio à obra, que levou um ano e meio para ficar pronto, entre pesquisa e a arte final:

Jubiabá reúne muitos temas que, mais tarde, ganhariam livros próprios. É um grande painel dos personagens e cenários de Jorge Amado. Essa variedade de ambientes, tipos - malandro, prostituta, capoeirista, boxeador, artista de circo - e situações - a vida nas ruas, a greve portuária - é muito estimulante de desenhar.

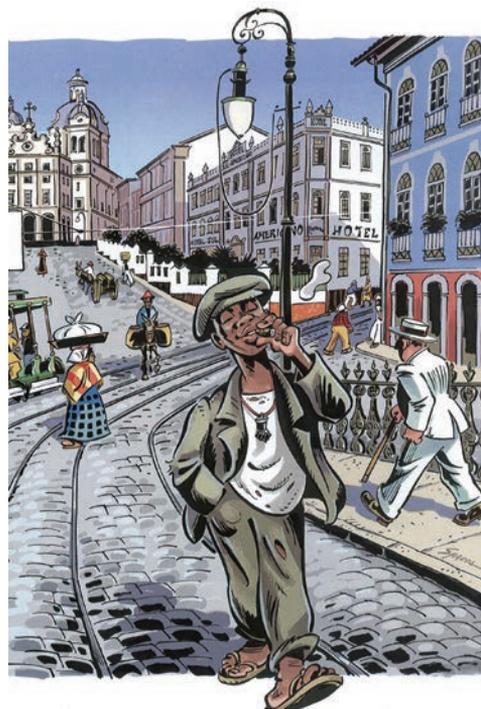


Figura 8.5: Antônio Balduino

Fonte: <http://jubiaba.blogspot.com>

E na pintura? Também podemos encontrar movimento? Claro que sim veja a pintura de Duchamp, ele propõe nessa pintura o movimento de uma figura descendo.

Vejamos como é importante para os artistas pós-guerra uma mudança de ideias, ideais e conceitos. Surgem novos conceitos de arte, um sinalizarmos para marcar o movimento o Dadaísmo, cujo expoente foi Marcel Duchamp. Esse trouxe para a sociedade a arte conceitual, em que o primordial não é a estética e sim o conceito artístico. Com sua técnica *ready-made* ele transformava objetos cotidianos em arte.



Figura 8.6: Nu descendo uma escada, obra de Marcel Duchamp, 1912.

Fonte: <http://pds19.egloos.com>



Conheça um pouco mais sobre Duchamp.
Acesse: http://www.niteroiartes.com.br/cursos/la_e_ca/modulos2.html

Resumo

Exploramos um pouco a importância das Histórias em Quadrinhos e como as linhas impõe na imagem a sugestão de movimento. Também conhecemos um pouco do conceito da palavra juventude e como está relacionada com modernidade. Vimos que na modernidade a arte também assume outros conceitos estéticos, sendo a arte conceitual uma delas.



Atividade de aprendizagem

- Agora é sua vez, produza uma imagem com linhas que sugiram movimento e força.

A large, empty rounded rectangle with a thin orange border, intended for the student to draw lines that suggest movement and force.

Aula 9 – Se o filme for bom, o som pode sumir que o público ainda teria uma ideia perfeitamente clara do que está acontecendo. Alfred Hitchcock

Agora nesta aula, falaremos mais especificamente sobre manifestações artísticas que tem a mídia como suporte e como forma e conteúdo. Ou seja, a arte conhecida como Arte Mídia, usa dispositivos eletrônicos ou os suportes comunicacionais para o fazer artístico. O nosso objetivo aqui é identificar os dispositivos eletrônicos para o fazer da arte em movimento.

9.1 Arte Mídia

Deu pra perceber que as artes e a mídia se utilizam de mecanismos visuais parecidos para atingir o público, o que difere é a intencionalidade. Na arte mídia, a arte vai questionar tais dispositivos tanto do ponto de vista técnico como ideológico.



O termo artemídia vem da expressão em inglês “media arts”, que tem a ver com produções artísticas que se apropriam de recursos tecnológicos, da mídia, dos processos de difusão de informação para questioná-los na sua essência. Ou seja, ao contrário do que muita gente pensa, a artemídia, não se preocupa apenas em usar os aparatos tecnológicos do seu tempo, mas em reinventá-los.

Mas, como assim?

Se repararmos, ao longo de todas as aulas, veremos que os artistas variam quanto ao material e linguagem utilizadas na produção de obras.

Escultura, pintura, arquitetura, teatro, música, vídeo, filme, ilustração, literatura, fotografia, web arte entre outras modalidades artísticas, sempre permearam o universo humano. A necessidade de expressão é inerente ao homem. E tal necessidade se manifesta sob qualquer situação, condição climática, recursos ou intenção. O que isso significa? Significa que a produção artística sempre teve os meios do seu tempo como fonte de inspiração tanto para questões técnicas quanto para as tecnológicas.

Por exemplo, as pinturas rupestres feitas na era pré-histórica não podiam tratar de temas ou situações que não permeavam o universo dos períodos paleolíticos e neolíticos.



Figura 9.1: Arte rupestre de Bradshaw

fonte: <http://www.sauer-thompson.com>

É claro que isso não é uma regra, mas é natural que, numa sociedade em que os meios de comunicação são protagonistas em nossas vidas, os artistas se utilizem dele como tema e como suporte para fazer arte. É nesse sentido que a arte também funciona como registro histórico.



Assista ao vídeo "Technology/Transformation", <http://www.youtube.com/watch?v=d4Ru6hM2ZbM> de 1979 da artista Dara Birnbaum que copiou imagens do seriado Mulher Maravilha e fez uma sátira objetivando a reflexão da mulher nos meios de comunicação de massa. Note também como é simples a ideia e os efeitos utilizados.

Mas o interessante desse assunto mesmo é que, como afirma o professor Arlindo Machado, a fotografia, o cinema, o vídeo e o computador foram concebidos segundo princípios de produtividade e racionalidade, com o intuito de expansão capitalista, ou seja, a criação de tais máquinas não tinham o objetivo de servir ao mundo artístico. E o que o artista faz? Criativamente, subverte os mecanismos e intenções dessas ferramentas e linguagens e as transformam em arte.

A-Z

Meios de comunicação de massa

São designados como meios de comunicação de massa os que possuem tecnologia broadcast em que há um difusor de informação e milhares de receptores. São considerados meios de comunicação de massa, a televisão analógica, o rádio, jornal e revistas impressos.



Figura 9.2: This is Television Receiver

Fonte: <http://www.davidhallart.com>

Em *This is Television Receiver* (1971) David Hall distorce a imagem do apresentador de telejornal Americano, além da voz que vai se desintegrando, causando uma sensação de monstruosidade uma crítica aos **meios de comunicação de massa**.

Aula 10 – Que ninguém se engane só se consegue a simplicidade através de muito trabalho. Clarice Lispector

Esperamos que ao fim desta aula, seja possível notar que o uso das tecnologias para a expressão artística é tão recorrente quanto o uso da expressão artística para a produção tecnológica e que o mesmo pode ser mais um suporte para arte, ou servir de temática das obras e que no mundo contemporâneo, as áreas do conhecimento se misturam ficando difícil distinguir o que é arte e o que não é.

Com o advento das tecnologias digitais e de rede, a apropriação dos artistas dá-se também no âmbito virtual, mais precisamente na internet. A arte, que sempre esteve lado a lado com a ciência, experimenta, investiga, promove oportunidades estéticas de acordo com o seu tempo e espaço.

Sendo assim, atualmente é comum a produção artística com *webcans*, máquinas digitais, e até mesmo usando a própria rede como suporte.



10.1 Arte numérica

Foi na década de 1960 que os computadores começaram a ficar cada vez menores, pois antes ocupavam prédios inteiros. Nesse mesmo período surgiu a vídeo arte, uma modalidade da artemídia que produzia vídeos.

Em 1971, a sociedade Intel cria o microprocessador que dá início à microinformática. É nesse contexto que a imagem deixa de ser física, mas computacional ou numérica.

Mas, o que difere essa arte da era da informática para a da era digital?

As interações e o movimento na arte digital, segundo Jorge Portela,

é uma obra realizada em computador, sendo que o original é a natureza virtual. Por essa razão, esta obra pode ser "clonada" e exposta em diferentes espaços.

Fonte: Apresentação de Jorge Portela para o site: www.pinturadigital.net.



A obra do artista Marcel Duchamp "O nu descendo a escada" que vimos na aula 9 é considerada uma obra que reproduz o movimento. Apesar de tratar-se de uma pintura abstrata (que veremos melhor na aula 15), o artista se utiliza dos princípios do abstrato, além de papel fotográfico para dar a sensação deslocamento da figura. Veremos sobre arte abstrata na aula 15.

Na **obra 10.1** Telenoia – Roy Ascot tenta explicar a diferença da cultura individualista centrada no eu, em que o artista se separa do mundo, mas “ele se torna um sistema complexo e largamente distribuído.” Nesse caso, a arte na internet necessita das interações dinâmicas no espaço para existir, senão ela não faz sentido.

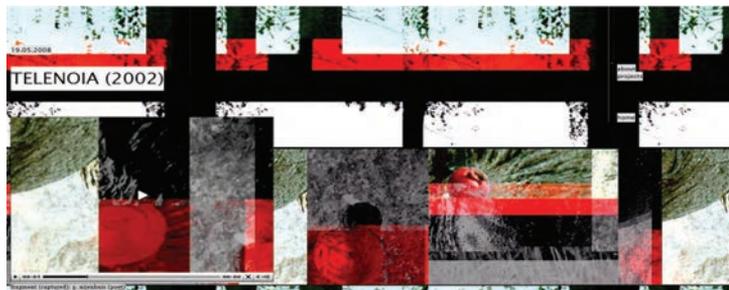


Figura 10.1: Telenoia, de Roy Ascot

Fonte: <http://www.farewellindustries.com>

Alguns críticos acham que esse é fim da arte, outros afirmam que é o princípio de outras possibilidades de democratizar a arte.

Resumo

Nesta aula percebemos que o fazer artístico aliado ao uso das tecnologias dá-se a muito tempo, antes mesmo de estarmos rodeados de tantas máquinas. E que o uso das tecnologias como suporte ou temática das obras, vai além do modismo, surge da necessidade do artista experimentar técnicas e materiais da sua época e possibilita o real movimento dos objetos e figuras nas obras de artes.



Atividades de aprendizagem

- Agora que você sabe que é possível fazer arte com os meios de comunicação e os aparatos tecnológicos, que tal experimentar fazer uma obra artística que saia do modelo tradicional? Fique livre e crie a vontade! Pode misturar vídeo, com pintura, usar suportes e ferramentas digitais, além de fotografia, webcams etc.

Anotações

Aula 11 – O tempo é a imagem móvel da eternidade imóvel. Platão

Vamos aprender nesta aula sobre a lógica da animação quadro a quadro. Também temos o objetivo de experimentação prática dos conceitos estudados anteriormente e aprenderemos como fazer simples animações artesanais, com o intuito de compreendermos a lógica do movimento da imagem e ampliarmos o repertório de possibilidades de criação.

Na reflexão a respeito da sobreposição de imagens que davam a ideia de movimento e tridimensionalidade nas aulas anteriores, no cubismo e na pop arte com a técnica de colagens, encaminharemos os nossos estudos agora para refletirmos sobre a imagem em movimento. Técnicas simples de desenhos de figuras quadro a quadro como a **stop motion**, sucederam as poderosas animações que vemos hoje.

Os modelos são movimentados e fotografados quadro a quadro. Estes quadros são posteriormente montados em uma película cinematográfica, criando a impressão de movimento. Nesta fase podem ser acrescentados efeitos sonoros como fala, ou música

11.1 Animação quadro a quadro

Possivelmente você já tenha visto na TV, internet, revista, livros sobre o funcionamento da técnica de animação quadro-a-quadro, mas conhecida como *stop motion*.

Essa simples técnica consiste num conjunto de sucessivas imagens que juntas dão aos nossos olhos a sensação de movimento. Mas, como assim? Como fazer?



É possível experimentar a técnica de *stop motion* com uma diversidade incrível de materiais e técnicas. As técnicas mais usadas são com massinhas de modelar e desenho. Mas também são feitas com brinquedos, papel, sucatas, objetos etc.

A-Z

Stop motion

É uma técnica de animação fotograma a fotograma (ou quadro a quadro) com recurso a uma máquina de filmar, máquina fotográfica ou por computador. Utilizam-se modelos reais em diversos materiais; dentro dos materiais mais comuns estão a massa de modelar, ou especificamente massinha. Muitos contêm sistema de juntas mecânico, com mecanismos de articulações muito complexos. No cinema o material utilizado tem que ser mais resistente e maleável, visto que os modelos têm que durar meses, pois para cada segundo de filme são necessárias aproximadamente 24 quadros (frames).
Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Stop_motion

Na aula passada vimos que no cubismo sintético os artistas trabalhavam com sobreposições de imagens na tela. E mesmo a tela sendo estática e com apenas duas dimensões (bidimensional), ao vermos tais obras temos a sensação de movimento e de profundidade. A depender de como é feita essa sobreposição.

11.2 Dar vida a imagem – um desejo antigo

Mas, como podemos dar movimento a um objeto, imagem inanimada?

A busca por dar movimento a uma imagem, como já vimos, vem desde a pré-história com as representações de traços, curvas que buscam indicar o movimento nas representações imagéticas nas cavernas. O mesmo acontece na escultura e em outras modalidades artísticas no decorrer da história.

Entretanto, outras técnicas nas artes visuais enganam a nossa visão e nos fazem acreditar que a imagem está viva, ou seja animada, ou até mesmo podemos dizer que a imagem tem alma – daí deriva a palavra animação.

A técnica de animação quadro-a-quadro obedece a mesma lógica do taumatrópio. Ou seja, engana-se a visão com a sucessão de quadros em uma determinada velocidade. Mas como assim, enganarmos a visão?

Os cientistas descobriram que o cérebro recebe as mensagens visuais obtidas pela retina por meio do nervo óptico. Ao receber tais mensagens, ou seja, qualquer informação visual, a retina libera uma substância chamada de púrpura retiniana. Ao ser liberada, a púrpura retiniana se decompõe pela luz e logo se regenera. Entretanto, o processo de regeneração embora rápido, não é suficiente para impedir uma ruptura imediata na visão. Foi calculado pelos cientistas que o tempo de regeneração da púrpura é de aproximadamente 1/12 de segundo. Ou seja, se olharmos imagens que se sucedem num tempo maior que a doze por segundo teremos a sensação que elas se sobrepõem sem interrupção.

Agora, vamos experimentar a técnica do stop motion? E verificar na prática o que aprendemos?

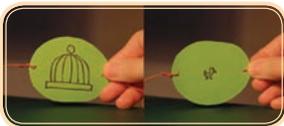


Figura 11.1: Taumatrópio

Fonte:<http://artesanatodolcevida.blogspot.com>

Você já ouviu falar no taumatrópio? É um brinquedo criado por dois ingleses: Fitton e Paris no início do século XIX. É simples de fazer. É só desenhar em um círculo de papel, duas figuras, por exemplo, num lado um passarinho e no outro uma gaiola. Quando giramos rapidamente o círculo com a ajuda de um cordão, temos a ideia que o passarinho saiu da gaiola.

11.3 Fazendo uma animação quadro-a-quadro com massinhas de modelar

1. Primeiro, modele as personagens e organize o cenário.
2. Fixe a câmera num tripé ou use fita adesiva para que ela fique imóvel.
3. Após ter encontrado uma posição confortável para a máquina e para você, tire a primeira foto.



Figura 11.2: Sequência de quadro a quadro 1

Fonte: Acervo de Rozane Suzart



Figura 11.3: Sequência de quadro a quadro 2

Fonte: Acervo de Rozane Suzart



Figura 11.4: Sequência de quadro a quadro 3

Fonte: Acervo de Rozane Suzart



Figura 11.5: Sequência de quadro a quadro 4

Fonte: Acervo de Rozane Suzart



Figura 11.6: Sequência de quadro a quadro 5

Fonte: Acervo de Rozane Suzart



Figura 11.7: Sequência de quadro a quadro 6

Fonte: Acervo de Rozane Suzart

4. Modifique o personagem, mexendo braço, colocando-o para caminhar, digitar, se aproximar se afastar ou algum outro movimento. Faça movimentos pequenos. E tire uma foto.
5. Continue o movimento, modifique outra coisa. E tire outra foto.
6. Faça isso diversas vezes, modifique algo e sem tremer a câmera, tire mais fotos.
7. Na própria máquina ao passar as imagens, você já consegue ter a sensação de movimento ao passar rapidamente uma imagem após a outra.
8. Depois é possível também inserir num programa de edição de imagens ou vídeo e fazer as imagens se movimentarem automaticamente. É super fácil!

Resumo

Nessa aula entendemos a lógica da animação quadro a quadro e aprendemos que o ser humano, ao longo dos tempos, investiga possibilidades para isso. Seja através da representação pictórica ou usando outros suportes eletrônicos ou mesmo uma simples folha de papel, podemos ter a sensação de movimento.

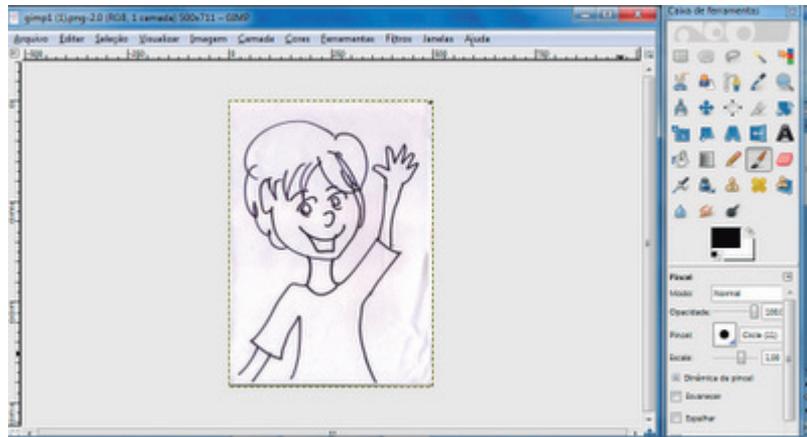


Atividades de aprendizagem

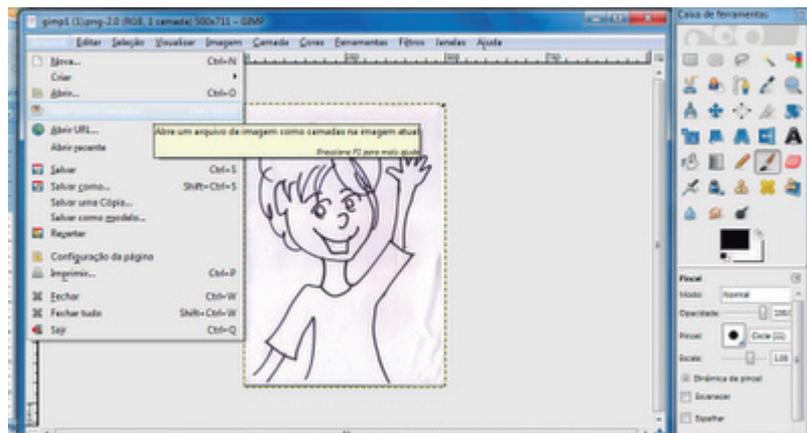
Depois que você fizer a sua sequência de imagens anime-as usando o editor de imagens livre e gratuito, o *Gimp*:

Veja os passos e tente fazer. Ao finalizar, publique no nosso ambiente!

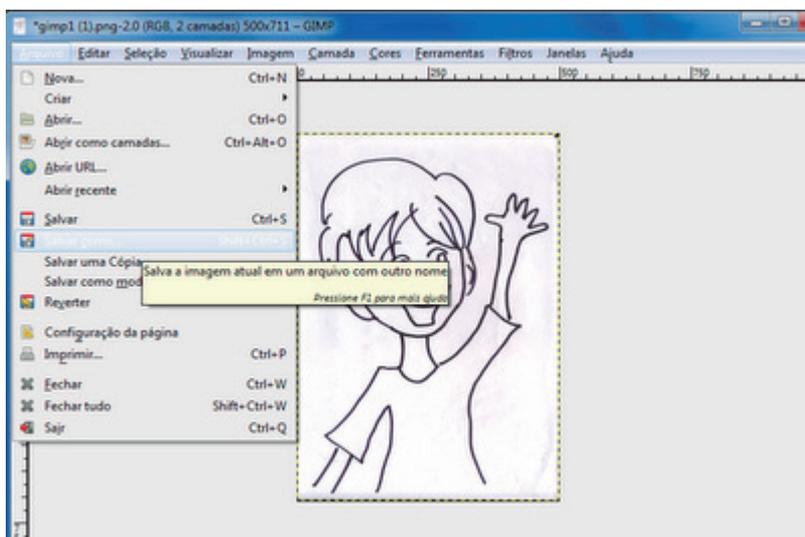
Stop motion com o gimp! (passo-a-passo)



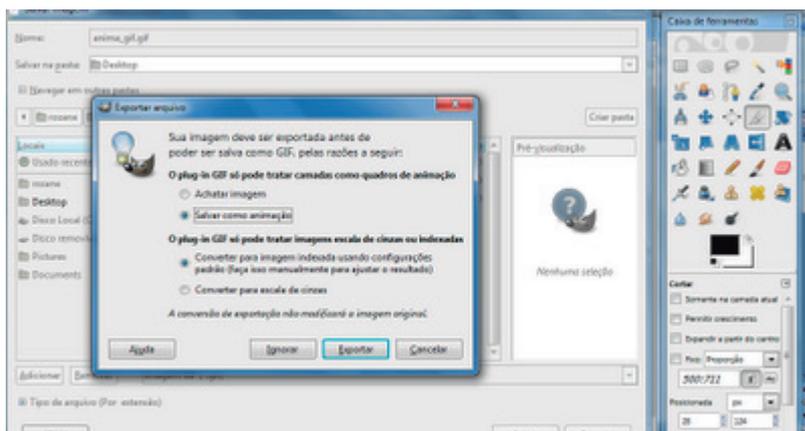
- Após digitalizar as imagens que você desenhou, abrir o primeiro arquivo no gimp.



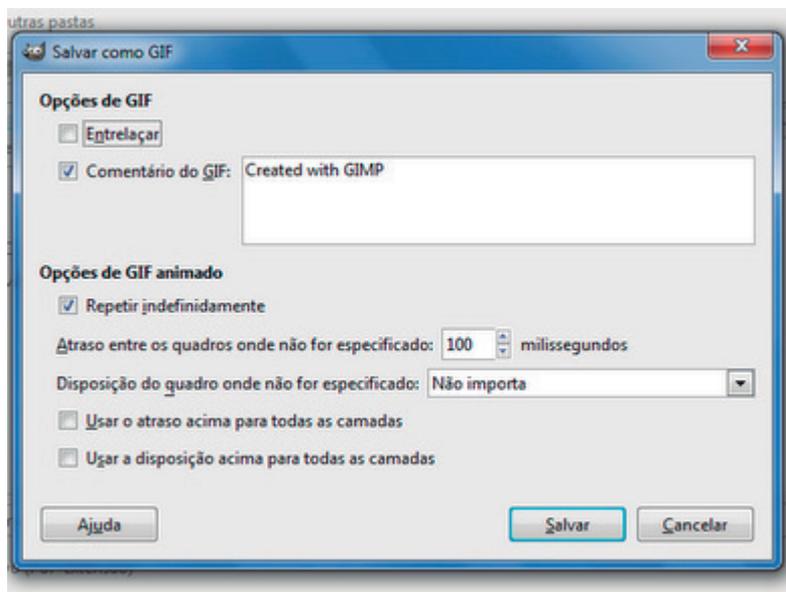
- Depois abrir o outro em “arquivo” e “abrir como camadas”;
- Logo em seguida, salvar o arquivo normalmente. Ir em “arquivo”, depois em “salvar como”



- Agora, o desenho com duas camadas, vai ganhar movimento. É, só dar um nome ao arquivo e salvá-lo como GIF.ex.: “menino.gif”



- Depois que fizer isso e der ok, o gimp perguntará se você quer salvar esse arquivo como animação. Você marca essa opção.



- Depois, outra janela é aberta para você editar algumas configurações da animação, como por exemplo, o tempo, a velocidade etc.

Pronto! Para visualizar o seu gif animado é só clicar com o botão direito do mouse e pedir que abra num navegador de internet.

Fonte: <http://ludimidia.blogspot.com/2010/10/stop-motion-com-o-gimp-passo-passo.html>

Anotações

Aula 12 – Nós somos jovens, jovens, jovens somos do exército do surf (Composição: Pataccini e Mogol)

Nesta aula estudaremos um pouco sobre Ritmo e usaremos como referência para esse estudo clipes de músicas, Histórias em Quadrinhos e sua influência nas Artes visuais de Roy Linchtenstein, Danças e o quanto fundamental é o ritmo, destacando o elemento básico: dinâmica.

Olá!! Vamos conhecer o que é ritmo?

Quando falamos em ritmos pensamos em música ou sons, pelo menos é isso que me vem à lembrança imediatamente. Penso no ritmo do meu coração pulsando, na bateria de uma música. A cadência de uma moda de viola. Uma dança, uma marcação de passos batendo com palmas (bater as mãos umas na outra produzindo som com pausa).



Olha, pensar na dança é um exercício que exige suas lembranças, mas não é difícil. Vou descrever uma para você. Vou começar por uma dança de salão, você conhece valsa? Sabe, aquela música que muitas pessoas dançam juntas em formatura, casamentos e bailes de 15 anos, bem pelo menos na minha região é bastante comum e lembro-me das pessoas marcando o compasso para aprender a dançar 1,2,3 sucessivamente. Mas temos outras, por exemplo, o samba enredo das escolas de samba do país todo.

Parece confuso?

Vamos voltar lá na valsa 1;2;3 cada passo com tempo marcado em uma fluência impressa pela música. Uma música que veio do outro lado do oceano atlântico na Áustria e na Alemanha, no início do século XIX (1801 a 1900).

Olhe para essa pintura da **figura 12.1** do espanhol Rogélio. Provavelmente o casal desliza ao som de uma orquestra em ritmo de valsa.



Figura 12.1: O Final do Baile, obra de Rogélio de Egusquiza. Óleo sobre tela.
Fonte: <https://rceliamentonca.wordpress.com>

A-Z

Coreografia

Arte de dançar.
Arte de compor bailados.

Figurino

É o traje usado por uma personagem de uma produção artística (cinema, teatro ou vídeo) e o figurinista é o profissional que idealiza ou cria o figurino.

Cenário

Conjunto das vistas e acessórios que ocupam o palco ou o local de uma representação teatral, televisiva ou cinematográfica ou de um espetáculo semelhante.



A sugestão é o filme musical “Moulin Rouge”, 2001 (EUA), Direção: Bazmark Luhrmann. Esse filme é um romance/ficção, onde o diretor conta a sua versão sobre as espetaculosas festas da aristocracia na casa de espetáculos que tem o mesmo nome do filme no ano de 1889 em Paris. O que tem de especial no filme, além de figurino e a interpretação dos atores, é a música. O que gostaria que observassem são as músicas produzidas no fim do século XX. E uma, em especial, mistura vários elementos de diversas culturas, na cena EL TANGO DE ROXANNE. Originalmente essa música é um rock da banda inglesa da década do final de 1970 (século XX): The Police.

No pulsar do tempo e do contratempo, os passos vão acompanhando e levando os corpos dos dançarinos. Mas não são apenas as danças de salão que usam ritmo, temos também danças produzidas para espetáculos. Com **coreografia**, **figurinos**, **cenários** interpretando a música com seus corpos em movimentos ritmados.

O conteúdo da dança que vamos destacar nesta aula, lembra, é a **dinâmica** e neste elemento, que é fundamental para a arte de dançar, é que encontramos o ritmo que terá peso, acontecerá em um espaço, com tempo e fluência. Podemos também associar a dança ao teatro e os protagonistas representando um musical. Um musical é um complexo audiovisual que associa dança, música e interpretação todos juntos contando uma história. Esse musical pode ser assistido no teatro, em clipes de música, no cinema, ou em um audiovisual adaptado para a televisão.

Cada movimento dos bailarinos dialoga com o outro movimento, com uma sequência expressiva. Podemos ver a dinâmica no balé clássico, em uma dança de rua, ou em uma dança popular. Os “passos” são ensaiados muitas vezes e dependendo da intenção o movimento será leve ou vigoroso, rápido ou lento, pra frente ou pra cima, ou até mesmo para o lado e para cima ao mesmo tempo.

Veja essa imagem, um fragmento do espetáculo “Céu na Boca” da companhia de dança Quasar. Perceba as tensões nos movimentos e a força e peso.



Figura 12.2: Céu na boca, fotografia de Lu Barcelos, Chocolate fotografias

Fonte: <http://www.quasarciadedanca.com.br/>

Veja a foto de um espetáculo de dança onde os bailarinos estão saltando em direções opostas. A dinâmica imposta nessa foto também acrescenta, para nós, o olhar atento do fotógrafo que consegue capturar tempo pausando o movimento do vôo em um exemplo de dinamismo do grupo. Há força nesse movimento, há velocidade o espaço explorado não é só chão, mas o ar com saltos.



Figura 12.3: Foto divulgação, fotografada por Douglas Fróis/UFPR

Fonte: <http://ufprcultural.blogspot.com>

Agora quando assistires a uma dança ou você mesmo dançar, perceba como o elemento “dinâmica” está presente.

Bem, olhar as artes que tem movimento físico em três dimensões, ou que se deslocam no espaço é fácil. Mas como é o ritmo nas artes visuais? Pelo menos eu estaria fazendo, se estivesse no seu lugar lendo esse material, a seguinte indagação: Como vejo o ritmo no desenho?

Nos quadrinhos o ritmo é dado pelas trajetórias das linhas, interrompidas, mais grossas, mais finas, em espiral, mais curtas, mais longas e, ainda podemos observar o ritmo de um quadro pelo movimento do pincel. Veja a obra de Roy Lichtenstein esse pintor que seguia a tendência da pop art, transformava os mitos do cinema e as coisas simples do dia a dia. Ele valorizou muito as Histórias em Quadrinhos muito consumidas nas décadas de 50 e 60 do século XX.

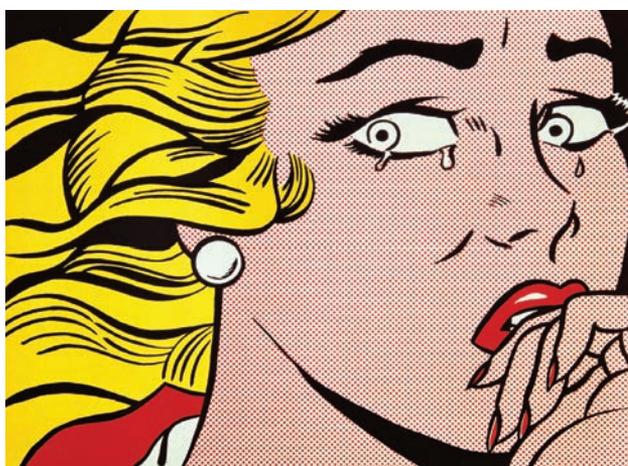


Figura 12.4: Garota chorando, obra de Roy Lichtenstein, 1963

Fonte: <http://static2.r23.de>

Perceba como o artista coloca ritmo na sua obra. A intensidade expressa está quase permitindo que a mulher assustada saia correndo do quadrinho.

Vamos examinar outra obra, de outro artista, onde o ritmo está presente na sequência dos quadrinhos que não usa palavras para comunicar-se com o leitor, só o ritmo veloz da cena.



Figura 12.5: Quadrinhos de Daniel Pereira dos Santos, sequência de "Nada a Perder"

Fonte: <http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br>

Saindo do plano e entrando nas três dimensões.

Existem muitos suportes de arte onde podemos identificar ritmo. As instalações muitas vezes apresentam esses elementos formadores.

Mas o que é uma instalação? É uma intervenção no espaço. Em resina, cristal, still, seus espécimes falam de ausência e morte e da impossibilidade de contorná-las. Nas galerias ou museus as instalações projetam outros espaços diferentes dos convencionais propondo uma experiência poética do mundo; isto é, a obra é uma forma de estar no mundo.



Veja a instalação proposta por Rachel com a representação de 500 pombos passageiros, feitas em âmbar.



Figura 12.6: A Vanishing, Instalação na 26ª Bienal de São Paulo, Rachel Berwinck.

Fonte: Foto de Sandro Fernandes

Resumo

Nesta aula descobrimos que podemos colocar ritmo não apenas na música. Temos ritmo na dança e descobrimos que um dos componentes básicos da dança é a **dinâmica**. Que para conseguir dinâmica na dança os coreógrafos e bailarinos precisam definir **peso ao movimento**. Essa ação acontecerá em um espaço, com tempo e fluência. Eu posso caminhar na composição de uma dança moderna rápido, parar e voltar a caminhar rápido e combinado a outros elementos vou compondo o texto da coreografia ensaiada. Vimos também que podemos colocar ritmo na fotografia, no desenho e nas instalações.

Atividades de aprendizagem

- Descubra uma imagem que usa ritmo e seja um exemplo diferente dos que estão no seu livro e cole.



Aula 13 – Quando o apito da fábrica de tecidos; Vem ferir os meus ouvidos; Eu me lembro de você (Música: Noel Rosa)

Nessa aula veremos como é importante para fotografia a luz e como a sombra pode compor imagens geniais. Entendendo um pouco deste suporte visual, vamos conhecer suas estruturas básicas. E para apresentar o conteúdo de luz e sombra na fotografia traremos apenas fotografias em preto e branco, olhando alguns caminhos que nos levam para o trabalho.

Olha o passarinho!

Você já ouviu essa expressão? As pessoas inventaram outras expressões para chamar a atenção para o momento em que o fotógrafo captura a imagem.



Temos outras possibilidades atualmente: as máquinas são portáteis e as fotos, na sua maioria, são digitais. Há alguns anos atrás, pelo menos uns vinte, isso não era possível. Os equipamentos de fotografia eram mais pesados e a luz era impressa em filmes.

Epa! Eu falei luz impressa. Bem então qual é o mistério da caixa preta da máquina de fotografia? Veja fotografia vem da palavra **grega** que significa *photo* = luz + *graphos* = escrita = escrever ou desenhar com luz.

Bacana né?

Luz capturada passa pelo diafragma e projeta no lado oposto.

A luz é tão importante e fundamental para fotografia que é parte de seu nome.

Mas como acontece esse processo?

Veja como isso acontece na câmera escura: a luz entra pela abertura da caixa (na máquina fotográfica é o diafragma que abre para a luz passar) e “imprime” a imagem invertida no filme fotográfico/tela de papel vegetal dentro da câmera. Nosso olho pode depois ver a imagem fotografada na posição original.



Fotografia

A palavra em grego se escreve assim: φως [fós]), e γραφίς [grafis].

Observe na **figura 13.1** o esquema da captura da luz.

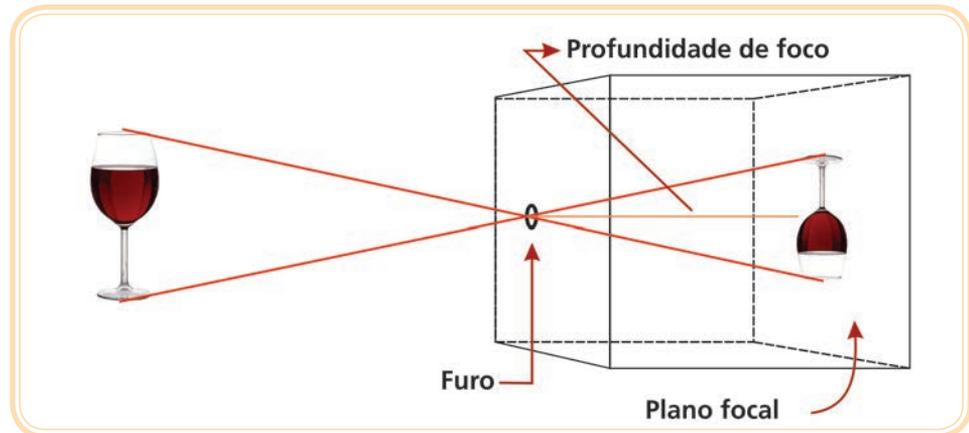


Figura 13.1: Esquema de captura da imagem fotografada em uma câmera escura.

Fonte: Elaborado pelo DI

Bem, entendo que fotografia é um pouco complicado de estudar, pois ela envolve muitos conhecimentos físicos e químicos, além dos artísticos, mas nada que com um pouco de leitura e dedicação você não consiga.

Mas, bom mesmo é fotografar.

Não é?

Quem não gostar que dê o primeiro clic.

E como ensinou a professora de fotografia Flávia Lúcia Bazan Besspalhok precisamos de alguns princípios básicos para o uso desta linguagem e como tal irá se comunicar. Ela destaca em suas aulas que, quando fotografamos, é bem bacana termos em mente o que queremos dizer com aquela imagem. Eu faço minhas as palavras dela. Se entendermos que imagem tem mensagem e que pode assumir uma função comunicativa é preciso também pensar no que queremos comunicar.

Com uma ideia na cabeça e uma câmera na mão, como diria o cineasta **Glauber Rocha**, ao fotografar temos que considerar os elementos básicos da imagem fotográfica. Destaco novamente as aulas de fotografia de Flávia e compartilho com você leitor estudante, ela pede que antes de fotografarmos partamos de uma ideia e que tenhamos um objetivo claro. Podemos usar para expressamo-nos nessa linguagem equipamentos e acessórios como lentes, filtros, máquinas diferentes.



Glauber Rocha: brasileiro baiano, escritor, cineasta e genial, criou no Brasil uma nova maneira de fazer cinema o cinema novo que ele definia assim: "Nosso cinema é novo porque o homem brasileiro é novo e a problemática do Brasil é nova e a nossa luz é nova e por isso nossos filmes nascem diferentes dos cinemas da Europa". Você encontra mais sobre a vida e a obra dessa personalidade histórica e fantástica - <http://www.tempglauber.com.br>.

Ou... Lançar mão dos elementos da linguagem fotográfica usando e abusando da composição, dos planos, do foco, dos ângulos, do movimento, da textura, do contraste, da tonalidade, da iluminação, da forma...

Ufa, são muitas possibilidades. Vamos explorar alguns elementos básicos da fotografia nesta aula. “Bora” lá então!

Como nosso título tem a ver com trabalho, nossas referências serão deste tema. Mas vou trazer fotos de caminhos para o trabalho.

Vamos começar com uma exposição de fotografias intitulada *Pescadores de Tainha* do fotógrafo *Leonardo Régner*, que aconteceu em Curitiba de 09 de abril a 03 de julho de 2011, no Museu Oscar Niemeyer. Escolhi nossa primeira foto para analisar o caminho para o trabalho dos pescadores. Vamos observar como o fotógrafo coloca profundidade na imagem e trabalha a luz e os tons de cinza.

Existem alguns elementos que ajudam na sensação de profundidade nas fotos: linhas paralelas que no horizonte se convergem, caminhos, estradas ou fileira de árvores ajudam nesta percepção. Outras opções de tridimensionalidade visual são a diminuição do tamanho, cor e tonalidades, efeito de névoa. Porém a foto de Leonardo tem mais que isso. Tem poesia nesta imagem ela mostra mais do que estamos vendo e que é óbvio. O que você sente ao vê-la?

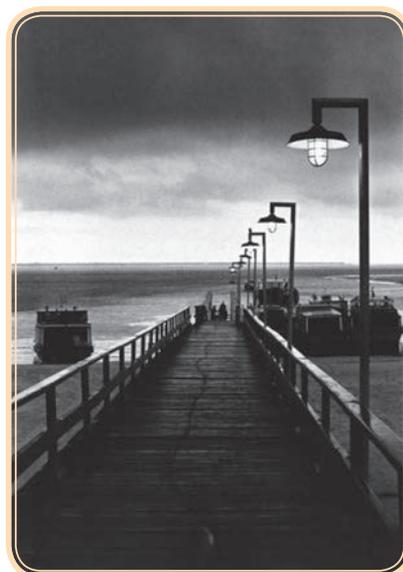


Figura 13.2: Pescadores de Tainha, do fotógrafo Leonardo Régner, Nova Brasília, 2010.

Fonte: <http://www.museuoscarniemeyer.org.br>

A foto é sempre o que o fotógrafo está vendo. Ele compõe a cena, mas, além da técnica, é necessária a intenção e clareza do que se quer comunicar e uma boa dose de sensibilidade. A composição em uma imagem fotográfica é uma seleção do que se quer mostrar ou chamar a atenção. O artista com a foto do ancoradouro nos conduz para dentro da imagem, sua cena escolheu a luz, arranjou os elementos, os equilibrou no espaço. É como se a imagem nos convidasse para caminhar nos seus caminhos.



Bombaim ou **Mumbai** é a capital do estado de Maharashtra e a maior cidade da Índia e do mundo, com uma população estimada em quatorze milhões de habitantes (2009). Bombaim encontra-se na ilha de Salsete, ao largo da costa ocidental de Maharashtra. A sua região metropolitana é a terceira maior do mundo, com uma população de cerca de 22 milhões de habitantes. A cidade possui um porto natural profundo pelo qual passam metade do tráfego de passageiros da Índia e grande quantidade de carga.
Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bombaim>

Olhe na **figura 13.3** o que o fotógrafo Sebastião Salgado produziu: uma imagem parada que remete ao movimento. Ele consegue isso porque a câmera está parada e o foco movimenta-se. Essa fotografia é Churchgate Station, uma das principais estações de trens de subúrbio de **Mumbai**, na Índia. Uma das placas dirigidas aos usuários diz algo como: “Sua viagem de casa para o trabalho está ficando mais prática e confortável. Trens mais longos, mais frequentes e melhores.”



Figura 13.3: Church Gate Station, Sebastião Salgado ©, Western Railroad Line, Bombay, India.
Fonte: <http://www.amazonasimages.com>

Vamos concluir nossa aula de hoje trazendo outro elemento importante na fotografia, a textura. Temos a impressão de que podemos tocar e sentir as pedras e as folhas do milho da fotografia de Maurese Polizio. São detalhes em destaque que nos permitem “sentir” o tato sem tocar, só olhando. Fantástico, não?



Figura 13.4: Sem título, fotografia de Maurese Polizio
Fonte: <http://entremundos.com.br>

Resumo

Nesta aula foi possível conhecer um pouquinho da arte de fotografar. Conhecemos como a fotografia acontece e exploramos um pouco os três elementos que a compõe: profundidade, movimento ou textura.



Atividades de aprendizagem

- Sua vez de tentar fotografar usando um dos elementos que trouxemos. Profundidade, movimento ou textura. Escolha e suas cenas e mãos à obra.

Aula 14 – Uma ideia é um ponto de partida e nada mais. Logo que se começa a elaborá-la, é transformada pelo pensamento. Pablo Picasso

O nosso objetivo nessa aula é refletir um pouco sobre a complexidade das artes visuais, percebendo que elas podem ter outras dimensões que ultrapassam a tela do computador ou de pintura, ou mesmo o papel em que desenhamos ou a telinha do vídeo etc.

14.1 Tridimensional e Bidimensional

Você já foi ao cinema assistir um filme com tecnologia 3D?

Se nunca foi, ao menos já ouviu falar não é mesmo?

Pois então, assistir um filme ou mesmo ver uma fotografia com esse tipo de tecnologia, nos dá a sensação de que a imagem bidimensional da tela ou do papel fotográfico tem três dimensões: altura, largura e profundidade. E é esta última, a profundidade que difere uma imagem bidimensional da tridimensional.



Figura 14.1: Cinema 3D

Fonte: <http://cdn1.mundodastribos.com>

Mas, você pode dizer que já viu lindas imagens, pinturas em que se tem a sensação nítida que há profundidade. Sim, de fato. Existem obras bidimensionais que usam de diversos efeitos para dar esta sensação mesmo. Algumas delas são:

- A luz;
- O Volume – conseguido pela luz;
- A perspectiva – que consiste numa técnica de desenho que tem como base um ponto de fuga baseada na constituição da nossa visão e nos dá a impressão que o desenho tem profundidade.

Mas e o cinema 3D? Pode ser considerado uma obra tridimensional? Se você disse que não, acertou. Tal como as imagens paradas ou estáticas, o cinema 3D também manipula a imagem, sobrepondo uma a outra e com o auxílio de um óculo especial que sugerem que as imagens estão “saindo” da tela no cinema 3D os efeitos o telespectador tem a impressão de fazer parte das cenas exibidas.

14.2 Obras tridimensionais

Até agora, falamos mais de obras que não são de fato tridimensionais, mas que manipulam o nosso olhar nos confundindo com criatividade. Mas existem modalidades artísticas que são fisicamente em 3D, pois possuem de fato as três dimensões: altura, largura e profundidade. Podemos citar algumas: esculturas, objetos, instalações, cenários, entre outras.

Nas “instalações”, o artista manipula a composição de uma forma livre, tendo o espaço tridimensional também como o elemento formal. Na instalação, tem-se a sensação que há um recorte do espaço cheio de criatividade. Um canto, um pedaço da parede, onde o artista combina elementos, materiais e conceitos.

Os objetos também são confundidos muitas vezes com as esculturas. Mas, têm suas características próprias. Têm três dimensões, são livres quanto a sua composição material e formal e não precisam ser necessariamente criados, esculpido, gerados de uma matéria prima única, como a madeira, a pedra, por exemplo, como são nas esculturas. O objeto pode ser algo já existente, algo retirado do nosso cotidiano e ganhar o valor artístico. Tudo vai depender da justificativa dada pelo artista. Observe as imagens que seguem.

Na **figura 14.3** temos uma escultura do Mestre Didi, nascido Deoscoredes Maximiliano dos Santos, escultor de obras reconhecidas no Brasil e no mundo.



Figura 14.2: Mestre Didi Eye Lawá – Pássaro Ancestral a grande mãe. Técnica mista, 140x46x30cm, 2001.

Fonte: <http://www.museuafrobrasil.org.br>

Já na **figura 14.4** temos uma fotografia que mostra o trabalho do chinês Huang Yong Ping; esta escultura foi exposta na 24ª Bienal de São Paulo e é feita de concreto, aço reforçado, peles de animais, tinta, almofada de tecido, plástico, madeira e assento de cana, vista de instalação.



Fonte: Sandro Luis Fernandes

Figura 14.3: O pesadelo de George V.

Fonte: <http://blogs.walkerart.org>

Aula 14 – Uma ideia é um ponto de partida e nada mais. Logo que se começa a elaborá-la, é transformada pelo pensamento. Pablo Picasso

Na **figura 14.5** uma escultura *readmade* de Duchamp. O termo *readmade* foi usado pela primeira vez com o artista Marcel Duchamp. Consiste na apropriação de um objeto do cotidiano para uma função artística. Ou seja, o objeto é tirado do seu contexto e levado para o museu por exemplo.



Figura 14.4: Roda de Bicicleta, escultura de Marcel Duchamp, 1913.

Fonte: <http://2.bp.blogspot.com>



Visite museus pelo mundo inteiro com a ferramenta Google art project. O endereço é <http://www.googleartproject.com>. Nem todos os sítios estão em português, mas a navegação nos espaços virtuais é intuitiva. Boa viagem!

Todas elas são constituídas de diversos materiais, de ideias, de conceitos, mas o seu produto final além da intenção do artista depende das dimensões de altura, largura e profundidade, reais.

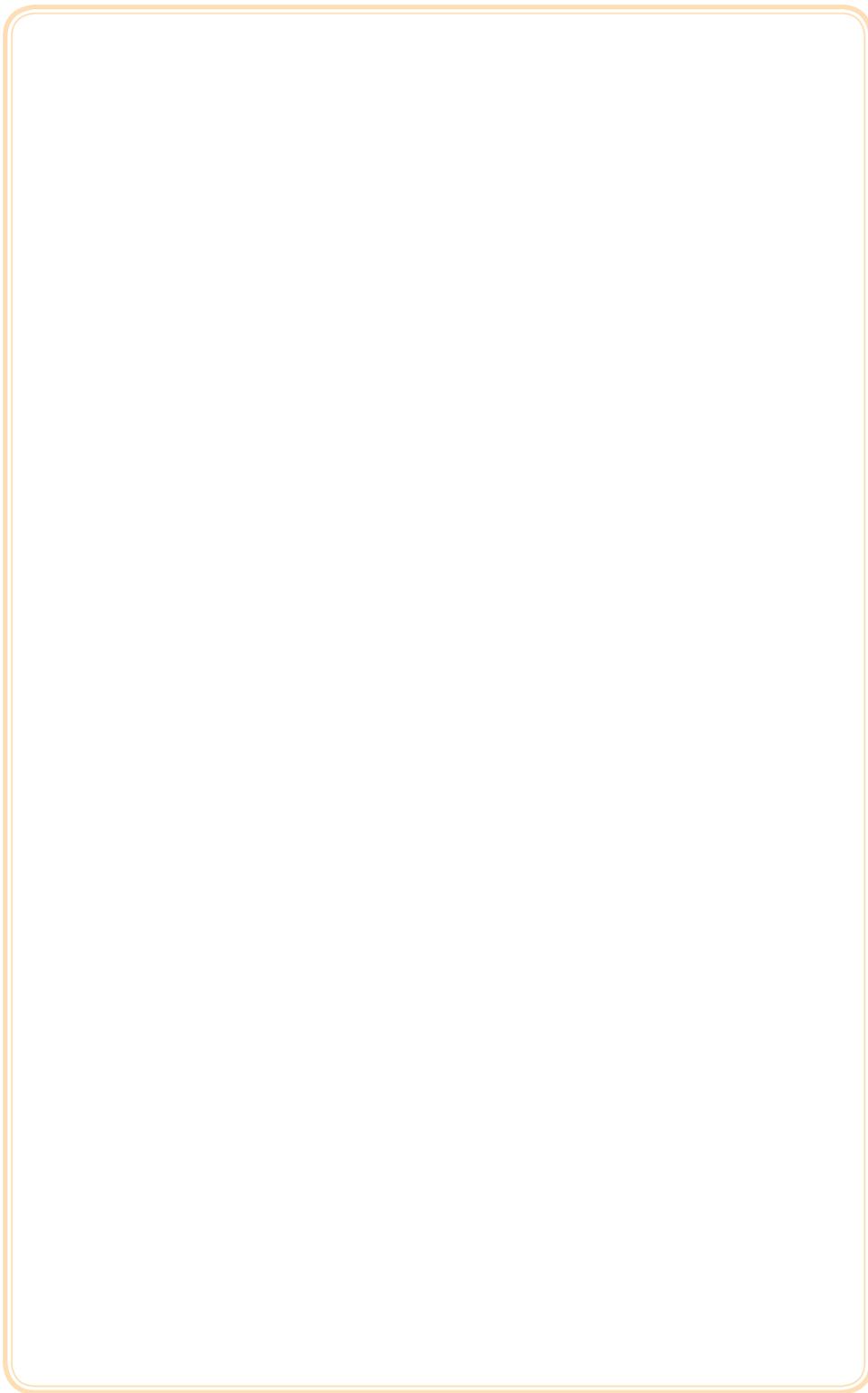
Resumo

Nesta aula você aprendeu a diferença entre uma obra bidimensional e tridimensional e também compreendeu alguns mecanismos que nos confundem quanto a sua classificação.



Atividades de aprendizagem

- Faça um projeto de instalação, uma obra inspirada na cultura da sua região. Pense num trabalho que pode ter 2,70 metros de altura, e 2x2 de largura e comprimento. Use o material que você achar necessário, lembrando que se trata apenas de um projeto, então não terá tantas restrições. Só atente para a parte conceitual. Ou seja: o que cada material significa na sua obra? Como você organiza o espaço também influencia no produto final. Tudo tem um porquê. Faça um desenho do projeto de como ele ficaria sendo visto de frente e de lado. E também dê um título e explique o que significa.



Aula 15 – Pensaram que eu era surrealista, mas nunca fui. Nunca pintei sonhos, só pintei a minha própria realidade. Frida Kahlo

Você já deve ter ouvido falar, mesmo neste material, sobre forma e, como pano de fundo, trilharemos pelas ideias estéticas da arte abstrata e figurativa. Nesta aula o nosso objetivo é conhecer algumas obras artísticas abstratas e figurativas de forma que possamos ao final da aula identificar e compreender o fazer artístico com esse conceitos.

15.1 Arte figurativa

Identificar uma obra de arte figurativa é simples. Por exemplo, em obras em que é fácil a identificação de figuras conhecidas nossas, esta é figurativa. Ou seja, o artista que faz obras figurativas representa o mundo que conhecemos e o reproduz nas mais diversas formas possíveis. Ou ele se preocupa em representá-lo ao menos de forma reconhecível. Observe as bonecas de cerâmica da **figura 15.1**; elas destacam a cultura local, ou seja apresentam características do cotidiano.



Figura 15.1: Artesanato

Fonte: <http://www.marka.tur.br>

15.2 Arte abstrata

No início do século XX, quando a fotografia começa a ser utilizada para representar a realidade, os artistas de movimentos modernos começam a perceber que é preciso dar uma outra função para a arte e não mais só de imitar o “real”. Depois descobrem que a fotografia também não se limita a isto. A questão é que e foi graças ao advento da fotografia, os artistas começam a experimentar outras formas de representação artística, focada nas formas, na temática e não apenas da cópia do mundo que se vê. Enfim, esse novo direcionamento nos leva a uma forma de arte mais criativa.

Veja o exemplo no **quadro 15.2** de Kandinsky que a pintou no ano de 1914 quando começa na Europa a primeira grande guerra. Leia mais sobre essa obra no final do livro.



Figura 15.2: Fuga, obra de Kandinsky, 1914, óleo sobre tela.

Fonte: <http://arteconcretista.wordpress.com>

Ao contrário, na arte abstrata, o artista cria novas formas, distorce a realidade de forma que parece que a sua representação não trata de um mundo que conhecemos. O artista quando faz uma obra de arte abstrata ele não se preocupa em representar a o mundo tal como ele é, mas cria uma nova forma de vê-lo.

Existem vários tipos de arte abstrata. Ela pode ser representada em estampas, em culturas indígenas, por exemplo, e nas belas artes.

Foi em 1919 que nasceu o primeiro quadro considerado abstrato do artista russo Kandinsky. O artista usava e abusava das formas soltas e das cores. Os artistas abstratos se interessavam pelo movimento feito pelo braço ao dar pinceladas. Pesquisavam sobre as linhas, formas, cor, volume e outros elementos visuais. Criaram formas orgânicas e também trabalharam com formas geométricas.

Veja as **figuras 15.3** e **15. 4**, abaixo

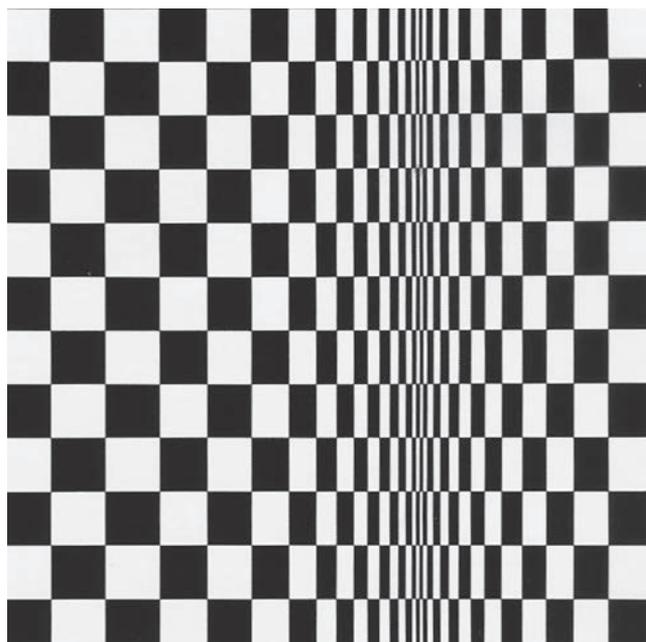


Figura 15.3: Movimento de quadrados, obra de Bridget Riley, 1961.

Fonte: <http://1.bp.blogspot.com>



Figura 15.4: Obra do escritor, poeta e artista plástico angolano, Ondjaki. Exibição "Pôr-do-Sonho".

Fonte: <http://blogdangola.blogspot.com>

Note que na arte abstrata é possível identificar duas vertentes na produção: uma com formas orgânicas, ou seja, formas incertas, não simétricas e que lembram a natureza (folhas, células, etc) e as formas geométricas, estas são mais rígidas e sugere à ideia de um mundo a parte, que não conhecemos, pois na natureza não há exatidão geométrica.

Resumo

Nesta aula você aprendeu sobre forma na arte e para melhor exemplificá-la usamos duas correntes estéticas: a arte abstrata e arte figurativa. Também falamos um pouquinho sobre dois estilos predominantes na arte abstrata, quando nos lembram a natureza ou formas que não nos remetem a um mundo conhecido por todos nós.

Atividades de aprendizagem

- Usando qualquer programa do computador, editor de texto, planilhas, desenho, imagem etc, crie uma obra de arte abstrata com formas geométricas e formas orgânicas.



Aula 16 – ... ai quem me dera se essa rua fosse minha só andava descalço pra nela sempre tocar ... (Rua É Nós; Projota)

Nessa Aula veremos o que são cores quentes e cores frias, em pinturas e murais de rua. Nosso tema continua caminhos para o trabalho, e vamos trilhar pela cidade olhando algumas de suas manifestações de arte. Destacaremos o movimento nos murais que usam o baixo relevo e as cores quentes e frias nos grafite e azulejo.

Você já reparou que a cor das embalagens da maioria dos produtos com guloseimas, do tipo balas, biscoitos e bolachas, tem as cores vermelha, laranja e amarela? E que boa parte das lanchonetes usa essas cores com a branca? Por exemplo, as paredes brancas e as cadeiras e mesas amarelas e vermelhas ou laranjas, ou as paredes com uma cor mais neutra tipo o bege e detalhes nas cores quentes.



Ou já reparou que alguns consultórios estão colocando além do branco mais uma cor? Normalmente o mais usado é o verde, uma cor que sugere juventude, tranquilidade e harmonia, adequadas para um consultório dentário, por exemplo, pois provoca bem estar.

Já parou para pensar porque isso acontece? Será que é uma feliz coincidência?

Não, não é coincidência. O uso das cores no nosso cotidiano é um estudo sério e científico. Na física estudamos a luz e as cores são parte dela. Sabemos que as cores são frequências de onda, comprimentos de onda sensíveis à visão humana. Provocam sensações nos seres humanos. Elas sugerem muitas vezes sensações térmicas como calor e frio.

Existe no estudo da arte o trabalho com as cores, pois são elementos da linguagem visual. A cor “fala” por ela mesma.

Esse conteúdo de cores provavelmente você já tenha aprendido, mas hoje vamos estudá-lo ligado às manifestações artísticas e de artista e suas obras e algumas possibilidades de usá-las. Não vamos analisar as cores usadas para vender produtos, vamos deitar nosso olhar nas imagens que estão no nosso dia a dia. No lugar mais comum e democrático, na rua.

Você mora na cidade? Ou já teve a oportunidade de caminhar por uma?

Espero que sim, mas caso isso não seja um fato vamos comentar e tentar ilustrar ao máximo nossa aula.

Já reparou quantas obras de arte tem na rua? Painéis pintados na parede, em azulejos, nos muros, figuras coladas nos portes ou elementos de arte que são propositalmente deixados em lugares estratégicos só para nos fazer pensar.

Eu trouxe para nossa aula alguns exemplos da cidade onde eu moro, Curitiba que é a capital do Paraná. Mas também um trabalho de mural com alto relevo muito interessante de Parintins no Amazonas.

Vamos começar com o conhecimento das cores quentes e as cores frias. Vejam a **figura 16.1**: é um painel de rua em azulejos no Largo da Ordem, em Curitiba, em homenagem aos tropeiros. Na foto maior podemos ver uma parte panorâmica do painel e no detalhe destacamos características da urbanidade. Poty Lazzarotto apresenta como representação os tubos de embarque de ônibus conhecidos como “ligeirinhos” misturando as referências do passado e do presente neste belo painel.



Figura 16.1: Poty Lazzarotto. Largo da Ordem/Curitiba.

Fonte: Acervo de Rho Gonçalves

Ele usa e abusa das cores frias, azul, lilás e verde. Essas são cores frias. As cores frias provocam sensação de distância, transparência, abertura e imaterialidade, recuando e abrindo o espaço. A primeira ideia do Poty foi de contar uma história dos imigrantes e os tons azuis e verde ajudam o observador nessa “viagem” ao passado. É claro que o painel não pode ser resumido a uma análise de cores, mas pode ser estudado por este viés.

Seguindo nossa rota pela cidade encontramos muitos grafites. Esse grafite que está na **figura 16.2** é parte de uma sequência de outros desenhos feitos no muro da Praça de Santa Felicidade, na cidade de Curitiba. No destaque da foto encontramos um desenho que mistura o amarelo que é uma cor quente e o azul que é frio. Esse desenho sugere uma profundidade pelo uso da perspectiva e sua textura gráfica é marcante. Ao lado temos mais dois desenhos o que está acima são sequências de **close-up** de detalhes do rosto (bocas, nariz, olhos) abaixo um personagem representativo do grupo de jovens que desenhou.

A-Z

Close-up

Palavra em inglês usada no cinema, na fotografia, nas histórias em quadrinhos para detalhes (vista de perto, fotografia tirada de perto)



Figura 16.2: Grafite; Praça de Santa Felicidade/Curitiba.

Fonte: Acervo de Rho Gonçalves

Observe a força dos elementos desenhados por Rogério Dias na **figura 16.3** em um painel que mostra a vida que se forma às margens do rio Iguaçu. Ele usa muitos pássaros; veja na ampliação de uma parte do painel. Os tons de vermelho, laranja e amarelo prevalecem dando ao painel uma energia pulsante. O verde que está presente assume a força das cores quentes, nesse caso ele complementa o vermelho equilibrando sua intensidade.

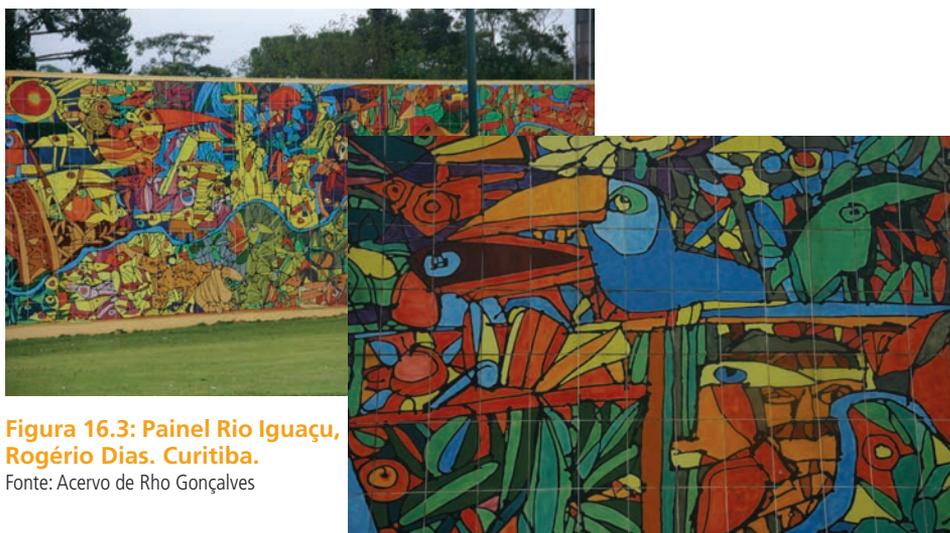


Figura 16.3: Painel Rio Iguazu, Rogério Dias. Curitiba.

Fonte: Acervo de Rho Gonçalves

A-Z

Baixo relevo

Um baixo relevo é um relevo cujas formas não ultrapassam os limites da visão frontal, o que torna possível a sua reprodução com um molde rígido. A terceira dimensão é simulada de uma forma semelhante ao que acontece num desenho.

Alto relevo

No alto-relevo, as formas possuem uma tridimensionalidade evidente, embora se prendam ao bloco de fundo por alguns pontos.

Para fechar nossa caminhada pela cidade vamos observar mais dois painéis, só que estes não são coloridos. São esculturas de **baixo relevo** feito placa por placa em cimento e assentados no espaço determinado. Começaremos pela **figura 16.4** figura de Poty Lazzarotto. É o mural "Quatro Estações" no Hotel Paraná Suíte, que toma toda a fachada do prédio, totalizando 37,5m de altura por 10m de largura.

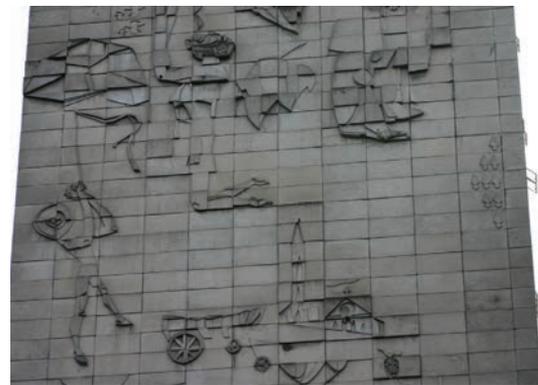


Figura 16.4: Poty Lazzarotto mural "Quatro Estações", Curitiba.

Fonte: Acervo de Rho Gonçalves



Alto relevo: é um tipo de relevo, uma escultura onde a forma se projeta à frente, partindo de um fundo, normalmente um bloco do material utilizado, além do ponto onde seria possível copiá-la totalmente com um só molde. Embora se mantenham presas ao bloco de fundo em alguns pontos, possuem uma tridimensionalidade evidente, onde as sombras ganham realce de acordo com o movimento do ângulo da iluminação.

Com grande efeito decorativo, foi muito utilizado na arte clássica, como decoração associada ao formato das fachadas de edificações.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Alto-relevo>

Finalizamos com um painel da **figura 16.5** em **alto relevo**, esculpido no muro do Centro de Convenções (Bumbódromo) de Parintins (AM). Este painel foi produzido com uma técnica diferente da fachada do Poty.

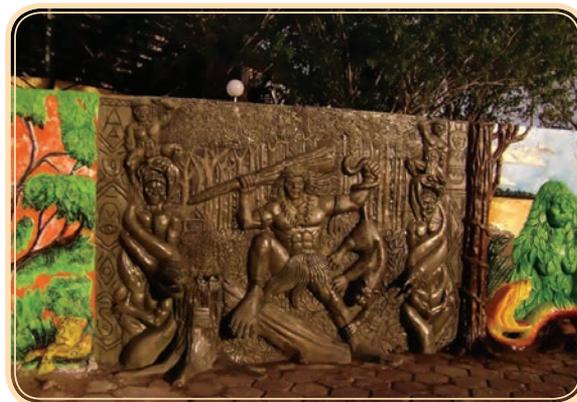


Figura 16.5: Centro de Convenções (Bumbódromo) de Parintins (AM)

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com>

Aula 17 – Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo, e com 5 ou 6 retas é fácil fazer um castelo.

Toquinho

Nesta aula continuaremos falando de forma, mas agora dentro de uma outra expressão artística: a ilustração. Vamos refletir a importância da imagem artística na composição de livros literários, revistas e materiais didáticos. Você já observou como é constante a utilização do suporte visual para a produção de informação e conhecimento? Será que a imagem, seja ela uma fotografia, fotomontagem, desenho, pintura etc. tem apenas o papel de complementar algum produto intelectual, ou a linguagem visual é também uma forma de produção de conhecimento? Vamos olhar as diversas formas que se apresentam.

Você já deve ter lido, folheado ou ao menos visto um livro infantil com imagens criativas, com colorido atraente, estilos muitas vezes não muito convencionais.

Pois então, conversaremos justamente sobre assunto: a arte que ilustra *estórias*. Isso mesmo, os livros que encontramos contando fatos inventados, criados pela nossa imaginação, são **estórias** e não histórias. Mas, estamos acostumados também a falar “história”, de forma que nem está errado falar assim.

Mas, o que importa mesmo para nós nessa aula, é ver a gama de possibilidades da arte da ilustração. E identificarmos a diversidade de estilos, traços, materiais e recursos usados para ilustrar uma estória.

Uma vez vi um lindo livro em que toda a ilustração da narrativa era feita em bordado! Vê se pode uma coisa dessas! O livro era uma coisa, linda! A história, possivelmente a razão pela qual o livro fora publicado, num contexto desses, por mais maravilhosa que fosse, ficou em segundo plano. Tanto que não me recordo bem do texto. Mas não me esqueço da genialidade e sensibilidade empregadas na construção das imagens.

17.1 A imagem como suporte do texto

Até hoje é comum a imagem artística não receber o ideal valor na produção textual e muitos estudiosos do tema, não podem nem sequer ouvir falar na imagem como suporte da linguagem escrita. Para tais pesquisadores,



A-Z

Estórias

Etimologia ing. story (sXIII-XV)
'narrativa em prosa ou verso, fictícia ou não, com o objetivo de divertir e/ou instruir o ouvinte ou o leitor', do anglo-francês *estorie*, do fr.ant. *estoire* e, este, do lat. *historia, ae*; f.divg. de história adotada pelo conde de Sabugosa com o sentido de narrativa de ficção, segundo informa J.A. Carvalho em seu livro *Discurso & Narração*, Vitória, 1995, p. 9-11; f.hist. sXIV *estorya*.
Fonte: <http://houaiss.uol.com.br/busca.htm?verbete=est%F3ria&stype=k>

a imagem configura-se como um tipo de linguagem também, com as suas especificidades e formas de comunicar. E indo mais a fundo, se pararmos pra pensar, podemos concluir que o texto escrito, também é uma imagem não é?

Mas isso não vem ao caso, agora. O que queremos mesmo, sem grandes pretensões é refletir sobre a importância na ilustração e sua primordial importância na literatura, nos livros didáticos, materiais explicativos, publicitários, educativos, técnicos.

Quer que eu desenhe?

Esta frase virou moda e provavelmente você já ouviu na TV, no seu grupo de amigos, ou até mesmo já fez essa brincadeira numa conversa a pergunta: QUER QUE EU DESENHE? Dizemos isso, mesmo que ironicamente, quando almejamos que o nosso interlocutor entenda de fato o que estamos falando.

Você fotografou?

Nunca me esqueço de uma cena dos trapalhões em que Didi, perguntava aos seus amigos sobre um determinado fato:

- fotografou?
- não.
- filmou?
- não.
- então dançou!

Nesse sentido, esta expressão compreende que a imagem, seja ela estática ou em movimento, configura-se como provas de que, de fato, algo ocorreu. Taí a importância do jornalismo fotográfico, área que se encarrega de registrar fatos com a máquina fotográfica para dar veracidade a uma notícia no jornal. Ou seja, sem imagens um fato, mesmo que real não fala por si mesmo.

O que quero dizer com esses exemplos é que a imagem fortalece, complementa e muitas vezes, recria o sentido da linguagem escrita. É isso que encontramos nos livros infantis que, ao contrário dos didáticos, apresentam-se mais artísticos, criativos e aguçam a nossa percepção e criatividade.

17.2 Ilustração e criatividade

Entre os diversos aspectos a serem refletidos sobre a imagem de ilustração, sem dúvida é a criatividade e o mundo de possibilidades. Quando pensamos em ilustrar um livro, por exemplo, de imediato, pensamos em técnicas de desenho. Com certeza, o desenho nos abre um vasto universo de opções, mas não só o desenho ilustra. Observe agora diferentes versões do personagem Alice escrita por Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido pelo seu pseudônimo Lewis Carroll:



Figura 17.1: Desenhos de: Willy Pogany; D.R. Sexton, Sir Tenniel, Ralph Steadman, Dusan Kallai.

Fonte: Escaneado - Livro Infantil? - Guto Lins, pg. 32

Todas as imagens da **figura 17.1** são da mesma personagem, Alice, mas cada uma foi representada de uma forma. Às vezes a ilustração de um livro é escolhida pelo estilo de um determinado artista. O artista ou ilustrador precisa entender a proposta do livro para poder representá-la visualmente. Essa representação pode ser figurativa ou abstrata. Pode ser desenho, fotografias, montagens, comunicação gráfica etc., no entanto, o essencial mesmo é que a linguagem visual não só complemente a linguagem escrita, mas ofereça ao leitor mais possibilidades de leitura da obra literária levando-o a um mundo mágico de vivência estética.

Observe as imagens abaixo e verifique a riqueza de estilos e possibilidades:

Colagem



Figura 17.2: Ilustração Simone Cit

Fonte: <http://www.artefinal.com>

Desenho



Figura 17.3: Ilustração Claudius

Fonte: <http://www.acaixamagica.com>

Aquarela



Figura 17.4: Ilustração Maria Eugênia

Fonte: <http://4.bp.blogspot.com>

Técnica mista: pintura tradicional a óleo e pintura digital



Figura 17.5: Ilustrações de Martha Werneck

Fonte: <http://ilustradores.ning.com>



Conheça o Portal do Ilustrador, <http://ilustradores.ning.com>, um espaço virtual onde os ilustradores compartilham seus trabalhos. O texto inicial do blog diz o seguinte: Pelo Portal do Ilustrador podemos conhecer o trabalho de cada um através de imagens postadas em seus álbuns individuais, ter acesso a uma lista de eventos relacionados à ilustração e até participar de sala de bate-papo.

Resumo

Nesta aula você aprendeu sobre a importância da imagem na produção de informação e conhecimento e suas diferentes formas e vimos apenas uma mínima mostra. Refletimos sobre a possibilidade de a imagem ser usada apenas para complementar a linguagem escrita, mas que é também por si só um texto e por vezes o conteúdo.

Atividades de aprendizagem

- Vamos agora, usar a criatividade. Escolha duas poesias e transforme-as num pequeno livro, separando as estrofes, os trechos e parágrafos, ilustrando-o.

Numa das poesias, faça ilustrações abstratas e na outra, ilustrações figurativas. Você pode desenhar fazer colagens, fotomontagens, fotografias, pintura ou o que a sua criatividade mandar. Digitalize e envie para o nosso ambiente.



Aula 18 – Navegar é preciso, viver não é preciso. (Fernando Pessoa)

Nesta aula veremos nas pinturas fora do ateliê, o equilíbrio, paisagens e nas pinturas no ateliê, a natureza morta. Vamos entender um pouco sobre simetria e seu uso nas composições visuais para estabelecer equilíbrio na obra.

Natureza morta!

Não sei você, mas pensar a natureza morta é um pouco estranho, meio **funesto**, **tétrico**. Mas não é esse o sentido atribuído ao termo para esse motivo nas pinturas. A natureza está morta porque ela está fora de seu lugar natural e esse gênero de pintura tem origem na Grécia antiga, alguns historiadores situam em 776 antes de Cristo.



Os artistas colhiam e montavam arranjos com flores, frutos e, às vezes, pássaros, em uma mesa ou outro suporte e pintavam dentro de seus **ate-liês**. Uma das necessidades para isso se dava porque antes do século XIX (1801-1900) os objetos (tintas, telas, cavaletes) usados para pintar não possuíam portabilidade. Sabe o que quero dizer? Quando podemos carregar para qualquer lugar nossos utensílios de trabalho. Era muito difícil porque eles tinham que fabricar suas tintas, que não vinham em tubinhos e nem potinhos, construíam também suas telas e não cogitavam sair para o ar livre para pintar.

Para montar a cena que seria pintada eles dispunham os objetos escolhidos até que a imagem visualizada estivesse equilibrada e reproduziam o que viam. Era uma forma de exercício de composição, cor, desenho. Essa forma clássica de trabalho está presente ainda nas pinturas desse século com algumas alterações nas intenções e mudanças nas formas, à medida que os séculos passaram.

A-Z

Funesto

adj. 1. Que traz consigo a morte. 2. Que anuncia ou precede a morte. 3. *Fig.* Sinistro, desgraçado, infausto. 4. Fatal; cruel.

Tétrico

(latim *tetricus*, -a, -um) *adj.* 1. Triste. 2. Medonho. 3. Tenebroso, escuro. 4. Grave, carrancudo. 5. Severo, áspero.

Ateliês

(francês *atelier*) s. m. 1. Local de trabalho de um artista. = estúdio 2. Local de trabalho de um artesão. = oficina 3. Aula ou curso prático sobre uma atividade! Ou um assunto específico (ex.: ateliê de escrita, ateliê de fotografia). = oficina

Na **figura 18.1** temos um exemplo de natureza morta, mas essa é mais contemporânea, foi feita em 1954 (séc. XX) onde Frida Kalo pinta melancias, mas dá à sua obra o nome de Natureza Viva. Perceba que a disposição das formas e das cores do trabalho da pintora na tela está em equilíbrio.



Se você ficou curioso e quer conhecê-la mais, duas dicas:

Primeira dica é visite sítio oficial da pintora <http://fkahlo.com>. Aproveitem e treinem seu espanhol, pois o sítio tem essa opção de língua.

Outra dica é conhecer a história de Frida pelos olhos do diretor Julie Taymor no filme de mesmo nome. No filme Frida Kahlo

(Salma Hayek) foi um dos principais nomes da história artística do México. Conceituada e aclamada como pintora, ela teve um casamento aberto com Diego Rivera (Alfred Molina), seu companheiro também nas artes e ainda um controverso caso com o político Leon Trotsky (Geoffrey Rush) e com várias outras mulheres.



Figura 18.1: Viva la vida, obra de Frida Kalo.

Fonte: <http://uploads0.wikipaintings.org>

Trazer o trabalho de Frida como exemplo desse gênero de pintura é principalmente reconhecer o trabalho de uma pintora latina americana (mexicana) e valorizá-la, pois era uma mulher brilhante, de personalidade forte, que teve uma vida sofrida e que estava à frente de seu tempo. Poderíamos exemplificar com qualquer outro pintor. Porém, não vamos falar de Frida, vamos falar de equilíbrio na composição.

18.1 Pensando no equilíbrio

Para que todos tenhamos as mesmas referências sobre nosso conteúdo, vamos entender melhor o que é equilíbrio em uma composição e porque isso é importante.

Mas primeiro vamos entender porque isso é importante, vejamos o que nos diz o professor José Barki e sua equipe no Caderno Didático “Introdução ao Estudo da Forma” da UFRJ, pois sua explicação resume bem a complexidade deste conhecimento.

O principal objetivo de se estudar as qualidades particulares da experiência visual é aprimorar nossa sensibilidade inata e tentar educar o nosso olhar. Assim podemos alargar as possibilidades de contato com a realidade que nos cerca, aprender a ver e a melhor perceber. Com isso, se espera atingir condições adequadas ao desenvolvimento do nosso potencial criativo.

(Fonte: <http://www.fau.ufrj.br/apostilas/aforma/CAP3.pdf>)

Na composição artística cada forma representada tem seu peso expresso por suas dimensões, distância e valores. Nós vimos parte desses conteúdos quando falamos de cores, de formas, de texturas. Portanto a busca do equilíbrio é conseguida pela compensação entre as formas. Porém dependendo do que o artista intenciona o desequilíbrio pode ser seu principal componente de composição, mas isso é assunto para outra aula, em outro momento ou em outro curso.

Vamos pegar um pedacinho deste componente da composição e trinchá-lo em uma pequena parte. A maneira mais básica de equilíbrio é a simetria que consiste em dividir uma imagem ao meio (horizontal ou verticalmente) e encontrar os elementos proporcionalmente iguais nos dois lados. Por exemplo, se dividirmos uma foto de uma borboleta com asas abertas ao meio no sentido vertical veremos uma asa igual de cada lado.

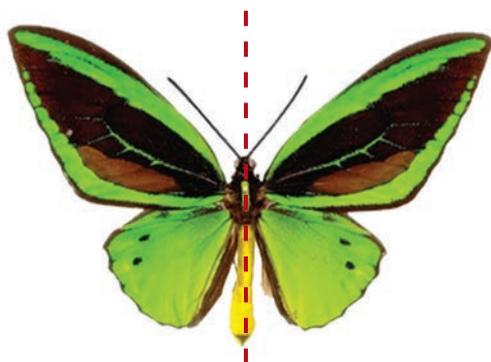


Figura 18.2: Borboleta simétrica
Fonte: <http://www.sxc.hu>

18.2 Os pintores saem dos ateliês

Como nossa aula começa com um trecho do poema de Fernando Pessoa, vamos primeiro entendê-lo para depois propor o tema com o qual trabalharemos. O que Pessoa quer dizer com preciso? Será que é necessidade? Ou seria precisão de fixo, exato, determinado, certo, claro. Bem, se atribuirmos esse sentido ao poema, é possível entender que para navegar é necessário ter caminhos determinados, planejados e fixados, no entanto na vida isso não está determinado e certo. Vamos lembrar que pintar, desenhar, fazer arte em qualquer linguagem também é preciso, nos dois sentidos, o de ser necessário, pois é parte constitutiva do humano e o de ser minuciosamente planejado.

Pensando em águas e na vida livre, mas planejada, de navegador, vamos conhecer algumas pinturas com esse tema e entender quando e porque nelas os pintores saíram de seus ateliês e foram para fora pintar.



Veja as possibilidades de simetria neste sítio Fonte: <http://cbtic.iec.uminho.pt/TICGeometria/simetria.htm>, faça algumas experiências e olhe outras possibilidades.



Os pintores do início do século XIX buscavam na luz as diferentes impressões que o sol incidia nos objetos e pessoas. Os movimentos rápidos nos pincéis também foram características desde momento na pintura e na arte que queria outras formas de pintar diferente do então pintado na academia ou no realismo das formas e retratos. Geralmente as telas eram pintadas ao ar livre para que o pintor pudesse capturar melhor as variações de cores da natureza sob a luz do sol.

Pois para sair dos ateliês foram necessárias muitas mudanças nas ferramentas de trabalho, tintas mais portáteis e telas mais leves, cavaletes, paletas para misturar tintas, enfim uma melhora tecnológica do que tinham os artistas. Mas os resultados na história da pintura e nas experiências do belo (estético) e das formas de olharmos para as coisas são relevantes.

E as possibilidades de ver mudam as formas de olhar. Parece a mesma coisa, mas não é. Eu vejo a natureza e olho de forma contemplativa como ela está. Veja a **figura 18.3** de Portinari, ele coloca uma cena marinha e percebeba como o equilíbrio está presente na disposição dos elementos na tela.



Figura 18.3: Regata, obra de Candido Portinari, 1928.

Fonte: <http://www.catalogodasartes.com.br>

Será que a cena estava assim quando ele pintou? Lembre que pintar não leva o mesmo tempo que tirar uma fotografia. Os pintores escolhem o ângulo de visão que lhes parece mais adequado, “marcam” na tela os elementos móveis da cena (barcos, carros, pessoas, animais) e onde incide a luz. Depois pinta dentro de seu ritmo. Bem, como não é uma fotografia, ele pode colocar na cena elementos ou mudar um pouco seus lugares.

Mas podemos notar que Portinari distribuiu equilibradamente os elementos no espaço retangular da tela. As cores e a textura das pinceladas compõe junto o todo pintado.

Detalhe bem importante: exercite seu olhar para pelo menos três movimentos olhar o todo despreocupadamente contemplativamente, olhar os detalhes e as partes, olhar novamente o todo.

Vejamos agora a pintura de Carybé na **figura 18.4**, ele apresenta outra forma de composição: uma, são as velas dos barcos coloridas e em preto e branco dividindo a cena distribuindo de forma equilibrada. Uma característica nesta obra é que ele usou o Preto e Branco (com característica de fotografia) ao fundo e o colorido mais estilizado e figurativo dando ao quadro uma perspectiva maior e uma ideia de tempos diferentes na mesma cena.



Figura 18.4: Porto, Mistura da fotografia de Pierre Verger e da pintura de Carybé

Fonte: <http://bp1.blogspot.com>

Resumo

Nesta aula nós vimos o que é natureza morta, conhecemos um pouco do trabalho de Frida Kalo. Também descobrimos que a simetria é uma forma de equilíbrio na pintura, mas não somente ela, pois a cor, linhas e formas também estão presentes como possibilidades de equilíbrio. Destacamos também a importância do ver e algumas diferenças na mudança de pintura dentro e fora dos ateliês. E conhecemos a pintura de dois brasileiros importantes, um nascido e outro naturalizado e sua contribuição na história e na identidade e característica do povo brasileiro.

Atividades de aprendizagem

- Vamos desenhar? Saia para fora da escola! Ao ar livre, escolha uma cena. Uma dica para escolher a cena é recortar um quadradinho no meio de uma folha de caderno e “enquadrar” o que você está vendo. Escolha o cenário que mais lhe agrada e tente construí-lo no desenho. Lembre-se, não é necessário que seja um retrato exato do que está vendo.



Aula 19 – Até o último suspiro a vida é um processo. Lya Luft

Nesta aula veremos outros modos de lidar com os suportes artísticos e formas e planos, com o objetivo de aguçarmos a criatividade, verificando que o fazer artístico depende muito mais da ideia, ou motivação, ou desejo de expressão e para isso todas as possibilidades estão postas, ou seja, qualquer material é modulável. Retomamos uma técnica que traz as formas de uma maneira singular para a obra: a colagem. Já é utilizada há muito tempo pelos artistas, quando adicionavam papéis, jornais, revistas, lascas de madeira e outros materiais e como se mantém viva e com novas possibilidades com softwares de desenho e imagens.



19.1 A importância das colagens nas artes visuais

O uso da técnica da colagem está presente no artesanato você pode encontrá-la, por exemplo, na **Arte Francesa**, ou a **decoupage**, ou a **Patchcolagem**, entre outros.

Segundo historiadores a técnica de colagem nas artes visuais tem a sua primeira aparição significativa nas obras de Braque e Pablo Picasso, quando a partir de 1911, começaram a inserir pedaços de papel, papéis de parede, madeira entre outros objetos nas obras.

Com as colagens, a obra ganhava um sentido especial, diferente em relação às que tinham apenas a técnica de pintura, mas o que trouxeram de especial para a arte, Pablo Picasso e Braque com as suas colagens na tela?

Observe a obra da **figura 19.1** chamada de *Copo e Garrafa de Suze* do pintor Pablo Picasso ele usou para produzir essa obra papéis colados, guache e carvão.



Figura 19.1: Copo e garrafa de Suze, obra de Pablo Picasso, 1912.

Fonte: <http://lh4.ggpht.com>

A-Z

Arte Francesa

É um processo de colagem e sobreposição de gravuras que dão relevo e profundidade a tela.

Decoupage

É uma técnica extremamente simples de executar, baseia-se no uso do papel e da cola.

Patchcolagem ou Appliqué

É uma técnica que utiliza de um papel termo colante, vários pedaços de retalhos de tecidos que serão cortados de forma que montem desenhos e são aplicados sob um trabalho liso.



O cubismo foi um movimento artístico liderado por Pablo Picasso e Georges Braque. Teve origem em 1907 com a obra *Les Femmes d'Alger*, quando Picasso, fez distorções nas formas plásticas apresentadas, se recusando a imitar a realidade. O cubismo teve dois momentos considerados importantes para o estudo da arte: o cubismo analítico (1909), quando os artistas desfragmentavam a imagem representada, tornando-a irreconhecível. Trabalhavam especialmente com a superposição de planos, o que também, dava a ideia de movimento; o cubismo sintético, quando os artistas voltam a trazer referenciais reconhecíveis da realidade, como recortes de revistas, jornais, pedaços de madeira e objetos. É essa fase do cubismo que é chamada de colagens.

Fonte: <http://pt.scribd.com/doc/12922221/Historia-Da-Arte>

Perceberemos que o artista não representava apenas com desenhos ele busca elementos do cotidiano, ou melhor dizendo, usava um pedaço do trivial ou comum para a composição artística, como o jornal por exemplo.

Além de nos levar a questionamentos filosóficos, ou seja, buscar a essência das coisas, os artistas quando inserem objetos e recortes ao invés de redesenhá-lo, mudam-se os sentidos originais destes elementos também os atributos estéticos da obra. Ou seja, as nossas sensações e reflexões tomam novos rumos. Pois o artista não escolhe aleatoriamente recortar e colar. Tudo tem um significado na obra. A intencionalidade de criação de significados por meio dos materiais utilizados iniciou-se na arte moderna, no movimento chamado **cubismo**.

19.2 A sensação tátil

Bom, agora que já apresentamos uma breve síntese sobre a influência do cubismo para a difusão da técnica de colagens, imagino que você deve estar pensando: qual a importância dessa reflexão para o meu aprendizado?

Bom, primeiro precisamos entender que o fazer artístico dá-se independente do conhecimento apreendido sobre a história da arte. Entretanto como estamos com a possibilidade e o espaço de investigar mais e pesquisar sobre algumas influências tidas como importantes para o estudo das artes, podemos ampliar essa reflexão para: será que as manifestações artísticas experimentadas até os dias de hoje possuem mesmo influência das manifestações detectadas ao longo da história? Você reparou como, quando estudamos a história da arte, há sempre necessidade de justificar a obra ou manifestação cultural com influências ocidentais e orientais? Por que será que isso ocorre?

Em todo o material optamos por esse diálogo entre a linguagem expressiva artística e as manifestações em arte na história.

Outro aspecto importante a se pensar sobre a colagem é que, dependendo do tipo de objeto a ser inserida na tela, a obra pode ganhar nova classificação.

Aprendemos que as pinturas em tela são obras bidimensionais. Mas ao anexarmos um objeto a ela, ou ao aumentarmos as profundidades entre os elementos dando a sensação de alto relevo, isso pode também mudar a própria concepção.

19.3 Fotomontagens

Outra percepção visual causada pelas colagens é que elas podem recriar novos ambientes. A colagem, além de ser usada como técnica de arte, também é utilizada como comunicação visual.

Mas antes de pensarmos um pouco sobre isso, vamos apreciar a primeira obra considerada por muitos críticos verdadeiramente pop do artista Richard Hamilton que representa bem essa ideia. Veja a **figura 19.2** onde o artista

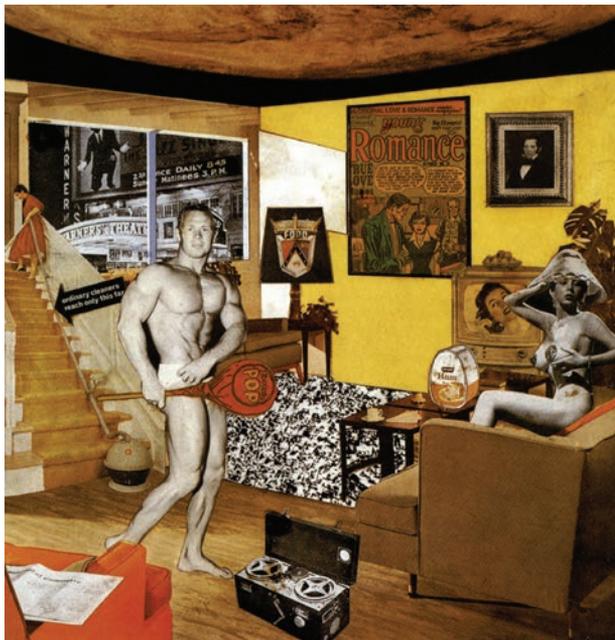


Figura 19.2: O que fazem os lares de hoje ser tão diferentes, tão atraentes? - Richard Hamilton

Fonte: <http://muvtor.btk.ppke.hu>

O artista da *pop art* usou diversos recortes de revistas, sobrepôs imagens, planos sobre planos, tal como no cubismo, mas o resultado não tem a mesma conotação que no movimento anterior, o cubismo.

Pop art foi um movimento artístico ocorrido entre as décadas de 1950 e 1960 na Europa e Estados Unidos. Os artistas nesse movimento questionavam a massificação da cultura popular do capitalismo.

Nessa obra pop o artista trabalha com a técnica de fotomontagens, ainda usada pela mídia quando manipulam a informação inserindo imagens de contextos diferentes para provocar no público uma determinada interpretação sobre um fato. O que você acha disso? Você acha que isso ocorre frequentemente nos dias de hoje?

Com a revolução da informática e a criação de programas para a manipulação e edição de imagens fica realmente difícil saber o que é fato ou não é. O que aconteceu ou não. Mas será que essa dúvida nasce com as tecnologias digitais?

Embora esse assunto de uso da técnica de colagens tenha diversos direcionamentos.

Para finalizar essa aula vamos falar de uma montagem diferente: a cópia e o trompe-l'oeil que significa que o artista primeiro copia fotografando e depois reconstrói a imagem colando sobre ela elementos de uso cotidiano como molho de tomate, lixo reciclável, geleia de amora e soldadinhos de plástico, açúcar, dentre outros tantos materiais, depois fotografa novamente. O artista que se destaca nesse trabalho é brasileiro Vik Muniz.

Veja a **figura 19.3** Vick e Tião observam a recomposição do quadro A Morte de Marat: no Documentário Lixo Extraordinário. Ele é o artista brasileiro mais festejado de todos os tempos; ele valorizou as técnicas mais desprezadas da história da arte.



Figura 19.3: Proposta de Vick para o quadro A Morte de Marat.

Fonte: Imagem de divulgação.

Resumo

Nessa aula pensamos um pouco sobre a técnica de colagem para a criação artística e no uso da comunicação visual e sua diversidade e maleabilidade. Refletimos um pouco sobre essas técnicas quando usada no cubismo, na *pop art*, pela mídia e também pela *trompe-l'oeil* que recorta e cola e refaz, sendo que, em cada um dos exemplos citados a realidade ou o real é repensado sob um aspecto específico atribuído pelo autor. E compreender que a forma nas artes visuais aparece de maneira diversa, podendo ser desenhada, moldada, colada e recriada.

Aula 20 – Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo, perdeste o senso! E eu vos direi, no entanto Que, para ouvi-las, muitas vezes desperto E abro as janelas, pálido de espanto...(Olavo Bilac)

Nesta aula a interpretação no teatro e ainda veremos um pouco de história conhecendo o Teatro do Negro em São Paulo e o Teatro do Oprimido.

Olá, quero fazer uma afirmação:

– Eu já interpretei personagens sem necessariamente ter subido ao palco.



Quando criança adorava fazer isso, fingia ser uma super-heroína. Escolhia seu nome e criava, na imaginação, todas as características de meu personagem. Imaginava suas qualidades físicas, morais, emocionais, psíquicas e assumia como se fossem parte da minha. Claro que quando a brincadeira acabava eu voltava a ser eu mesma. Ufa! Viva o teatro! Viva a interpretação!

Mas o teatro não era tão inclusivo assim lá pelos idos (isso é antigo não?) de 1940. Os negros, por exemplo, não tinham uma participação nas peças teatrais e quando precisavam representar um personagem negro, um ator ou atriz branco era pintado e devidamente caracterizado.

Mas como entendemos a importância do teatro como transformadora temos que marcar algumas lembranças positivas e que incluíram os negros e os trabalhadores mais simples no mundo da interpretação.

E para isso vamos marcar nossa memória com uma história do teatro brasileiro que poucos conhecem, mas que merece nosso total reconhecimento. Trata-se do Teatro Experimental do Negro – TEN, que aconteceu entre 1944/1961, no Rio de Janeiro/RJ. A ideia principal deste projeto era a valorização do negro pelo teatro. Englobando cidadania e conscientização racial na sua proposta de ação, o TEN trabalhava para recrutar seu elenco entre pessoas oriundas do operariado, empregadas domésticas e pessoas sem profissão definida. Pensando na fragilidade e desamparo de seus futuros atores e atrizes o TEN realizava também cursos de alfabetização para que os mesmos pudessem ler e ensaiar as peças.

Veja o que dizia seu idealizador:

O recrutamento das pessoas era muito eclético. Queríamos gente sem qualquer tarimba, pois tarimba de negro no teatro se restringia ao rebolado ou às palhaçadas. Veio gente humilde, dos morros. - Abdias Nascimento

Fonte: www.ipeafro.org.br/home/br/acoes/32/43/ten

A perspectiva inclusiva do TEN não poderia deixar de escolarizar seus participantes. Ainda segundo Abdias:

A um só tempo, o TEN alfabetizava seus primeiros participantes e oferecia-lhes uma nova atitude, um critério próprio que os habilitava também a ver, enxergar o espaço que ocupava o grupo afro-brasileiro no contexto nacional.

fonte: <http://www.ipeafro.org.br/home/br/acoes/32/43/ten>

O resgate da cidadania de sujeitos negros simples, pobres e muitos analfabetos fizeram a diferença na história da **dramaturgia** brasileira. Veja na Figura 20.1 um ensaio do grupo.

A-Z

Dramaturgia

(grego *dramatourgia*, -ias) s. f. 1. Arte de escrever peças de teatro; técnica de composição de peças de teatro. 2. Conjunto das peças de teatro de um determinado autor, escola ou período (ex.: a dramaturgia de Gil Vicente).



Você conhece esta frase "Ser ou não ser eis a questão" (no original em inglês: *To be or not to be, that's the question*) esta é uma das falas do personagem Hamlet da peça A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca, de William Shakespeare. Ou, talvez já ouviu falar da peça Othello. Este famoso dramaturgo inglês escreveu mais de 38 peças, que estão divididas entre comédias, tragédias e peças históricas. Seus escritos são famosos até os dias de hoje e são as mais filmadas da história da humanidade



Figura 20.1: Fotografia histórica do ensaio de O imperador Jones, 1945

Fonte: <http://onegropormeiodasartes.blogspot.com/>

O TEN apoiou por um tempo o Teatro do Estudante do Brasil, mas quando foi produzir seu próprio espetáculo eles se depararam com uma realidade cruel, não havia peças que serviam aos seus propósitos na dramaturgia brasileira. Encenam *O Imperador Jones*, de Eugene O'Neill, o retrato mais apro-

ximado da situação do negro após a abolição da escravatura. O autor cede gratuitamente os direitos e o grupo ensaia durante seis meses. O espetáculo, dirigido por Abdias do Nascimento, estreia em maio de 1945 no Teatro Municipal do Rio de Janeiro e obtém boa receptividade, com elogios ao protagonista, Aguinaldo Camargo. Destacamos o publicado no Blog **o negro por meio das artes**: “Em termos de história do teatro, significou uma iniciativa pioneira que mobilizou a produção de novos textos, propiciou o surgimento de novos atores e grupos e semeou uma discussão que permaneceria em aberto: a questão da ausência do negro na dramaturgia e nos palcos de um país mestiço, de maioria negra”.

Outro movimento importante no teatro brasileiro nas décadas de 60 e 70 do século XX foi elaborado por Augusto Boal que entendia a necessidade da democratização dos meios de produção teatrais e com isso aproximar as classes mais simples e com menos poder financeiro do teatro. Augusto Boal nomeia seu método de **Teatro do Oprimido (TO)** ele cria exercícios constituídos de jogos e técnicas teatrais. Esse **termo** é citado textualmente pela primeira vez na obra **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Este livro reúne uma série de artigos publicados por Boal entre 1962 e 1973 e, pela primeira vez, sistematiza o corpo de ideias desse teatrólogo. Seu maior objetivo é que a prática do teatro provoque e proporcione a transformação da realidade, pois seus atores ao entregar-se aos jogos de cena se repensem e repensem a sociedade e sua inserção nela por meio do diálogo. Outra grande contribuição de Boal, que tem grande repercussão mundial, é uma nova técnica para a preparação do ator.

O teatro é muito importante para as sociedades.

Ele tem o poder de povoar nossa imaginação, nos faz pensar, nos ajuda na análise de nossos atos. Por mais desprezível que seja uma história encenada, nós nunca sairemos os mesmos depois de ouvi-la ou vela encenada.

Sabe aquelas histórias que ouvimos ou contamos com tanta vida que nossos ouvintes conseguem imaginá-la?

Ou quando vamos ajudar ou assistir nas montagens da Via Sacra, ou da Folia de Reis. Nesses espetáculos as pessoas, muitas vezes, não são atores profissionais, interpretam seus personagens e lhes dão vida para contar a história ou apresentar as ideias ao público que, tocado e comovido, vibra ao ouvi-las. É com certeza uma experiência única a cada história encenada.



O sítio Centro de Teatro do Oprimido, é um espaço de divulgação de pesquisas e ações relacionadas diretamente. Segundo eles “é um centro de pesquisa e difusão, que desenvolve metodologia específica do Teatro do Oprimido em laboratórios e seminários, ambos de caráter permanente, para revisão, experimentação, análise e sistematização de exercícios, jogos e técnicas teatrais. Nos laboratórios e seminários são elaborados e produzidos projetos sócio-culturais, espetáculos teatrais e produtos artísticos, tendo como alicerce a Estética do Oprimido.” O endereço é: http://www.curso-objetivo.br/vestibular/resolucao_comentada/enem.asp.



A sugestão é leitura de Histórias em Quadrinho; nessa proposta da editora Galera Record William Shakespeare, já tem duas histórias escritas em uma linguagem jovem. Romeu e Julieta uma história mais conhecida de dois jovens que se amam, mas não podem ficar juntos pois suas famílias se odeiam. Na sinopse de Hamlet conta a editora "Afligido pela morte de seu pai, vê uma aparição noturna caminhar pelas muralhas do castelo. É o fantasma do finado rei, pai de Hamlet, que lhe revela a identidade do assassino, ninguém menos que o seu próprio irmão. Buscando vingar a morte de seu pai, Hamlet nos conduz numa jornada através da loucura, traição e doloroso amor."

Fonte: <http://www.galerarecord.com.br>.

Bem, a essência do teatro é contar uma história por meio da interpretação de alguém só ou acompanhado.

Contar histórias é bom, ouvi-las é maravilhoso.

Mas para melhor fazê-lo os atores e atrizes constroem seus personagens levando em conta muitas questões de identidade, bem igual como fazíamos ao criarmos personagens para brincarmos quando crianças. Mas no teatro profissional é preciso prestar atenção em muitos detalhes, como por exemplo: a época que o personagem está; o lugar que mora; sua cultura; seus saberes e conhecimentos; sua personalidade; a forma como lida com problemas; a forma como lida com os sentimentos; como se veste; dentre outras.

Você já tinha pensado sobre quanto é antigo nas sociedades a interpretação para contar uma história, seja ela uma fantasia ou um fato?

É bacana lembrar-nos que sempre quem a conta faz isso de seu ponto de vista, enfatiza o que acredita ser mais legal. É por isso que podemos assistir, por exemplo, ao Auto de Natal várias vezes e sempre parece que estamos vendo uma representação nova.

Porém não ficaremos nos temas religiosos, queremos sugerir outra temática. Emprestamos parte do poema Via Láctea de Olavo Bilac (Rio de Janeiro RJ, 1865-1918) um poeta fascinante que abre nossa aula. E a ideia é mar, céu, estrelas, sol. Poderíamos tê-la como ideia para criar um texto e montar uma peça.



Figura 20.2: Peça de teatro Olha aqui seu capitão
Fonte: Acervo de Jaime Valente.

Pensando nisso faremos um percurso entre algumas obras teatrais amadoras e profissionais como a primeira do Teatro Experimental do Negro da **figura 20.1**. Agora observem a interpretação dos personagens amadores na **figura 20.2**, mesmo sem um navio podemos perceber pela imagem que os atores estão navegando e que essa atividade é árdua e que obedecem as ordens de seu capitão que pelas caracterizações é um pirata.

Outra parte que ajuda na interpretação dos atores é o figurino. No caso a caracterização dos atores está convincente e apropriada.

Existe interpretação teatral com música. Os musicais são um exemplo disso ou músicas com interpretações teatrais como os integrantes do grupo O Teatro Mágico, da **figura 20.3**, eles apresentam suas músicas vestidos de **clown** e interpretam poesias musicadas.



Figura 20.3: O Teatro Mágico
Fonte: Imagem de divulgação autorizada

As interpretações estão em muitos lugares, nas novelas, nos filmes, no circo, mas isso é assunto pra outras aulas.

Resumo

Hoje comentamos da importância da representação no teatro e em nossas vidas e conhecemos um movimento muito bacana para a maioria dos brasileiros pobre e negra e que os colocou nas pautas da dramaturgia e nos palcos do Brasil. Para construir uma personagem os atores e atrizes levam em conta muitas questões de identidade, como por exemplo: a época que o personagem está; o lugar que mora; sua cultura; seus saberes e conhecimentos; sua personalidade; a forma como lida com problemas; a forma como lida com os sentimentos; como se veste; dentre outras.

Atividades de aprendizagem

- Assista a uma peça de teatro de sua escolha e preste atenção nas interpretações dos atores, escolha um personagem, depois liste o que foi necessário para compô-lo.

A-Z

Clown

Palhaço; bufão; bobo; rústico; bufo, grosseirão



Experimente, ousem e assistam o grupo O Teatro Mágico, no próprio sitio <http://oteatromagico.mus.br/wordpress/videos>. A tarefa é botar reparo nas diversidades sonoras e na poesia das letras segundo o grupo: "Comemoramos o alcance da marca de 1 milhão de downloads feitos e mais de 5 milhões no top 100 da Trama Virtual, o Teatro Mágico tem 39 músicas entre as 50 primeiras, reforçando que 'a poesia prevalece'."



Referências

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**: do iluminismo aos movimentos contemporâneos. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Arte/educação contemporânea** – consonâncias internacionais. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 113 – 121.

BARBOSA, Ana Mãe Tavares Bastos. **Arte-educação: leitura no subsolo**. São Paulo: Cortez, 1997.

BERTRAND, Yves; VALOIS, Paul. **Paradigmas educacionais**: escola e sociedades. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

BLAUTH. **Arte e ensino**: uma possível educação estética. 2007. Disponível em: <<http://www.publicacoes.inep.gov.br>> Acesso em: 08 Fev. 2011.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CANDÉ, Rolandde. **A música** – Linguagem, Estrutura, Instrumentos. Lisboa: Edições 70, 1983.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 19ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CREPALDI, Lideli. **O universo das cores na propaganda**. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/xxiii-ci/gt05/gt05b1.pdf> (Texto apresentado na Intercom)

DOMINGUES, Diana. **Arte e Vida no século XXI**: Tecnologia, ciência e criatividade. São Paulo: Unesp, 2003.p. 115-124.

ECO, Umberto. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

FARINA, Modesto. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 4.ed., São Paulo: Edgar Blücher, 1990.

FERRAZ, M.; FUSARI, M. R. **Metodologia do ensino de arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, Vitor Sérgio. **Política do corpo e política de vida** – a tatuagem e o body piercing como expressão corporal de uma ética da dissidência. *Etnográfica*, v. 11. n. 2, p. 291-326, 2007. Disponível em: <www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/etn/v11n2/v11n2a01.pdf>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 8. ed. São Paulo: Terra e Paz, 1998.

GOSCIOLA, Vicente. **Roteiro para as Novas Mídias**. Do game à TV interativa. São Paulo: Senac, 2003.

GOODING, Mel. **Arte Abstrata**. São Paulo: Cosac&Naify, 2002.

GRAMSCI, Antônio. **Socialismo e cultura, escritos anteriores ao Cárcere**. Assinado Alfa Gama, II Grido Del Popolo, 29 de janeiro de 1916.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HERNANDES, Fernando. **Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

LEÃO, Lúcia. **Interlab: Labirintos do Pensamento Contemporâneo**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

_____. **A tecnologia na arte: da fotografia à realidade virtual**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Seabra. **As transformações técnico-científicas, econômicas e políticas**. In: LIBÂNEO, José Carlos.

LINS, Guto. **Livro infantil? Projeto gráfico, metodologia, subjetividade**. São Paulo: Edições Rosari, 2003.

LOWENFELD, Viktor. **A criança e sua arte: um guia para os pais**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MACHADO, Arlindo. **Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas**. 2.ed. São Paulo: EDIUSP, 1996.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971.

NUNES, Ana Luíza R. **Trabalho, arte e educação**: formação humana e prática pedagógica. Santa Maria: Editoraufsm, 2003.

OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (org.). **Arte, Educação e Cultura**. Santa Maria, RS: Editora: Editora UFSM.

OLIVEIRA, Rosangela Gonçalves. **A especificidade da eja, conceito, percepção e presença, na perspectiva dos professores do proeja**: um estudo de caso. Anais do III Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade, Curitiba: UTFPR, 2009.

ORMEZZANO, Graciela (Org.). **Questões de artes visuais**. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2004.

ORMEZZANO, Graciela Rene. **Imaginário e educação**: entre o Homo symbolicum e o Homo estheticus . 2001. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2001.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

OSTROWER, Fayga P. **Universo da arte**. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

PAREDES Cezinando Vieira. **A influência e o significado das tatuagens nos presos no interior das penitenciárias**. 2003. 40f. Monografia (Especialista em Tratamento Penal e Gestão Prisional) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2003.

PETRACCA, Ricardo Mendonça. **A Composição como metassistema musical**. 2009. 105 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

READ, Herbert. **Educación por el arte**. Buenos Aires: Paidós, 1977.

SANTAELLA, Lucia. **Arte e Cultura**: Equívocos do elitismo. São Paulo: Cortez, 1995.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.

SACRISTAN J.G. **A educação obrigatória**: seu sentido educativo e social. Porto Alegre: ArtMed, 2001, p. 35-55.

SILVA, Tomas Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

Referências das figuras



Figura 1.1: A pintura mural Tepantitla em Teotihuacan mostra cenas de Tlalocan.

Fonte: foto de Raul Lisboa 05/10/2010

Esta imagem asteca é uma representação do Tlalocan, paraíso do deus da chuva, Tlalóc, que aí aparece emergindo do mar e distribuindo chuva. A imagem do paraíso de Tlalocan, onde tudo é fértil e florido, foi encontrada no palácio Tepantitla, o qual se encontra no complexo de Teotihuacán. Museo Nacional de Antropologia, Cidade do México, 2010.



Figura 1.2: Venus Anadyomenes, Casa de Venus.

Fonte: <http://www.fflch.usp.br/dh/heros/traducoes/apuleio/asno/VenusPompeia.gif>

O átrio desta casa sofreu graves danos durante os bombardeios da Segunda Guerra, mas, felizmente, o peristilo ainda conserva todo o frescor das pinturas (um peristilo assemelha-se a um corredor coberto e circundante, aberto lateralmente através de uma ou mais fiadas de colunas, comum nas casas dos cidadãos abastados). A Venus Anadyomenes é um afresco da Casa de Venus, Pompeia, pintado antes de 79 AD. Descrições atribuídas ao historiador Luciano, do século II, davam conta de obras-primas da Grécia antiga. Lá estava descrita a obra Anadyomene Venus, de Apelles ("Anadyome" significa "surgindo do mar"). O quadro de Pompeia provavelmente é cópia de Roma Antiga do quadro de Apelles, mencionado por Luciano. Pompeia, Itália.



Figura 1.3: Esse é o teto da Capela, mas toda ela tem as pinturas do Michelangelo.

Fonte: www.shutterstock.com e http://www.ashleyenicholson.com/wp-content/uploads/2011/09/creation_of_adam_michelangelo.jpg

A Capela Sistina (em italiano: Cappella Sistina) é uma capela situada no Palácio Apostólico, residência oficial do Papa na Cidade do Vaticano. É famosa pela sua arquitetura inspirada no Templo de Salomão do Antigo Testamento e sua decoração em afrescos, pintada pelos maiores artistas da Renascença, incluindo Michelangelo, Raphael, Bernini e Sandro Botticelli. Fonte Wikipédia (http://pt.wikipedia.org/wiki/Capela_Sistina).



Figura 1.4: Magritte 1929 – A traição das imagens

Fonte: http://3.bp.blogspot.com/_3arGy2Xh138/TDz6V-uVvHI/AAAAAAAAACwo/rLBmWESXdlg/s1600/modern31.jpg

Frase do pintor "Eu descobri uma nova possibilidade que as coisas têm: é de se tornarem gradualmente outra coisa. Por exemplo, o céu, em alguns lugares, aparenta ser madeira. Eu consigo, dessa forma, quadros que o olhar tem de pensar de uma maneira totalmente diferente que de costume."



Figura 2.1: Body Piercing

Fonte: © Netfalls/www.shutterstock.com

[...] é no corpo que muitos jovens mais intensamente experimentam e vivem quotidianamente o controle social e os respectivos mecanismos disciplinares e sancionadores, é também na superfície da pele que alguns encontram um "espaço liso" disponível à projecção, à celebração e à luta pela construção e reconhecimento de uma identidade imaginada como singular ("ser diferente"), autêntica ("ser eu próprio") e emancipada ("ser livre"), estendida num estilo de vida que se pretende escapatório às fórmulas estilísticas e itinerários sociais normativizados. Fonte: FERREIRA, V.S. 2007, p. 319



Figura 2.2: Tatio feminina ocidental e tatio em henna, característica da cultura indiana.

Fonte: www.shutterstock.com

Num sistema onde alguns jovens percebem a sua experiência social sujeita a contrangimentos e prescrições no sentido da massificação e homogeneização cultural, veem na recriação e modificação permanente do seu corpo, através do uso extensivo da tatuagem e do body piercing, uma forma estilística de reação que, através da dissidência, lhes permite assinalar esteticamente a sua presença individual no mundo e protagonizar performativamente uma forma de existência no mundo. Fonte: FERREIRA, V.S. 2007, p. 319



Figura 2.3: A fotografia é do filme Cisne Negro 2011 uma versão que apresenta o clássico ballet Lago dos Cisnes, com outros focos.

Fonte: http://nucindocinema.files.wordpress.com/2011/02/blackswan_18.jpg

A fotografia é do filme Cisne Negro 2011 uma versão para o clássico lago dos Cisnes - Ballet em quatro atos baseado na versão francesa de um conto de fadas alemão que conta a história de uma princesa que foi enfeitiçada, durante o dia é um cisne e, à noite, transforma-se em princesa.



Figura 2.4: Dança de rua

Fonte: ©Andreas Gradin/www.shutterstock.com

A dança de rua, ou Street Dance é um conjunto de estilos de danças que possuem movimentos detalhados (acompanhados de expressão facial), com as seguintes características: Fortes, Sincronizados e Harmoniosos, Rápidos, Simétricos de pernas, braços, cabeça e ombros, Assimétricos de pernas, braços, cabeça e ombros, Coreografados. A dança de rua originou-se nos Estados Unidos, em 1929, época da quebra da bolsa de Nova York e da grande crise econômica. Músicos e dançarinos dos cabarés americanos urbanos, desempregados como consequência da crise, passaram a realizar suas performances nas ruas. Alguns autores dividem a dança de rua em dois tipos: o Hip – Hop (movimento cultural, de rua) e a Street Dance (dança oriunda de academias e escolas de dança).

Figura 3.1: Ponto

Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 3.2: Ponto no plano

Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 3.3: Tarde de Domingo na Ilha de Grande Jatte, Georges Seurat 1884 – 1886

Fonte: <http://carlosmuller.com.br/imagens/galeria/ampliada/30.jpg?PHPSESSID=f31119133f813c77f235f6bee3899fa2>



A famosa pintura “Uma tarde de domingo na ilha de La Grande Jatte”, feita pelo famoso Georges-Pierre Seurat (1859-1891), pintada entre 1884 e 1886. Georges Seurat se interessou pelo estudo de óptica e percebeu que pontos próximos pintados em cores distintas, quando observados juntos a partir de uma certa distância, pareciam constituir uma única tonalidade (não necessariamente usada em cada ponto). É em situações como essa que a Gestalt afirma que o todo não é soma de suas partes: a pintura não é apenas a soma ou justaposição dos seus constituintes básicos (pontos e cores de cada ponto). O cérebro interpreta aqueles pontos quando os mesmos são observados e uma série de impulsos insere informações que não estão na pintura. Em outras palavras, a interpretação, entre outras coisas, complexifica o todo. Fonte: Fernanda Ostermann e Cláudio José de Holanda Cavalcanti, Teoria da Aprendizagem, URGs, p. 16

Figura 3.4: Largo da ordem, Curitiba/PR - 2011

Fonte: Acervo do autor

Figura 3.5: Fotografia panorâmica Largo da Ordem, Curitiba/PR - 2011

Fonte: Acervo do autor

Figura 3.6: Mesma imagem com zoom, Largo da Ordem, Curitiba/PR - 2011

Fonte: Acervo do autor

Figura 3.7: Mesma imagem com mais zoom Largo da Ordem, Curitiba/PR - 2011

Fonte: Acervo do autor



O Largo da Ordem fica no chamado Centro Histórico de Curitiba, e abriga locais importantes para a história da cidade como a Casa Romário Martins, o Memorial de Curitiba, a Casa da Memória, a Igreja da Ordem, entre outros. A rua é inteira de paralelepípedos, remetendo a uma Curitiba dos primórdios. Nela, também há vida noturna, pois abriga vários bares e fica próxima a tantos outros. Fonte www.gazetadopovo.com.br/vidaacidadania

Figura 3.8: Linhas

Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 3.9: Linhas pontilhadas

Fonte: Elaborado pelo autor



Figura 3.10: Cantante-Melancólico, obra de Joan Miró.

Fonte: http://aprendizarteatlie.blogspot.com/2010_03_01_archive.html

As pinturas deste pintor são consideradas pioneiras do estilo surrealista Europeia, a partir de formas abstratas iminentes, silhuetas que sugerem reais figos. Criança sensível, com a riqueza de criatividade que se espelha nas pinturas de Miró, são muito característicos de uma linha; por essa razão, composições do artista são reconhecíveis à primeira vista.



Figura 3.11: Fun Passio, obra de Romero Brito

Fonte: <http://www.romerobritto.com.br>

Romero Britto é considerado um ícone da cultura pop moderna, sendo um dos mais premiados artistas de nosso tempo. O artista pop mais jovem e bem-sucedido de sua geração, Britto tem criado obras-primas que invocam o espírito de esperança e transmitem uma sensação de aconchego. Suas obras são chamadas, por colecionadores e admiradores, de "arte da cura". Sua arte contém cores vibrantes e composições ousadas, criando graciosos temas com elementos compostos do cubismo. Admirado pela comunidade internacional, Romero tem suas pinturas e esculturas presentes nos cinco continentes e em mais de 100 galerias no mundo.

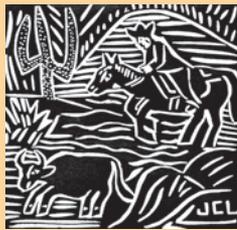


Figura 3.12: Obra sem título, de José Costa Leite – Xilogravura

Fonte: <http://www.olholatino.com.br/revista/arquivo/2006/fev/1/cordel.htm>

No século XIX, a xilogravura já estava perpetuada tanto no campo artístico como no utilitário. Essa forma de arte brasileira no século XX, produzida nos grandes centros, tinha objetivo estritamente artístico. Contudo, no interior do País, sobretudo no Nordeste, artistas populares usavam-na para ilustrar folhetos em versos, os quais eram vendidos em praças e mercados. Muitas vezes, os próprios autores recitavam os versos para o público. O nome "literatura de cordel" deve-se ao costume de os folhetos serem dependurados em varas em fileiras de cordéis, esticadas entre barracas ou árvores. [...] A xilogravura nordestina alcançou projeção internacional, sobretudo, depois que Robert Morem editou, em 1965, uma coleção de catorze gravuras representando a Via Sacra gravada por Mestre Noza. Fonte: <http://www.olholatino.com.br/revista/arquivo/2006/fev/1/cordel.htm>

Figura 3.13: Formas geométricas, o triângulo, o quadrado e o círculo

Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 3.14: Síntese de direção

Fonte: DONDIS, Donis A. A sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p.59.



Figura 4.1: Bandeira do Brasil

Fonte: <http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=download&id=494501>



Saiba mais Van Gogh

Fonte: http://www.blogtok.com/paginas/4362/imagens/Vincent_Willem_van_Gogh_128.jpg



Figura 4.4: Marca Habib's

Fonte: Divulgação



Figura 4.5: Marca Josias Hot Dog

Fonte: Divulgação



Figura 4.6: Marca Giraffas

Fonte: Divulgação



Figura 4.7: Marca Burger King

Fonte: Divulgação



Figura 5.1: Uma projeção do Stonehenge digital

Fonte: ©George Bailey/www.shutterstock.com.br

Os cientistas e pesquisadores ainda têm, até os dias de hoje, dúvidas quanto ao uso dado na origem ao monumento. Muitos sustentam a tese de que era um marcador do tempo, outros acreditam que o complexo teria servido como espaço de rituais sagrados para a civilização da época.



Figura 5.2: Alianças de compromisso

Fonte: Acervo do autor

Acredita-se que as alianças surgiram entre gregos e romanos, provavelmente, vindo de um costume hindu que utilizava os anéis para simbolizar o casamento. Assim, por meio de um anel de forma circular - ou seja, sem começo nem fim - representa-se a o amor contínuo entre o casal. A palavra aliança, por si só, significa um acordo, um pacto entre duas partes. No contexto do casamento, as alianças celebram um acordo de cumplicidade, amor e fidelidade. Dessa maneira, esse simples objeto ganha um significado muito simbólico: representa um elo material entre duas pessoas emocionalmente envolvidas, as quais compartilham sonhos, alegrias e até mesmo os percalços da vida cotidiana.

Fonte: <http://www.olholatino.com.br/revista/arquivo/2006/fev/1/cordel.htm>



Figura 5.3: Dança do Carimbó

<http://files.guararas.webnode.com/200000021-c6c2bc7bcd/CARIMBO.JPG>

Dança do Carimbó mais extraordinária manifestação de criatividade artística do povo paraense foi criada pelos índios Tupinambá que, segundo os historiadores, eram dotados de um senso artístico invulgar, chegando a ser considerados, nas tribos, como verdadeiros semi-deuses. Inicialmente, segundo tudo indica, a "Dança do Carimbó" era apresentada num andamento monótono, como acontece com a grande maioria das danças indígenas. Quando os escravos africanos tomaram contato com essa manifestação artística dos Tupinambá começaram a aperfeiçoar a dança, iniciando pelo andamento que, de monótono, passou a vibrar como uma espécie de variante do batuque africano.

Fonte do texto: http://www.pinducacarimbo.com.br/hist_carimbo.html



Figura 5.4: La Danse, obra de Henri Matisse, 1909-1910.

Fonte: <http://www.thewaylatina.com/+Brazil-the-debate-of-the-logo-of+.html>

Matisse pertencia à tendência estética chamada Fauvismo, que buscou explorar ao máximo a expressividade das cores na representação da pintura. Teve origem no final do Século 19 e tinha como primeiros pintores Paul Gauguin e Vincent Van Gogh. O estilo estético foi seguido por outros pintores e suas características são: o uso desesperado das cores na sua pureza e a representação plana, que imprimia grande teor dramático à representação pictórica. Está exposta no Museu Hermitage de São Petersburgo, na Rússia. É uma pintura a óleo sobre tela, que mede 260 cm de altura por 389 cm de largura.

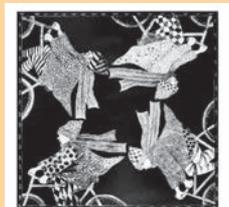


Figura 5.5: Manhãs de inverno, gravura de Denise Roman.

Fonte: <http://rettamozo.multiply.com/journal>

Data: 1987. Técnica: Litografia. Denise Roman. Nasceu em Curitiba/PR, em 1957. É professora de Gravura no Solar do Barão, em Curitiba.

Litogravura: Processo de impressão em pedra (calcário), baseado na repulsão da água aos corpos graxos. Os traçados são feitos com carvão litográfico. Com a pedra molhada, a tinta de impressão só adere às partes que contém imagem e permite, sob pressão, a reprodução dessa imagem sobre o papel. O produto da litogravura é a litografia. Fonte: <http://www.olholatino.com.br/revista/arquivo/2006/fev/1/cordel.htm>



Figura 6.1: Deformica, escultura de Eliane Prolik

Fonte: Acervo do autor. Exposição Poética da Percepção – Museu Oscar Nyemayer, 2011.

Eliane Prolik (Curitiba PR 1960). Escultora. Em 1985, viaja para a Itália, onde estuda com Luciano Fabro, artista ligado à arte povera, na Accademia Belle Arti di Brera [Academia de Belas Artes de Brera], em Milão. No ano seguinte, assume a direção do Museu Alfredo Andersen, em Curitiba. Produz, inicialmente, desenhos e gravuras, passando a realizar obras tridimensionais a partir de 1986. Paralelamente às esculturas de filiação neoconcreta, cria peças em cobre, que podem ter a forma de vasos, contidos um dentro de outro, ou pêndulos, ou, ainda, objetos que fazem alusão a formas geométricas. Emprega formas curvas, volumes ocios, aparentemente flexíveis e sem peso, que estão em permanente tensão ou em delicado equilíbrio. Nas peças produzidas em cobre, explora a superfície que preserva os gestos do trabalho de moldagem. Fonte: <http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia>



Figura 6.2: Adesivos sobre parede, instalação de Cleverson Oliveira

Fonte: Acervo do autor. Exposição Poética da Percepção – Museu Oscar Nyemayer, 2011.

Inédita, a mostra pretende fazer um retrato da arte contemporânea no Paraná ao longo das últimas quatro décadas. As 150 obras, aproximadamente, dos 80 artistas integrantes desta coletiva são apresentadas em dois núcleos. Na sala intitulada Poéticas Transitivas, estão trabalhos produzidos entre os anos de 1970 e 1990, que refletem sobre as eventuais raízes históricas da visualidade contemporânea paranaense. A sala chamada de Expresso 2000 concentra-se na produção atual. Esta apresentação marca a culminância do projeto Artistas Paranaenses, desenvolvido pelo Museu, desde 2003, com o objetivo de exibir e divulgar a arte produzida no Estado. Artur Freitas também ressalta que no núcleo dedicado à produção atual, chamado de Expresso 2000, há trabalhos que foram realizados especialmente para esta mostra. Segundo ele, é o caso de obras assinadas por Cleverson Oliveira, Cleverson Salvaro, coletivo Interlux Arte Livre, Joana Corona, Rimon Guimarães e Rodrigo Dulcio, que prepararam intervenções realizadas diretamente no espaço expositivo. Fonte: http://www.pr.gov.br/mon/exposicoes/o_estado_da_arte.html



Figura 6.3: Casa, obra de Annette Skarbek, 1984. Óleo sobre tela.

Fonte: Acervo do autor. Exposição Poética da Percepção – Museu Oscar Nyemayer, 2011.

Annette, que além de artista é advogada e procuradora do estado do Paraná, analisa que expor no MAC, numa sala que tem o nome de um dos gigantes das belas artes, é motivo para comemorar – opinião compartilhada por Ana e Juliana. Elas – as três – tinham intenção de expor. Mas compartilhar a mesma sala foi capricho do acaso. Coisas da vida – e da arte.

Fonte: <http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?tl=1&id=770858&tit=Cores-e-acaso-na-sala-de-repertorios-do-MAC>



Figura 6.4: Grafite de Francisco Faria

Fonte: Acervo do autor. Exposição Poética da Percepção – Museu Oscar Nyemayer, 2011.

Francisco Faria tem perseguido em seu trabalho o objetivo de realizar "uma atualização possível" sobre as questões levantadas pelo modernismo brasileiro, de 1922, no contexto das Américas. Ele acredita que, quanto maior a interação das diversas linguagens artísticas e estéticas, maior será a diversidade e a possibilidade de criação de diálogos entre artistas, linguagens e público.

Fonte: <http://www.pr.gov.br/mon/exposicoes/ffarias.htm>



Figura 6.5: Ângulos de foco e inclinação

Fonte: Acervo do autor

Figura 6.6: Ângulos de foco e inclinação

Fonte: Acervo do autor

Figura 6.7: Ângulos de foco e inclinação

Fonte: Acervo do autor

Figura 6.8: Ângulos de foco e inclinação

Fonte: Acervo do autor

O Cristo Redentor, símbolo da cidade do Rio de Janeiro, foi eleito como uma das 7 Novas Maravilhas do Mundo Moderno entre 21 monumentos participantes de todo o planeta. O cartão postal carioca de 38 metros teve sua pedra fundamental lançada em 1922 e a inauguração em 12 de outubro de 1931, sendo a única maravilha brasileira. Fonte: <http://www0.rio.rj.gov.br/riotur/pt/atracao/?CodAtr=1503>



Figura 7.1: Catedral de Brasília, Oscar Niemeyer

Fonte: <http://v17.lscache7.c.bigcache.googleapis.com/static.panoramio.com/photos/original/3656153.jpg>

Catedral de Brasília, Oscar Niemaier, considerado um dos nomes mais influentes na Arquitetura Moderna Internacional, pioneiro na exploração das possibilidades construtivas e plásticas do concreto armado, vencedor de inúmeros prêmios, aclamado pelo mundo afora, dominou as curvas, superou o tempo e aos 103 anos ele surpreende, emociona o mundo com seus projetos e inspira os jovens a seguirem seus passos.

Fonte: <http://portaldoenvelhecimento.org.br/noticias/velhices/oscar-niemeyer-103-de-paixao-e-dedicacao.html>

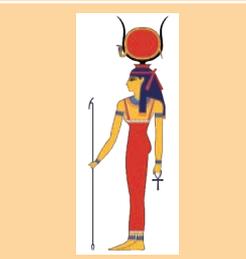


Figura 7.2: Hator

Fonte: <http://clipartist.net/Art/Egypt/hathor-999px.png>

Deusa Hator (em egípcio: hwt-hr, lit. "recinto de Hórus") é uma das deusas mais veneradas do Egito Antigo, a deusa das mulheres, dos céus, do amor, da alegria, do vinho, da dança, da fertilidade e da necrópole de Tebas, pois sai da falésia para acolher os mortos e velar os túmulos. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hathor>



Figura 7.3: Encontro, litografia de Escher, 1944.

Fonte: [http://novasinapse.com/wp-content/uploads/encontro_de_opostos_\(ESCHER\).jpg](http://novasinapse.com/wp-content/uploads/encontro_de_opostos_(ESCHER).jpg)

Escher ficou mundialmente famoso por representar construções impossíveis, preenchimento regular do plano, explorações do infinito e as metamorfoses - padrões geométricos entrecruzados que se transformam gradualmente para formas completamente diferentes. Uma das principais contribuições da obra deste artista está em sua capacidade de gerar imagens com impressionantes efeitos de ilusões de óptica, com notável qualidade técnica e estética.

Fonte: <http://www.bb.com.br/portallbb/page511,128,10173,1,0,1,1,bb?codigoEvento=3721>



Figura 7.4: Espirais esféricas, xilogravura de Escher, 1953.

Fonte: <http://www.expresso.pt/ed1372/r1081.asp>

MC Escher foi um artista gráfico holandês, mais reconhecido por ilusões espaciais, construções impossíveis, repetindo padrões geométricos (pavimentações), e suas técnicas incríveis em woodcutting e litografia. MC Escher nasceu junho 1898 e morreu em março de 1972. Ele era um homem humilde, que se considerava nem um artista ou um matemático. Intrincados padrões repetitivos, estruturas matematicamente complexas, perspectivas espaciais requerem um "segundo olhar". Fonte: <http://www.mcescher.com/>



Figura 8.1: Personagem do Flash

Fonte: <http://stoa.usp.br/francisco/weblog/category/Super-Her%C3%B3is>

Figura 8.2: Personagem do Flash

Fonte: <http://stoa.usp.br/francisco/weblog/category/Super-Her%C3%B3is>

Figura 8.3: Personagem do Flash

Fonte: <http://stoa.usp.br/francisco/weblog/category/Super-Her%C3%B3is>

Em 1940, Harry Lampert criou The Flash para a DC Comics em parceria com Gardner Fox. A primeira edição da revista com o herói tornou-se um clássico entre colecionadores de quadrinhos. Segundo Karen Lampert Akavan, filha do desenhista, a criação do The Flash foi inspirada na Figura mitológica de Hermes. "Ele não imaginaria que isso se tornaria tão grande", disse ela.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u48198.shtml>



Figura 8.4: Personagem do Surfista Prateado – Heróis Marvel, Stan Lee e Jack Kirby.

Fonte: http://finalsecreto.files.wordpress.com/2010/05/92608-silver_surfer.jpg

Na primeira série da revista (18 edições) foi contada a saga do Surfista, que antes de encontrar Galactus era conhecido como Norrin Radd, um nobre que vivia no planeta Zenn-La, Sistema Deneb, Via Láctea. Quando o devorador de mundos chegou a seu planeta, em uma atitude desesperada para salvar sua amada Shalla Bal, Norrin se ofereceu para servir eternamente a Galactus. A barganha funcionou, e então o vilão concedeu-lhe uma pequena fração de seus poderes e poupou Zenn-La e todos os seus habitantes e o Surfista Prateado ficou a vagar pelo Universo para satisfazer a vontade de Galactus em devorar planetas. Fonte: <http://www.spiner.com.br/modules.php?name=News&file=article&sid=1233>



Figura 8.5: Antônio Balduino

Fonte: <http://jubiaba.blogspot.com/2009/03/jubiaba-x-capitães-da-areia.html>

Quarto livro publicado por Jorge Amado, Jubiabá conta a história de um dos primeiros heróis negros da literatura brasileira. O romance é central na obra do autor: as contradições entre o mundo do trabalho, o conflito racial, a ideologia, a luta e, de outro lado, a cultura popular, o universo das festas, o sincretismo religioso, a miscigenação e a sensualidade vão marcar toda a sua produção.

Fonte: <http://www.jorgeamado.com.br/obra.php3?codigo=12594>



Figura 8.6: Nu descendo uma escada, obra de Marcel Duchamp, 1912.

Fonte: http://pds19.egloos.com/pds/201008/17/85/a0011285_4c69964e0843a.jpg

Aquarela, tinta, lápis e pastel sobre papel fotográfico. O movimento de uma pessoa que desce a escada é um movimento repetitivo, mecânico, semelhante ao movimento de uma máquina. Ao executá-lo, a pessoa passa do estado de organismo vivo para o de engenho ou máquina; o funcionamento biológico se transforma em funcionamento mecânico. Movimento repetitivo é também aquele a que, numa civilização da técnica, habitua-nos à familiaridade com as máquinas; portanto, a transformação do funcionamento biológico em funcionamento tecnológico é destino que nos aguarda. É plenamente compreensível que, partindo dessa premissa, Duchamp tenha chegado a contestar in toto a cultura da sociedade moderna; é também facilmente explicável que este quadro tenha conhecido um enorme sucesso, gerando consequências profundas nos Estados Unidos (foi exposto, em 1931, no Armory Show, em Nova York), isto é, um país onde a passagem do ambiente natural para o ambiente tecnológico fora mais rápida e traumática do que na Europa. (Giulio Carlo Argan) Fonte: <http://lorenzonilais.wordpress.com/page/3/>



Figura 9.1: Arte rupestre de Bradshaw

fonte: <http://www.sauer-thompson.com/junkforcode/archives/2006/09/>

A arte rupestre estudada encontra-se na região de Kimberley, na Austrália Ocidental. Uma equipa da Universidade de Queensland descobriu que estas pinturas foram colonizadas por microorganismos coloridos, responsáveis pela manutenção das suas cores vivas. A arte rupestre de Bradshaw analisada mantém as suas cores porque estas estão vivas. Enquanto em alguns casos a arte nas rochas desvanece-se com o tempo, neste caso as pinturas apresentam cores fortes após 40 mil anos. Fonte: <http://noticias.sapo.ao/vida/noticias/artigo/1116941.html>



Figura 9.2: This is Television Receiver

Fonte: <http://www.davidhallart.com/id3.html>

Este é um receptor de televisão 1976. Encomendada pela BBC TV como a peça de abertura anunciada para o seu programa de arte Arena de Vídeo, Março de 1976. Programa produzido por Mark Kidel, concebido por Anna Ridley e apresentado por David Hall "Richard Baker [newsreader on conhecido] descreve os paradoxos essencial das funções reais e imaginários do aparelho de TV em que ele aparece. O segundo tiro é tomado opticamente fora de um monitor, o terceiro copiado a partir do segundo, e assim por diante, até que haja uma degeneração completa de som e imagem, remover o leitor de notícias de sua posição de autoridade..." Tamara Krikorian, Art Monthly, Fevereiro de 1984. Fonte: <http://www.davidhallart.com/id3.html>



Figura 10.1: Telenoia, de Roy Ascott

Fonte: <http://www.farewellindustries.com/entoen/?cat=17>

Este portfolio pessoal resume trabalhos e pesquisas no campo da arte multimídia e desempenho por Martin Boverhof. Como uma definição cunhada por Roy Ascott, "Telenoia" celebra a consciência de rede de conectividade global. Ele substituiu a paranoia da velha cultura industrial: ansiosa, alienada, secreto e neuroticamente privado ". Eu costumava usar este termo (ainda que inconscientemente) para descrever um instrumento de amostragem de vídeo, agarrando, looping e alterando vários fluxos de vídeo em tempo real. Fonte: <http://www.davidhallart.com/id3.html>



Figura 11.1: Taumatrópio

Fonte: <http://artesanatodolcevida.blogspot.com/2009/12/workshops.html>



Figura 11.2: Sequência de quadro a quadro 1

Fonte: Acervo de Rozane Suzart



Figura 11.3: Sequência de quadro a quadro 2

Fonte: Acervo de Rozane Suzart



Figura 11.4: Sequência de quadro a quadro 3

Fonte: Acervo de Rozane Suzart



Figura 11.5: Sequência de quadro a quadro 4

Fonte: Acervo de Rozane Suzart



Figura 11.6: Sequência de quadro a quadro 5

Fonte: Acervo de Rozane Suzart

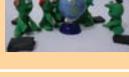


Figura 11.7: Sequência de quadro a quadro 6

Fonte: Acervo de Rozane Suzart

Animação: refere-se ao processo segundo o qual cada fotograma de um filme é produzido individualmente, podendo ser gerado quer por computação gráfica, quer fotografando uma imagem desenhada, quer repetidamente fazendo-se pequenas mudanças a um modelo, fotografando o resultado. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anima%C3%A7%C3%A3o>



Figura 12.1: O Final do Baile, obra de Rogélio de Egusquiza. Óleo sobre tela.

Fonte: <https://rceliamendonca.wordpress.com/2011/02/27/a-vals/>

A valsa pintada por Rogélio de Egusquiza - Título (O fim da bola), óleo sobre painel. Europeu. Pinturas do século 19, Desenhos e Aquarela (Santander, 1845-Madrid, 1915). Pintor, escultor e gravador espanhol. Doou, em 1902, ao Museu de Arte Moderna, uma série de desenhos e gravuras que iria para o Museu del Prado, em 1971. Representada com luz no teto e numa atitude espiritual e de concentração, meditação destas efígies são a sua resposta ao petróleo e corrosão no próprio museu, que também é dono de um busto de bronze de Richard Wagner (1892) e uma série de retratos de gravura em metal. (<http://www.museodelprado.es/>)



Figura 12.2: Céu na boca, fotografia de Lu Barcelos, Chocolate fotografias

Fonte: <http://www.quasarciadedanca.com.br/imaceu.html>

Fotografia de Lu Barcelos, chocolate fotografias; Cenógrafo Henrique Rovalho, 2009. A Quazar é um veículo de manifestação artística, que se expressa através da dança contemporânea, desenvolvendo uma proposta estética própria e diversa. Ao longo de 20 anos, vem construindo uma trajetória que mistura qualidade artística e engajamento em ações voltadas para a democratização do acesso à dança, à qualificação e à formação de público.



Figura 12.3: Foto divulgação, fotografada por Douglas Fróis/UFPR

Fonte: <http://ufprcultural.blogspot.com/2010/03/curso-de-danca-moderna-tem-vagas.html>

A Têssera - Companhia de Dança da UFPR - tem por objetivo desenvolver uma linguagem estética diferenciada por meio da dança contemporânea. Os bailarinos são preparados com a técnica de dança moderna, se expressando de acordo com as performances e a construção das obras coreográficas. Fonte: <http://ufprcultural.blogspot.com/2010/03/curso-de-danca-moderna-tem-vagas.html>



Figura 12.4: Crying Girl, obra de Roy Lichtenstein, 1963

Fonte: http://static2.r23.de/2011/01/crying_girl.jpg

Roy Lichtenstein, o artista cujas pinturas clássicas das histórias em quadrinhos foram um fator determinante no movimento de arte pop, que explodiu nos anos 1960, morreu numa segunda-feira, 29 de setembro, 1997, na New York University Medical Center, onde havia sido internado por várias semanas. Tinha 73 anos.



Figura 12.5: Quadrinhos de Daniel Pereira dos Santos, sequência de "Nada a Perder"

Fonte: http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/noticia/arch2008-09-01_2008-09-30.html

Quadrinhos de Daniel Pereira dos Santos, sequência de "Nada a Perder", Daniel Pereira passou pelos fanzines, criados com o irmão, Alberto, na década passada. Formou-se depois em desenho industrial pela Universidade Federal de Santa Maria, onde mora atualmente.

Figura 12.6: A Vanishing, Instalação na 26ª Bienal de São Paulo, Rachel Berwinck.

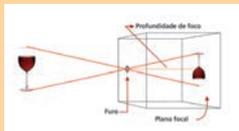
Fonte: Foto de Sandro Fernandes



Esta instalação é inspirada na maneira em que o pombo do passageiro está desaparecendo. É composta por quatro elementos-chave, 500 pombos elenco âmbar (fundido a partir de um espécime preservado), as hastes de metal, luz e sombra. Os pássaros âmbar são suspensos em uma série de hastes de metal fino. As hastes são suspensas verticalmente, em intervalos regulares, para formar duas linhas que se cruzam no meio do espaço. Apesar de cada vara ser do mesmo comprimento (que se estende desde o teto até quase o chão) o número de aves colocados em cada haste varia. O pássaro colocado nas hastes mais externa (perto de cada canto da sala) têm a maioria das aves. O número de aves colocadas em cada vara de forma sucessiva reduz gradualmente. A vara do centro, localizado onde as duas linhas se cruzam, tem apenas um pássaro, significando Marta e seu status como o último de sua espécie. Fonte: <http://www.rachelberwick.com/Vanishing.php>

Figura 13.1: Esquema de captura da imagem fotografada em uma câmera escura.

Fonte: Elaborado pelo DI



A câmera escura foi e suas possibilidades de imprimir imagens têm seus indícios marcados na história da humanidade até onde sabemos na civilização ocidental na Grécia com Aristóteles que se referia a ela como instrumento de observação de eclipses solares. Leonardo da Vinci, gênio da pintura, foi também um sábio que se dedicou ao estudo de diversas ciências.

Figura 13.2: Pescadores de Tainha, do fotógrafo Leonardo Régner, Nova Brasília, 2010.

Fonte: <http://www.museuoscarniemeyer.org.br/index.html>



Anualmente, entre meados de maio e julho, os pescadores nativos da Ilha do Mel reúnem-se à beira-mar para esperar a entrada das tainhas na Praia do Farol. A vigília é acompanhada por suas mulheres e filhos. Quando os cardumes se aproximam, os pescadores lançam as redes ao mar e festejam. O contexto descrito e a importância socioeconômica para o grupo de pescadores despertaram o interesse e a sensibilidade artística de Régner e do cineasta Túlio Viaro. O projeto foi iniciado em 2008 e concluído dois anos depois, com a produção de novas imagens e depoimentos.

Figura 13.3: Church Gate Station, Sebastião Salgado ©, Western Railroad Line, Bombay, Índia.

Fonte: <http://www.amazonasimages.com/travaux-exodes>



Sebastião Salgado nasceu no dia 8 de fevereiro de 1944 em Aimorés, Minas Gerais, Brasil. Viaja em mais de 100 países para projetos fotográficos que, além de inúmeras publicações na imprensa, foram apresentados em forma de livros, tais como: Outras Américas (1986), Sahel, l'Homme en détresse (1986), Trabalhadores (1993), Terra (1997), Êxodos e Retratos de Crianças do Êxodo (2000) e África (2007). Exposições itinerantes destes trabalhos foram e continuam a ser apresentadas internacionalmente. Sebastião Salgado recebeu inúmeros prêmios, é Embaixador de Boa-Vontade para UNICEF.



Figura 13.4: Sem título, fotografia de Maurese Polizio

Fonte: <http://entremundos.com.br/revista/fotos-preto-e-branco-2-2>



Figura 14.1: Cinema 3D

Fonte: <http://cdn1.mundodastribos.com/wp-admin/uploads/2011/05/shrek-4d-h1.jpg>

O que torna uma imagem tridimensional? Nos filmes comuns, que não utilizam tecnologia 3D, as imagens podem ser vistas de forma bidimensional, pois é possível visualizar duas dimensões: a altura e largura da figura em exposição. Já a tecnologia tridimensional faz você perceber mais uma dimensão: a profundidade. É ela que dá a impressão de que um animal ou objeto salta da tela, chega ao alcance das suas mãos ou à ponta de seu nariz. Com isso, o espectador pode entrar na história, passear pelo cenário virtual (que acaba sendo real), viajar no tempo, rir e sentir medo, tudo ao mesmo tempo. Fonte: http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2008/11/35488-cinem+a+3d+faz+ficcao+virar+realidade.html



Figura 14.2: Mestre Didi Eye Lawá – Pássaro Ancestral a grande mãe. Técnica mista, 140x46x30cm, 2001.

Fonte: <http://www.museuafrobrasil.org.br>.

“Quando um homem, um artista e um sacerdote se unem numa só pessoa, e quando esse mesmo homem nasce de Mãe Senhora e dela recebe todos os fluidos do reino de Ketu, ele se torna o grande herdeiro dessa tradição.

(...) E se além de sua prática religiosa, pudesse ser um artista, um poeta, um escritor que materializasse esse cabedal cultural de seus antepassados, muito melhor. E se ainda fosse ele intermediário dos ancestrais, para com sua bondade espiritual fazer chegar até nós os bons ventos da boa-venturança, muito melhor ainda. É assim que se poderia definir o autor dessas obras criadas e imaginadas pelas mãos sagradas do Alapini Deoscoredes Maximiliano dos Santos, sacerdote do culto dos ancestrais”. Emanuel Araujo; Curador. Fonte: <http://www.museuafrobrasil.org.br/>



Figura 14.3: O pesadelo de George V.

Fonte: <http://blogs.walkerart.org/offcenter/wp-content/offcenter/hyptoday.jpg>

Fonte: Acervo do autor.

Huang Yong Ping – Xiamen, China, 1954. Escultura, exposta na 24ª Bienal de São Paulo. O artista chinês que introduziu o Dadaísmo no contexto de seu país, mudando-se mais tarde para a França é conhecido por uma obra que contrapõe símbolos e seres vivos e imaginários das culturas oriental e ocidental. Em uma instalação emblemática, The History of Chinese Art and the History of Modern Art (1987), centrifugou um livro de arte ocidental e um de arte oriental uma máquina de lavar a fim de “resolver a questão do diálogo entre leste e oeste”. Uma réplica, em tamanho natural, de um tigre escalando um elefante e prestes a abocanhar o caçador foi uma forma bastante curiosa que um artista chinês encontrou para criticar o colonialismo britânico.

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Huang_Yong_Ping



Figura 14.4: Roda de Bicicleta, escultura de Marcel Duchamp, 1913.

Fonte: <http://2.bp.blogspot.com/-awKO4kNWQvs/TWP0NtGIYml/AAAAAAAAAE0/uoOqARHfHRk/s1600/Duchamp+--+Roda+de+Bicicleta.jpg>

“Roda de bicicleta” (1913) é considerada uma das obras mais representativas do dadaísmo na França, sendo uma das mais notórias obras do artista Marcel Duchamp. Esta roda de bicicleta aparafusada a um banco desafiou as idéias tradicionalmente pré-concebidas sobre a definição de arte. Apresentada com a intenção de desconstruir a ideia de obra de arte como algo precioso e intocável, este conjunto tira um objeto comum de seu cenário habitual para colocá-lo num contexto novo e incomum, inaugurando o conceito de “ready-made” - que influenciou inúmeros artistas desde então. Fonte: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2008/03/05/escultura-roda-de-bicicleta-de-marcel-duchamp-92208.asp>

Figura 15.1: Artesanato

Fonte: <http://www.marka.tur.br/caruaru.jpg>



O artesão é aquele que, através da sua criatividade e habilidade, produz peças de barro, palha, tecido, couro, madeira, papel ou fibras naturais, matérias brutas ou recicladas, visando produzir peças utilitárias ou artísticas, com ou sem uma finalidade comercial. Ele trabalha sozinho ou com assistentes e tanto pode fazer peças únicas como trabalhos em série, contando ou não com a ajuda de ferramentas e mecanismos rudimentares ou semi-industriais. São artesãos e artesãs: talhadores, gravadores, escultores, pintores, ceramistas, rendeiras, bordadeiras, tecelãs, aqueles que criam instrumentos musicais, bijuterias e peças de madeira para uso diário, cestas, gamelas, colchas de retalhos e brinquedos, entre outras coisas. Em muitos casos, quando os objetos produzidos não têm um caráter utilitário, isto é, são feitos apenas para serem apreciados, o artesanato se confunde com a arte.

Fonte: <http://educacao.uol.com.br/cultura-brasileira/artesanato-ceramicas-rendas-e-outros-tipos-de-artesanato-brasileiro.jhtm>

Figura 15.2: Fuga, obra de Kandinsky, 1914, óleo sobre tela.

Fonte: <http://arteconcretista.wordpress.com/inicio/>

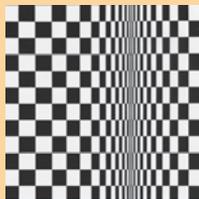


Veja um trecho da autora Mel Gooding extraído de seu livro Arte Abstrata:

“Em fuga encontramos não tanto uma analogia estrutural com uma forma musical estrita quanto repetições aleatórias, e uma dinâmica espiralada (características de Kandinsky), que se move primeiro no sentido horário e depois anti-horário. A palavra “fuga”, aqui, significa “escapada” e isso fornece uma pista para uma postura em relação à pintura. Suas formas e cores podem ser vistas como tendo se libertado de suas formas terrenas e fluído para um universo extático de relações puras. Pinceladas, linhas, borrão, mancha, pontilhado, curva, entrecruzamento, desvio: narrativa ou cenário aqui podem ser descritos somente segundo elementos da própria pintura”. (2002, p. 22 e 23)

Figura 15.3: Movimento de quadrados, obra de Bridget Riley, 1961.

Fonte: http://1.bp.blogspot.com/_AZ46uoyLfbM/TPqvTZkRvII/AAAAAAAAAEQ/PjgAKm2151s/s1600/riley+Movement+in+squares+1961.jpg



O termo op art é uma abreviação da expressão em inglês optical art e significa “arte ótica” – uma forma de arte que explora determinados fenômenos óticos com a finalidade de criar obras que pareçam vibrar ou cintilar. Contudo, diferentemente da arte cinética, a obra efetivamente não se movimenta e, por vezes, é o observador quem deve se deslocar, ou movimentar os olhos, para ter essa impressão sobre a obra, nascida da ilusão de ótica. Fonte: <http://educacao.uol.com.br/artes/op-art.jhtm>

Figura 15.4: Obra do escritor, poeta e artista plástico angolano, Ondjaki. Exposição "Pôr-do-Sonho".

Fonte: <http://blogdangola.blogspot.com/2007/11/escritores-angolanos-ondjaki.html>



Ondjaki nasceu em Luanda, em 1977. Interessa-se pela interpretação teatral e pela pintura (duas exposições individuais, em Angola e no Brasil). Participou em antologias internacionais. Escreve para cinema e co-realizou um documentário sobre a cidade de Luanda (Oxalá cresçam Pitangas, 2006). É membro da União dos Escritores Angolanos. É licenciado em Sociologia. Recebeu no ano 2000 uma menção honrosa no prêmio António Jacinto (Angola) pelo livro de poesia Acto Sanguíneo. Em 2005 o seu livro de contos “E se amanhã o medo” obteve os prêmios Sagrada Esperança (Angola) e António Paulouro (Portugal). As obras de Ondjaki encontram-se traduzidas nos seguintes países: Espanha, Itália, Suíça (Francês e Alemão) e Uruguai. Fonte: <http://blogdangola.blogspot.com/2007/11/escritores-angolanos-ondjaki.html>

Figura 16.1: Poty Lazzarotto. Largo da Ordem/Curitiba.

Fonte: Acervo de Rho Gonçalves



O monumental painel do nosso artista maior, Poty Lazzarotto, embeleza, desde 1994, a Travessa Nestor de Castro ao retratar a história de Curitiba e sua gente. Poty possui uma extensa obra gráfica, tendo realizado inicialmente diversas histórias em quadrinhos e ilustrado livros de diversos autores nacionais e estrangeiros. Grande propagador da gravura, atua como professor em diversas cidades brasileiras. A ele se deve uma das primeiras apropriações artísticas conhecidas da litografia: pedras litográficas previamente usadas na impressão de rótulos industriais são re-trabalhadas pelo artista que mantém traços das gravações anteriores. Por vezes, seu desenho busca na estilização das formas o efeito da xilogravura. Fonte: <http://www.itaucultural.org.br/>



Figura 16.2: Grafite; Praça de Santa Felicidade/Curitiba.

Fonte: Acervo de Rho Gonçalves

O grafite é uma forma de arte contemporânea de características essencialmente urbanas. São pinturas e desenhos feitos nos muros e paredes públicos. Não é simplesmente uma pichação, mas uma expressão artística. Tem a intenção de interferir na paisagem da cidade, transmitindo diferentes ideias. Não se trata, portanto, de poluição visual. Grafia é a escrita. Nas artes plásticas, a palavra grafite, ou graffito (em italiano), significa marca ou inscrição feita em um muro e é o nome dado às inscrições feitas em paredes desde o Império Romano. Grafismo, por sua vez, é a maneira de traçar linhas e curvas sob um ponto de vista estético. Por Valéria Peixoto de Alencar. Fonte: <http://educacao.uol.com.br/artes/grafite.jhtm>.



Figura 16.3: Painel Rio Iguaçu, Rogério Dias. Curitiba.

Fonte: Acervo de Rho Gonçalves

PAINEL "RIO IGUAÇU" Autoria de Rogério Dias, inaugurado no Centro Cívico, em Curitiba, em dezembro de 1996. Encomendado pelo então prefeito Rafael Greca, para homenagear o descobridor das "Cataratas do Iguaçu", Dom Alvar Nuñez Cabeza de Vaca e o Rio Iguaçu, cuja história é um registro de luta pela integração do estado do Paraná. O Painel retrata o Rio desde a sua nascente até a sua foz, com sua fauna e flora, sua história, suas lendas e personagens.

Fonte: <http://www.rogeriodias.com/Portugues/>



Figura 16.4: Poty Lazzarotto mural "Quatro Estações", Curitiba.

Fonte: Acervo de Rho Gonçalves

Poty Lazzarotto Ao longo de sua vida, trabalhou principalmente com desenhos, gravuras e murais, serigrafia, litografia. Os murais são representativos de sua obra, embora tenha sido o desenho o seu principal veículo de sua expressão, notadamente as ilustrações que realizou para os mais diversos autores, destacando-se entre esses, Dalton Trevisan, considerado o maior contista brasileiro. Em sua execução, Poty empregava materiais diversos, como madeira, vidro (vitrais), cerâmica, azulejo e concreto aparente, esse último um de seus materiais de predileção.



Figura 16.5: Fotógrafo anônimo

Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?p=2224508>

A festa do boi – o festival não é só constituído de mitos. Há encenações do cotidiano do ribeirinho, do pescador, do seringueiro e do homem nativo. As apresentações dos rituais indígenas empolgam as torcidas, quando dezenas de tribos representadas por brincantes de boi trazem cada uma delas, diferentes vestimentas, pintura corporal e dança. No total, cada agrediação tem em média cinco mil componentes. Fonte: <http://www.turismobrasil.gov.br/promocional/destinos/P/Parintins.html>



Figura 17.1: Desenhos de: Willy Pogany; D.R. Sexton, Sir Tenniel, Ralph Steadman, Dusan Kallai.

Fonte: Escaneado - Livro Infantil? - Guto Lins, pg. 32

Willy Pogany Um artista que se destacou nas poucas criativas ilustrações de Alice nas décadas de 20 e 30, foi o americano de origem húngara Willy Pogany (1929). Suas ilustrações têm um estilo Art Deco totalmente novo, conciso, clean e para muitos considerada a primeira interpretação original desde Tenniel. Sir John Tenniel As críticas mais comuns às ilustrações de Tenniel para o País das Maravilhas referem-se à própria Alice, muito séria, formal e pouco expressiva. Outra ilustração de destaque da década foi a de D.R. Sexton (1933) que produziu uma Alice bem mais melancólica do que a de Pogany, de olheiras e ares soturnos. Ralph Steadman, Dos artistas contemporâneos que ilustraram Alice, Ralph Steadman foi um dos mais importantes, produzindo uma série de ilustrações com um apelo bem mais adulto e crítico do que seus predecessores. Dusan Kallai Fonte: http://brasillewiscarroll.blogspot.com/2010/01/winona-cookie-who-are-you-said_6153.html



Figura 17.2: Ilustração Simone Cit

Fonte: <http://www.artefinal.com/2011/03/ilustracao-de-livro-infantil-por.html>

A técnica usada pela ilustradora é a colagem. Atualmente é professora assistente da Faculdade de Artes do Paraná. Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (2005) e graduada em Educação Artística com habilitação em Música pela UFPR (1991).



Figura 17.3: Ilustração Claudius

Fonte: <http://www.acaixamagica.com/menina-bonita-de-lao-de-fita/index.html>

Este livro contém 14 páginas destinadas ao público infantil. "Menina Bonita do Laço de Fita", história de autoria de Ana Maria Machado encontra-se disponível no formato pdf para leitura e para impressão grátis e simplificada. Você pode ler o livro no endereço: http://houdelier.com/flip_books/menina_bonita_do_laco_de_fita/index.html. O enredo proposto por Ana Maria Machado é riquíssimo, entretanto, as ilustrações feitas pelo ilustrador Claudius são um exemplo brilhante de como a imagem pode desempenhar funções importantíssimas dentro do texto verbal. As ilustrações de livros infantis, geralmente, são reflexos das ideias do ilustrador, da sua concepção de arte, de seu domínio do código visual e, acima de tudo, de sua perspectiva quanto à receptividade infantil. Fonte: revista eletrônica do grupo de pesquisa em cinema e literatura, Vol. 1, nº 7, Ano VII, Dez/2010 ISSN – 1808-8473FFC/UNESP, link www.marilia.unesp.br/Home/.../edicao7/Revelacoes_que_a_escrita.pdf



Figura 17.4: Ilustração Maria Eugênia

Fonte: <http://4.bp.blogspot.com/-Vh5pPZhFuS8/Tf7Uawn1NtI/AAAAAAAAAns/nqGCSxoz-RE/s1600/capa+opinioes+irreverentes.jpg>

Este livro traz oito histórias com as "opiniões irreverentes" de uma criança sobre temas como família, escola, comportamento, pátria, índios e animais. Essas histórias trazem reflexões sobre questões de grande relevância social, como a relação entre os indivíduos de uma comunidade e a diversidade entre eles, os hábitos de consumo, a preservação do meio ambiente, os papéis familiares etc.

Ela estreou como ilustradora em 1991 e, na literatura infanto-juvenil, em 1995. Hoje faz ilustrações também para revistas e jornais. Já trabalhou em mais de cinquenta livros para crianças e para adultos. Ganhou o Prêmio Jabuti e, na Itália, o Bolonha Ragazzi Award - New Horizons. Site da artista - <http://cadernodesenhos.blogspot.com/>



Figura 17.5: Ilustrações de Martha Werneck

Fonte: <http://ilustradores.ning.com>

O livro "A menina do castelinho de jóias" narra a descoberta da paixão. É contada a partir de uma história que reflete toda a ternura e imaginação que a infância é capaz de imprimir aos sentimentos. Uma obra cativante pela simplicidade e beleza da narrativa e ilustrações, que fazem referência à obra de vários pintores, entre eles Pablo Picasso e Gustav Klimt. Fonte <http://www.hojeemdia.com.br/2.259/no-ritmo-do-corac-o-1.315342>



Figura 18.1: Viva la vida, obra de Frida Kalo.

Fonte: <http://uploads0.wikipaintings.org/images/magdalena-carmen-frieda-kahlo-y-calder%C3%B3n-de-rivera/viva-la-vida-watermelons.jpg>

Frida Kahlo dispunha seus 'modelos' de natureza morta de forma a lembrar sutilmente partes do corpo humano: olhos, seios, sexos, crânios. Em alguns de seus quadros, chegou a escrever - como para que convencer-se a si mesma: "Natureza bem morta". (dito pelo amigo Raúl Flores Guerrero)

Fonte: <http://albertorenault.blogspot.com/2010/06/frida-natureza-bem-morta.html>



Figura 18.2: Borboleta simétrica

Fonte: <http://www.sxc.hu/browse.phtml?f=download&id=1210288>



Figura 18.3: Regata, obra de Candido Portinari, 1928.

Fonte: <http://www.catalogodasartes.com.br/Upload/@Obras/Andr%C3%A9%20Martins%20da%20Silva%5CSoraia-Cals-Maio-04-Item178.jpg>

Pintura a óleo/tela 45.5 x 55cm. São Paulo/SP. Assinada e datada na dedicatória no canto superior direito "Ao Sr. ALARCON, COM MUITA SYMPATHIA C. PORTINARI S. PAULO 928" Coleção particular, São Paulo, SP. TEMAS: Natureza: Paisagem Marinha. Essa e outras obras do pintor estão no portal - Acervo Projeto Portinari. O acervo do Projeto Portinari é resultado do levantamento e catalogação de quase 5.000 obras e aproximadamente 30.000 documentos relacionados a estas obras. Entre estes documentos encontram-se: correspondências, recortes de periódicos, livros, fotografias de época, depoimentos, catálogos de exposição e de leilão, textos, entre outros. Para fazer uma busca, escolha entre as opções: Obras, Obra Conjunto, Pessoas, Entidades, Documentos, Eventos, Visita Guiada e Biografia.

Fonte: <http://www.portinari.org.br/ppsite/ppacervo/obrasCompl.asp?notacao=3826&ind=29&NomeRS=rsObras&Modo=C>

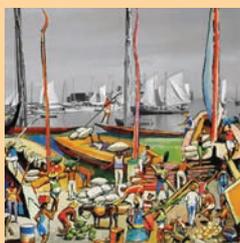


Figura 18.4: Porto, Mistura da fotografia de Pierre Verger e da pintura de Carybé

Fonte: http://bp1.blogger.com/_q08M1ajACHg/SFXc8iM00II/AAAAAAACV8/WvOfSW6d-3s/s1600-h/verger.jpg

Caribé, (1911-1997), brasileiro de origem argentina, cuja estilização gráfica aproximou-se da abstração. Nasceu na cidade de Lanús e radicou-se no Brasil. Fixou-se definitivamente na Bahia a partir de 1950. Inspirado pela cultura afro-brasileira, no início da década de 1970 dedicou-se a fazer talhas que focalizavam seus rituais e orixás, em obras como Festa de Nanã, Alá de Oxalá, Ajerê e Píão de Oxalá. Em seus desenhos e aquarelas, predominam a cor sépia, como no álbum "Sete Portas da Bahia". Além desses trabalhos, destacou-se pela criação de murais, hoje expostos em São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Montreal, Buenos Aires e Nova York. Fonte: <http://odebrechtusa.com/carybe/portugues/index.html>



Figura 19.1: Copo e garrafa de Suze, obra de Pablo Picasso, 1912.

Fonte: <http://lh4.ggpht.com/-o608Gn9Xtb4/RgKwufjB79I/AAAAAAAAs/VaUj4H51eP0/PICASSO%25252C%252520Copo%252520e%252520Garrafa%252520de%252520Suze%25252C%2525201912.jpg>

Copo e garrafa de Suze (Pablo Picasso, 1912), imagem acima, papéis colados, guache e carvão, é uma das primeiras colagens/montagens de Picasso, num conjunto seriado com o uso de papel-jornal, desenhos e carvão, que remetem aos conflitos nos Balcãs. Picasso refere-se aos acontecimentos da época (mistura dos fatos do cotidiano para se dirigir ao contexto de cisão e guerras na Europa) com os recortes de jornais, que se alastram por mais da metade da composição, envolvendo um outro papel azulado e ovalado, exprimindo uma representação e profundidade não-ilusionista (não deixa de ser uma experimentação) sobre a tampa de uma mesa. Fonte: http://www.germinaliteratura.com.br/2010/artes_jose_aloise_bahia_distorcao_jun10.htm



Figura 19.2: O que fazem os lares de hoje ser tão diferentes, tão atraentes? - Richard Hamilton

Fonte: <http://muvtor.btk.ppke.hu/IV.%20etalonvizsga%20kepanyaga/20.%20sz%E1zad/egyetem%20muveszet%20a%20XX.%20sz%E1zadban/pop%20art/HAMILTON,%20Richard,%20Just%20what%20is%20it%20that%20makes%20today's%20homes%20so%20different,%20so%20appealing,%201956.jpg>

Uma das primeiras, e mais famosas, imagens relacionadas ao que o crítico britânico Lawrence Alloway (1926-1990) chamaria de arte pop é a colagem de Richard Hamilton (1922), O que Exatamente Torna os Lares de Hoje Tão Diferentes, Tão Atraentes?, de 1956. Concebido como pôster e ilustração para o catálogo da exposição This Is Tomorrow [Este É o Amanhã] do Independent Group de Londres, o quadro carrega temas e técnicas dominantes da nova expressão artística. A composição de uma cena doméstica é feita com o auxílio de anúncios tirados de revistas de grande circulação. Nela, um casal se exhibe com (e como) os atraentes objetos da vida moderna: televisão, aspirador de pó, enlatados, produtos em embalagens vistosas etc. Os anúncios são descolados de seus contextos e transpostos para a obra de arte, mas guardam a memória de seu locus original. Ao aproximar arte e design comercial, o artista borra, propositadamente, as fronteiras entre arte erudita e arte popular, ou entre arte elevada e cultura de massa.



Figura 19.3: Proposta de Vick para o quadro A Morte de Marat.

Fonte: Imagem de divulgação.

Ao longo de dois anos (daí o revezamento dos cineastas), Muniz e sua equipe miraram o foco nas desumanas jornadas dos catadores de material reciclável do Jardim Gramacho, em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro. Trata-se do maior aterro sanitário da América Latina, responsável por receber cerca de 70% dos dejetos da capital fluminense. A tarefa do artista consistia em usar em suas espetaculares obras o que era descartado pelos catadores, contando com o auxílio de alguns trabalhadores do lixão. Do convívio nasceu a proximidade, sobretudo com o líder sindical Sebastião Carlos dos Santos, mais conhecido por Tião e retratado em pose igual à do quadro A Morte de Marat (1793), do francês Jacques-Louis David.



Figura 20.1: Fotografia histórica do ensaio de O imperador Jones, 1945

Fonte: <http://onegropormeiodasartes.blogspot.com/>

O Teatro Experimental do Negro nunca atingiu a importância social que pretendia em seu tempo. Mas, em termos de história do teatro, significou uma iniciativa pioneira, que mobilizou a produção de novos textos, propiciou o surgimento de novos atores e grupos e semeou uma discussão que permaneceria em aberto: a questão da ausência do negro na dramaturgia e nos palcos de um país mestiço, de maioria negra. <http://onegropormeiodasartes.blogspot.com/2008/11/o-teatro-experimental-do-negro.html>



Figura 20.2: Peça de teatro Olha aqui seu capitão

Fonte: Acervo de Jaime Valente

O Espetáculo “Olha aqui Seu Capitão!” é baseado em histórias vividas por piratas em um navio negreiro, que ao longo dos meses navegando em águas espanholas tem como objetivo chegarem ao mar das Antilhas vivos e ricos. Texto e Direção: Bia Bianco; Sonoplastia: Nick; Elenco: Alana Franco, Bia Bonete, Bia Bianco, Célia Contrino, Cleide Azevedo, Esme Ferreira, Gehad Hajar, Jacira Mayerhoffer, Janaina Colaço, Jair Costa, Nilceu Romero, Rafael Tiago, Rodrigo Azevedo.



Figura 20.3: O Teatro Mágico

Fonte: Imagem de divulgação autorizada

A trupe criada por Fernando Anitelli, já projeta a criação da terceira etapa, buscando aprofundar ainda mais os debates que cercam a sociedade desigual e desumana que nos rodeia. Procurando explorar a questão do livre compartilhamento das músicas na Internet defendendo a bandeira da música livre, o Teatro Mágico passa, cada vez mais, a se apresentar com um perfil mais questionador e contestador. Nesta nova fase, é como se a trupe chegasse ao universo urbano com mais profundidade, como o cotidiano dos moradores de rua citados na canção “Cidadão de Papelão” ou a problemática da mecanização do trabalho, citada no “Mérito e o Monstro” entre várias outras abordagens. Indo mais além, há um debate sutil e, por vias opostas, mordaz, sobre o amontoado de informações que absorvemos, sem perceber, assistindo aos programas de TV. Essas transformações não poderiam, no entanto, encobrir o universo lúdico e fantasioso da trupe, mas sim, acrescentar uma pitada de realismo no conteúdo em geral, incorporando o lema de endurecer sem jamais perder a ternura.

Fonte: <http://oteatromagico.mus.br/wordpress/about/>

Atividades autoinstrutivas

1. Você assistiu à peça de teatro que recomendamos na aula 20? Esperamos que você tenha gostado do espetáculo. Esta questão levará em conta sua experiência e os conteúdos estudados na aula.

Quando assistiu à peça deve ter reparado na interpretação dos atores e atrizes. A atuação dos atores é fundamental para uma boa peça e, para isso, eles têm que estudar a personagem, pois precisam construir suas características para melhor interpretá-las e tornar assim a história mais envolvente. Levando em conta esse trabalho, assinale o que é minimamente necessário para dar vida a um personagem. O que se refere a um perfil psicológico?

- a) apenas o lugar onde o personagem mora.
 - b) apenas o padrão de vida do personagem.
 - c) a forma de lidar com os problemas e sentimentos.
 - d) apenas sua cultura e saberes, como se veste e onde mora.
 - e) como se veste e onde mora, o que come, como se diverte.
2. (ENEM 2008, questão 37) Os signos visuais, como meios de comunicação, são classificados em categorias de acordo com seus significados. A categoria denominada indício corresponde aos signos visuais que têm origem em formas ou situações naturais ou casuais, as quais, devido à ocorrência em circunstâncias idênticas, muitas vezes repetidas, indicam algo e adquirem significado. Por exemplo, nuvens negras indicam tempestade.

Com base nesse conceito, escolha a opção que representa um signo da categoria dos indícios.

a)



b)



c)



d)



e)



3. No teatro, para montar um espetáculo, precisamos contar com uma diversidade de elementos, mas há alguns que são essências, ou seja, sem eles não existira a peça. Assinale esses elementos essenciais para contar uma história na dramaturgia.

- a) carros, figurinos, texto e história.
- b) dança, coreografia, contexto.
- c) texto ou história, palco, diretor.
- d) atores e/ou atrizes, texto ou história, representação.
- e) diretores, iluminadores, sonoplastas.

4. Você pode encontrar diferentes suportes para manifestações artísticas. Quais suportes são mais comuns nas ruas dos grandes centros da cidade?

- a) grafites, esculturas e painéis.
- b) teatros, danças e painéis.
- c) painéis, teatros e esculturas.
- d) grafites, danças e teatro.
- e) carros alegóricos, grafites e danças.

5. A natureza morta é composta basicamente por:

- a) pessoas.
- b) mar.
- c) frutas.
- d) casas.
- e) gatos.

6. O ritmo é muito importante em uma composição artística, mesmo na pintura, mas na dança ele é essencial, por quê?

- a) para o sonoplasta escolher o cenário.
- b) para o sonoplasta desenhar o figurino.
- c) para o coreografo escolher o figurino.
- d) para o coreografo desenhar o cenário.
- e) para composição e dinâmica da coreografia.

O texto que segue é referência para as perguntas 7 e 8.

Ao realizar a atividade da aula 17 sobre a técnica de colagem você mudou o sentido da mensagem original e, ao construir a sua montagem, deu-lhe outro sentido. O artista Vick Muniz faz isso com elementos do cotidiano. Veja a imagem da Monalisa a seguir que ele montou usando entre outras coisas geléia e pasta de amendoim.



Monalisa por Vick Muniz

Fonte: http://1.bp.blogspot.com/_v75R69jFNp0/STU4IGP1pol/AAAAAAAAABGU/bezKAe-dDp0/s1600-h/monavik.jpg

7. Que tipo de técnica foi usada pelo artista?

- a) grafite.
- b) óleo sobre tela.
- c) técnica mista.
- d) marchetado.
- e) colagem.

8. O artista faz uma obra usando produto reciclável, uma das possíveis deduções a essa variedade de materiais é:

- a) só podemos fazer arte visual usando lápis e grafite.
- b) qualquer material é um suporte para arte.
- c) arte só existe para quem tem dom.
- d) o lixo reciclável não serve para fazer arte.
- e) só podemos pintar com tinta e pincel.

9. Na atividade da aula 17, ao fazer sua ilustração na poesia, você usou como base a arte abstrata e a figurativa. Assinale as imagens abaixo que representa a arte abstrata.

a)



Artista - Basmat

b)



Artista - Dupré

c)



Artista - Beatriz Milhazes

d)



Artista - Juan Muñoz

e)

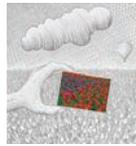


Artista - Toni Lima

10. Você fez a atividade da aula 14? Como ficou? Bem, com essa prática foi possível constatar como é necessário não só uma boa ideia, mas também, um planejamento prévio para construção de sua instalação.

Sinalize a alternativa que possui um objeto tridimensional.

a)



Bem Heine

b)



Caribé

c)



Johann Moritz Rugendas - 1822-1825

d)



Eugênio Sigaud - 26ª Bienal São Paulo - déc 1960

e)



Matthew Ritchie; 26ª Bienal São Paulo

A imagem que segue é referência para as perguntas 11 e 12



Fonte: <http://latinartjournal.com/2011/03/14/beatriz-milhazes-artwork-video/>

11. Com relação à obra de Beatriz Milhazes, marque qual técnica ou suporte foi usado?

- a) pintura.
- b) escultura e fotografia.
- c) fotografia e modelagem.
- d) colagem e pintura.
- e) baixo-relevo e alto-relevo.

12. Ainda com relação à obra Beatriz Milhazes, quais cores são predominantes, ou seja são mais presentes?

- a) cores quentes.
- b) cores frias.
- c) preto e branco.
- d) cores quentes e frias.
- e) cores frias, preto e branco.

13. Em se tratando de fotografia, observe as imagens do fotógrafo Sandro Fernandes na sequência e relacione seus elementos na ordem correspondente.



Centro histórico Curitiba



Pelanca



Ilhas de Superagui

- a) movimento; textura; profundidade.
- b) profundidade; movimento; textura.
- c) textura; movimento; profundidade.
- d) profundidade; textura; movimento.
- e) textura; profundidade; movimento.

14. Assinale a obra em que o artista usou simetria.

<p>a)</p>  <p>Sumi-e de Bambú</p>	<p>b)</p>  <p>Escher</p>	<p>c)</p>  <p>Artista desconhecido</p>	<p>d)</p>  <p>Gustav Klimt</p>	<p>e)</p>  <p>Botero</p>
--	---	---	--	---

15. É o menor elemento para exibição de uma imagem em meio eletrônico ou digital, ou seja uma imagem digital é formada por muitos... :

- a) Pontos.
- b) Pixels.
- c) Linhas.
- d) Planos.
- e) Formas.

16. (ENEM 2007, questão 2 prova amarela) Sobre a exposição de Anita Malfatti, em 1917, que muito influenciaria a Semana de Arte Moderna, Monteiro Lobato escreveu, em artigo intitulado Paranoia ou Mistificação:

Há duas espécies de artistas. Uma composta dos que veem as coisas e em consequência fazem arte pura, guardados os eternos ritmos da vida, e adotados, para a concretização das emoções estéticas, os processos clássicos dos grandes mestres. (...) A outra espécie é formada dos que veem anormalmente a natureza e a interpretam à luz das teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica das escolas rebeldes, surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. (...). Estas considerações são provocadas pela exposição da Sra. Malfatti, onde se notam acentuadíssimas tendências para uma atitude estética forçada no sentido das extravagâncias de Picasso & Cia. O Diário de São Paulo, dez./1917.

Em qual das obras abaixo identifica-se o estilo de Anita Malfatti criticado por Monteiro Lobato no artigo?

a)



Acesso a Monte Serrat – Santos

b)



Nossa Senhora Auxiliadora e Dom Bosco

c)



Artista desconhecido

d)



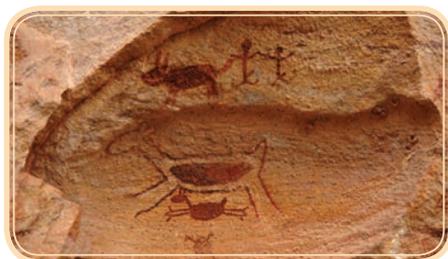
e)



17. Na primeira aula você escreveu uma breve reflexão sobre o quadro de René Magritte. Ele pintou um cachimbo e escreveu “Ceci n’est pás une pipe.” A tradução da frase escrita no quadro é “Isso não é um cachimbo”. No nome da obra, A traição das imagens, e que não é o que está escrito na tela, Magritte nos dá pistas para pensarmos que:

- a) só os desenhos são a realidade.
- b) só as gravuras são realidade.
- c) as imagens e desenhos são a realidade.
- d) as imagens são representações da realidade.
- e) só as esculturas são realidades.

18. A pintura rupestre, que é um patrimônio cultural brasileiro, expressa:



Pintura rupestre da Toca do Pajau – PI.

Fonte: www.betocelli.com.

- a) como devemos caçar.
- b) a organização política de um povo indígena e a hierarquia entre seus membros.
- c) aspectos da vida cotidiana de grupos que viveram no Brasil.
- d) os rituais religiosos de sacrifícios.
- e) a constante guerra entre diferentes grupos.

19. Qual elemento da arte origina-se do agrupamento de diversos pontos dando uma sensação de direção:

- a) O ponto.
- b) A linha.
- c) O plano.
- d) O pixel.
- e) A tensão.

20. Os pontos em conjunto geram linhas e as linhas geram:

- a) Planos.
- b) Pixels.
- c) Retas.
- d) Linhas curvas.
- e) Linhas quebradas.

21. Na comunicação visual, as formas mais conhecidas por nós são:

- a) Quadrado, triângulo e círculo.
- b) Linhas, plano e ponto.
- c) Pixel, linha e plano.
- d) Esfera, cilindro e cone.
- e) Pixel, cilindro e cone.

22. Na comunicação visual, as formas nos remetem a algumas sensações, no quadrado são:

- a) raiva, rancor e ódio.
- b) honestidade, retidão e esmero.
- c) tristeza, agonia e melancolia.
- d) irritação, agonia e equilíbrio.
- e) honestidade, retidão e euforia.

23. (ENEM 2008, questão 37) O que Jean-Baptiste Debret registra na pintura abaixo.



Jean-Baptiste Debret. Entrudo, 1834.

Fonte: Domínio público.

- a) registram-se cenas da vida íntima dos senhores de engenho e suas relações com os escravos.
- b) identifica-se a presença de traços marcantes do movimento artístico denominado Cubismo.
- c) identificam-se, nas fisionomias, sentimentos de angústia e inquietações que revelam as relações conflituosas entre senhores e escravos.
- d) observa-se a composição harmoniosa e destacam-se as imagens que representam figuras humanas.
- e) constata-se que o artista utilizava a técnica do óleo sobre tela, com pinceladas breves e manchas, sem delinear as figuras ou as fisionomias.

24. São outros exemplos de artes visuais citados nas aulas que usam as três dimensões como suporte para sua realização, além da pintura, desenho e escultura:

- a) Música, poesia e performance.
- b) Música, teatro e gravura.
- c) Instalação, modelagens e arquitetura.
- d) Cinema, teatro e poesia.
- e) Bordado, cinema, grafite.

25. O termo artemídia significa, segundo o que você aprendeu na aula 9:

- a) Produção artística feita pela mídia para fazer propagandas publicitárias.
- b) Produções artísticas que se apropriam de recursos tecnológicos digitais, da mídia, dos processos de difusão de informação e uma de suas propostas é questionar sua essência.
- c) Produções artísticas feitas pelos meios de comunicação para divulgar produtos tecnológicos midiáticos.
- d) Produções artísticas feitas pela Academia Brasileira de Letras para divulgar seus editais.
- e) Produções artísticas das companhias de produção artísticas que usam dos meios de comunicação para divulgar seus trabalhos.

26. (ENEM 2009) Gênero dramático é aquele em que o artista usa como intermediário entre si e o público a representação. A palavra vem do grego drao (fazer) e quer dizer ação. A peça teatral é, pois, uma composição literária destinada à apresentação por atores em um palco, atuando e dialogando entre si. O texto dramático é complementado pela atuação dos atores no espetáculo teatral e possui uma estrutura específica, caracterizada: 1) pela presença de personagens que devem estar ligados com lógica uns aos outros e à ação; 2) pela ação dramática (trama, enredo), que é o conjunto de atos dramáticos, maneiras de ser e de agir das personagens encadeadas à unidade do efeito e segundo uma ordem composta de exposição, conflito, complicação, clímax e desfecho; 3) pela situação ou ambiente, que é o conjunto de circunstâncias físicas, sociais, espirituais em que se situa a ação; 4) pelo tema, ou seja, a ideia que o autor (dramaturgo) deseja expor ou sua interpretação real por meio da representação.

COUTINHO, A. Notas de teoria literária. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973 (adaptado).

Considerando o texto e analisando os elementos que constituem um espetáculo teatral, conclui-se que:

- a) a criação do espetáculo teatral apresenta-se como um fenômeno de ordem individual, pois não é possível sua concepção de forma coletiva.
- b) o cenário onde se desenrola a ação cênica é concebido e construído pelo cenógrafo de modo autônomo e independente do tema da peça e do trabalho interpretativo dos atores.

- c) o texto cênico pode originar-se dos mais variados gêneros textuais, como contos, lendas, romances, poesias, crônicas, notícias, imagens e fragmentos textuais, entre outros.
- d) o corpo do ator na cena tem pouca importância na comunicação teatral, visto que o mais importante é a expressão verbal, base da comunicação cênica em toda a trajetória do teatro até os dias atuais.
- e) a iluminação e o som de um espetáculo cênico independem do processo de produção/recepção do espetáculo teatral, já que se trata de linguagens artísticas diferentes, agregadas posteriormente à cena teatral.

27. Pensando nas sensações passadas pelas formas na comunicação visual, qual forma nos remete a sensação de movimento?

- a) Quadrado.
- b) Círculo.
- c) Triângulo.
- d) Pentágono.
- e) Losango.

28. A junção de pontos em um único sentido forma outro elemento visual. Qual?

- a) O ponto.
- b) A linha.
- c) A forma.
- d) O pixel.
- e) A cor.

29. Pensando nas sensações passadas pelos elementos das artes visuais a linha na direção diagonal causa:

- a) Sensação de alegria, desprendimento, extroversão.
- b) Tem efeito perturbador, é oposta a instabilidade e é provocadora de formulações visuais.
- c) Causa equilíbrio.
- d) Tem significado ligado ao movimento.
- e) Causa felicidade.

30. Identidade visual é:

- a) Símbolos iguais numa propaganda publicitária.
- b) Documentos que comprovem as cores de uma determinada obra de arte.
- c) É o conjunto de elementos formais únicos que representam um grupo, instituição ou pessoa.
- d) São pontos, formas e linhas.
- e) Documentos que comprovam a veracidade de determinada obra de arte.

31. Segundo o texto da aula 4, qual combinação de cores formam uma boa combinação para a comporem uma identidade visual para negócios ligados a restaurantes, lanchonetes fast food?

- a) Amarelo e azul.
- b) Amarelo, rosa e branco.
- c) Amarelo e vermelho.
- d) Azul, amarelo e branco.
- e) Azul, preto e cinza.

32. O autor Farina, é citado no texto por conta da suas interpretações em relação às cores na comunicação visual, para ele a cor cinza nos remete a:

- a) Tédio, tristeza, decadência, velhice, desânimo, seriedade, sabedoria, passado, finura, pena, aborrecimento, carência vital.
- b) Alegria, fome, sono, riqueza, sorte, angústia, criatividade, ilusão, tédio, raiva, ciúmes, inveja.
- c) Morte, tristeza, depressão, ódio, raiva, ignorância, aborrecimento, sono, irritação, preguiça.
- d) Morte, finura, pena, aborrecimento, carência vital, fome, sono, riqueza, sorte, angústia.
- e) Alegria, depressão, ódio, raiva, ignorância, aborrecimento, sono, finura, pena, sorte, angústia.

33. Numa obra de arte, organizamos elementos visuais como pontos, cores, linhas, formas, a essa organização damos o nome de:

- a) Identidade.
- b) Composição.
- c) Comunicação.
- d) Produto final.
- e) Textura.

34. (ENEM 2009) Teatro do Oprimido é um método teatral que sistematiza exercícios, jogos e técnicas teatrais elaboradas pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal, recentemente falecido, que visa à desmecanização física e intelectual de seus praticantes. Partindo do princípio de que a linguagem teatral não deve ser diferenciada da que é usada cotidianamente pelo cidadão comum (oprimido), ele propõe condições práticas para que o oprimido se aproprie dos meios do fazer teatral e, assim, amplie suas possibilidades de expressão. Nesse sentido, todos podem desenvolver essa linguagem e, conseqüentemente, fazer teatro. Trata-se de um teatro em que o espectador é convidado a substituir o protagonista e mudar a condução ou mesmo o fim da história, conforme o olhar interpretativo e contextualizado do receptor.

Companhia Teatro do Oprimido. Disponível em: www.ctorio.org.br. Acesso em: 1 jul. 2009 (adaptado).

Considerando-se as características do Teatro do Oprimido apresentadas, conclui-se que:

- a) esse modelo teatral é um método tradicional de fazer teatro que usa nas suas ações cênicas a linguagem rebuscada e hermética falada normalmente pelo cidadão comum.
- b) a forma de recepção desse modelo teatral se destaca pela separação entre atores e público, na qual os atores representam seus personagens e a plateia assiste passivamente ao espetáculo.
- c) sua linguagem teatral pode ser democratizada e apropriada pelo cidadão comum, no sentido de proporcionar-lhe autonomia crítica para compreensão e interpretação do mundo em que vive.
- d) o convite ao espectador para substituir o protagonista e mudar o fim da história evidencia que a proposta de Boal se aproxima das regras do teatro tradicional para a preparação de atores.
- e) a metodologia teatral do Teatro do Oprimido segue a concepção do teatro clássico aristotélico, que visa à desautomação física e intelectual de seus praticantes.

35. A obra do artista Marcel Duchamp “O nu descendo a escada” é considerada uma obra que reproduz com fidelidade ao movimento, pois:

- a) Foi feita com recursos visuais avançados tecnologicamente.
- b) O artista filmou uma pessoa descendo a escada.
- c) O artista se utiliza dos mesmos efeitos imagéticos além de papel fotográfico para dar a sensação deslocamento da figura.
- d) O artista produziu uma maquete de uma pessoa descendo escadas.
- e) O artista se utiliza dos mesmos efeitos imagéticos além como a escultura para dar a sensação deslocamento da figura.

36. A técnica de stop motion na animação:

- a) Consiste em filmar os elementos que estarão em movimento e depois criar o efeito de animação.
- b) Consiste num conjunto de sucessivas imagens que juntas dão aos nossos olhos a sensação de movimento
- c) É um brinquedo criado por dois ingleses: Fitton e Paris no início do século XIX.
- d) Consiste em criar um audiovisual a partir de sons capturados por um microfone adequado.
- e) É a forma mais complexa de filmagens, pois exige uma tecnologia de ponta como super filmadoras e potentes iluminações.

37. Os elementos essenciais que caracterizam uma obra tridimensional são:

- a) Luz, cor e forma.
- b) Ponto, linha e plano.
- c) Altura, largura e profundidade.
- d) Cores quentes e frias.
- e) Luz, ponto e linha.

38. Existem obras bidimensionais que usam de diversos efeitos para dar esta sensação de tridimensionalidade. Algumas das técnicas usadas para dar ao observador a sensação de três dimensões, podemos usar para isso a técnica:

- a) Da perspectiva.
- b) Do *Stop motion*.
- c) Da animação.
- d) Da performance.
- e) Da pintura chapada.

39. Na aula 14 apresentamos o termo readmad que foi usado pela primeira vez com o artista Marcel Duchamp e consiste em:

- a) Uma obra de instalação feita com materiais diversos.
- b) Uma pintura com característica de obra tridimensional.
- c) Na apropriação de um objeto do cotidiano para uma função artística.
- d) Uma obra de instalação feita com materiais usados somente para fazer arte.
- e) Uma pintura com característica de obra feita com cordas.

40. Numa obra de arte figurativa:

- a) O artista produz uma obra que usa de elementos formais diversos dando a ideia de naturalidade.
- b) é fácil a identificação de figuras conhecidas da nossa realidade.
- c) é feita com formas aleatórias.
- d) é feita com figuras geométricas.
- e) Todas estão corretas.

41. Na arte abstrata o artista cria novas formas, distorce a realidade que parece que a sua representação não trata de um mundo que conhecemos, para representá-lo ele usa formas orgânicas e geométricas, que significam:

- a) As formas orgânicas são formas incertas, não simétricas e que lembram a natureza (folhas, células, etc.) e as formas geométricas são mais rígidas e preocupadas com a exatidão.
- b) As formas orgânicas são mais rígidas e exatas e as geométricas lembram organismos da natureza.
- c) As formas orgânicas são formas livres e coloridas e as formas geométricas exatas e em preto e branco.
- d) As formas orgânicas são totalmente rígidas e exatas e as geométricas lembram organismos da natureza.
- e) As formas orgânicas são totalmente livres e coloridas e as formas geométricas exatas e em preto e branco.

42. Na técnica de colagem os artistas:

- a) Copiavam outras obras, sem acréscimo de outros materiais e anexavam ao seu trabalho.
- b) A técnica não permite a adição de papéis, lascas de madeira e outros materiais.
- c) Imprimiam diversas obras de arte.
- d) Copiavam obras e anexavam ao seu trabalho, sem alterar o sentido inicial da obra.
- e) Adicionavam papéis, jornais, revistas, lascas de madeira e outros materiais.

43. Com as colagens, a obra ganhava um sentido especial, diferente em relação às que tinham apenas a técnica de pintura. O diferencial nas colagens era que:

- a) O artista não comprava os materiais, os retirava da natureza, reciclando-os.
- b) A mimese era o ponto forte de uma obra com colagens.
- c) O artista não se preocupava em criar, pois tinha tudo o que precisava no mundo real.
- d) O artista não representava apenas a realidade. Ele tirava um pedaço dela e anexava à obra.
- e) Tudo o que tem na natureza é perfeito não cabendo outros olhares.

44. A colagem também é usada para confusão visual e hoje em dia é feita no computador, esse tipo de técnica também é chamada:

- a) Fotorealismo.
- b) Stop motion.
- c) Fotomontagens.
- d) Cubismo sintético.
- e) Cubismo analítico.

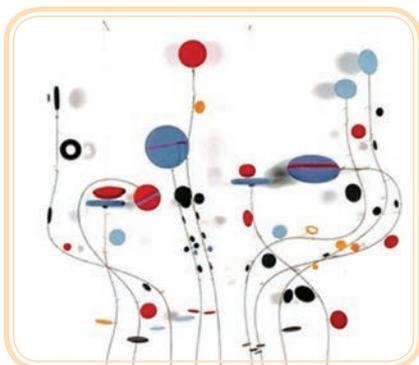
45. Pop art foi um movimento artístico ocorrido entre as décadas de 50 e 60 na Europa e Estados Unidos, nesse movimento os artistas:

- a) Questionavam a massificação da cultura popular do capitalismo.
- b) Valorizavam a cultura local e o folclore.
- c) Utilizavam elementos da arte do povo da sua comunidade.
- d) Apoiavam a comunicação de massa e a mídia.
- e) Não valorizavam a cultura local e o folclore.

46. No Teatro Experimental do Negro – TEN, que aconteceu entre 1944/1961, no Rio de Janeiro/RJ. A ideia principal era:

- a) A desvalorização do negro, expondo-o.
- b) O agenciamento do trabalho negro em troca de fama.
- c) A valorização do negro pelo teatro.
- d) A desvalorização do trabalho do negro.
- e) Um protesto contra as mulheres que trabalham.

47. (ENEM, 2009) Observe a obra “Objeto Cinético”, de Abraham Palatnik, 1966.



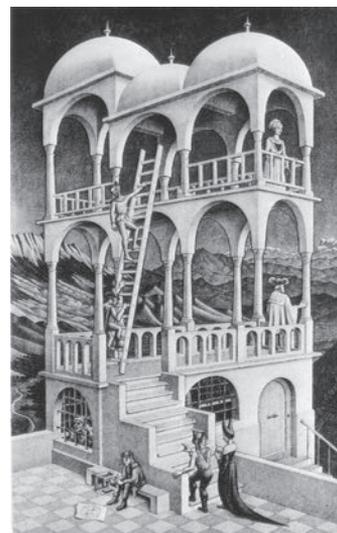
A arte cinética desenvolveu-se a partir de um interesse do artista plástico pela criação de objetos que se moviam por meio de motores ou outros recursos mecânicos. A obra “Objeto Cinético”, do artista plástico brasileiro Abraham Palatnik, pioneiro da arte cinética:

- a) é uma arte do espaço e da luz.
- b) muda com o tempo, pois produz movimento.
- c) capta e dissemina a luz em suas ondulações.
- d) é assim denominada, pois explora efeitos retinianos.
- e) explora o quanto a luz pode ser usada para criar movimento.

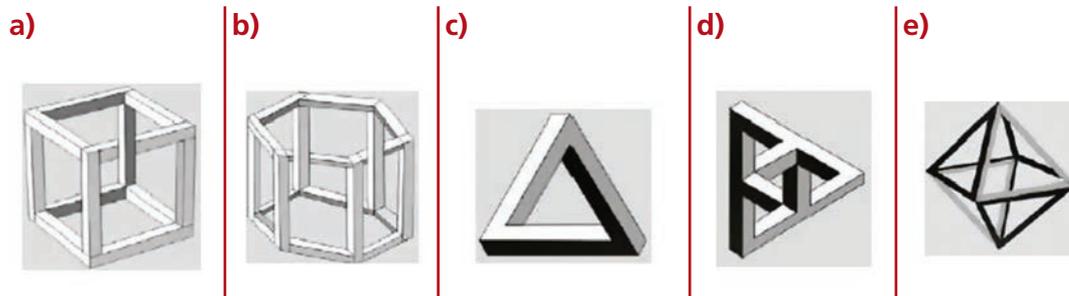
48. É elemento fundante da comunicação visual e graficamente é o menor:

- a) O ponto.
- b) A linha.
- c) O plano.
- d) A reta.
- e) O quadrado.

49. (ENEM 2007) Representar objetos tridimensionais em uma folha de papel nem sempre é tarefa fácil. O artista holandês Escher (1898-1972) explorou essa dificuldade criando várias figuras planas impossíveis de serem construídas como objetos tridimensionais, a exemplo da litografia Belvedere, reproduzida ao lado.



Considere que um marceneiro tenha encontrado algumas figuras supostamente desenhadas por Escher e deseje construir uma delas com ripas rígidas de madeira que tenham o mesmo tamanho. Qual dos desenhos a seguir ele poderia reproduzir em um modelo tridimensional real?



50. Englobando cidadania e conscientização racial na sua proposta de ação, o TEN trabalhava para recrutar seu elenco entre pessoas oriundas do operariado, empregadas domésticas e pessoas sem profissão definida. Pensando na fragilidade e desamparo de seus futuros atores e atrizes, o TEN realizava também cursos de alfabetização para que os mesmos pudessem ler e ensaiar as peças.

O que significa a sigla TEN?

- a)** Terra Existência Navegação.
- b)** Teatro Experimental do Negro.
- c)** Teatro Existencial da Negação.
- d)** Teatro Encontros e Negação.
- e)** Teatro de Exigências Negras.

Currículos dos professores-autores

Rosangela Gonçalves de Oliveira

Licenciada em Educação Artística plena em Desenho pelo Centro Universitário Feevale (RS), especialização em Gestão de Sistema Estadual de Ensino pela PUC/PR, especialização em EJA e mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná. Professora efetiva do Instituto Federal do Paraná, Educação a Distância (IFPR/EaD). Pesquisadora do grupo interinstitucional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná - ProEJA com financiamento CAPES.

Pesquisa do grupo Juventude, escola e trabalho da UFPR. Atuante, também, na formação de alfabetizadores de adultos do Programa Paraná Alfabetizado. Tenho experiência tecnologia da informação, Televisão, EJA e ProEJA. Interesse em trabalhos com Arte, audiovisual e/ou televisão, Juventude, EJA, ProEJA, e EaD.

Rozane Suzart Gesteira

Possui graduação em Desenho e Plástica pela Universidade Federal da Bahia (2004) e mestrado em Educação pela Universidade de Passo Fundo (2008). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Webdesign, atuando principalmente nos seguintes temas: arte digital, cibercultura, identidade visual, design gráfico e tecnologia.

